Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde

contando várias histórias

Renata Palandri Sigolo (Org)

Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias

Renata Palandri Sigolo (org.)

Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias

Florianópolis
NUPPe / UFSC
2015

Índice

I'm really quite simple.
I don't want to be in the business full time, because I'm a gardener.
I plant flowers and watch them grow. I don't go out to clubs.
I don't party. I stay at home and watch the river flow.[1]
George Harrison (I,Me, Mine, 1980)

APRESENTAÇÃO

Escrever sobre plantas medicinais é reativar um dos conhecimentos mais utilizados em todo nosso caminhar como seres humanos ao longo do tempo. O uso de ervas para fins curativos sempre foi uma constante na história dos cuidados terapêuticos. Porém, o modo de utilizar a "botica da natureza", sempre dependeu do contexto histórico e social no qual seus usuários estiveram inseridos. Este livro pretende analisar alguns destes momentos de interação entre seres humanos e a flora medicinal, discutindo de que maneira determinados contextos históricos contribuíram para a construção desta relação e como se efetivaram diferentes lógicas de interpretação em saúde e doença.

Vários textos que compõem este livro foram desenvolvidos por alguns dos estagiários em História da Universidade Federal de Santa Catarina que participaram do projeto "Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias". Nosso objetivo foi, durante estes quatro anos de projeto de extensão, oferecer uma dupla contribuição social: enriquecer o debate sobre história e usos de plantas medicinais no ensino básico e especial e, ao mesmo tempo, oferecer aos nossos estagiários o contato com todas as etapas que envolvem o processo escolar.

A experiência que resultou nesta publicação foi realizada, principalmente, na Educação de Jovens e Adultos do núcleo Centro 1, em Florianópolis. O contato entre nossa equipe e o conjunto de professores do núcleo ocorreu quando, em visita à escola por ocasião de outro projeto, constatamos a existência de uma horta e fomos informados de que o professor Paulo era responsável por seu cuidado esmerado. Rapidamente, travamos conhecimento com o coletivo de professores e começamos a construção das oficinas de extensão junto à EJA.

---

1 *Sou realmente muito simples.Eu não quero estar no mundo dos negócios o tempo todo, pois sou um jardineiro. Planto flores e as vejo crescer.Não vou a clubes. Não faço festas. Fico em casa e vejo o rio correr.*

Mesmo com o bom acolhimento da escola, a começar pela Gerência de Formação Permanente que muito nos auxiliou, inúmeros foram os percalços ao longo do caminho. Muito do material de pesquisa precisou ser traduzido de idiomas estrangeiros, houve alguma dificuldade em trabalhar com turmas tão heterogêneas e flutuantes como é característica da Educação de Jovens e Adultos e, inicialmente, nossa inabilidade em relação a um ensino dialogado, através da pesquisa, foi um fator a ser superado, juntamente com nossa tendência ao "academicês". Porém, nada foi tão difícil quanto a transformação pela qual a escola passou no ano de 2012 quando, por ocasião de um evento de arquitetura e designer, tanto a equipe do LABHISS quanto professores e, principalmente, alunos da EJA foram segregados da livre circulação e uso do espaço escolar e da mostra.

Por ocasião deste evento a horta, que antes estava no coração da escola, foi destruída para ser substituida por um jardim que não contou com a participação de nenhum de nós. O projeto coletivo continuou a ser ameaçado ainda este ano, uma vez que a EJA é constantemente pressionada a deixar o espaço da Escola Silveira de Souza, para que seja ocupado "exclusivamente" por uma escola de música. O ensino de EJA e seus participantes não são suficientemente bons para ocuparem um "espaço nobre" da cidade? Quais serão as consequencias de todos estes atos de segregação que o grupo vem sofrendo e que representam um movimento muito maior que envolve toda a sociedade?

Nosso projeto é bastante modesto e é uma gota no oceano, mas possui um objetivo muito vasto. Não se trata de "levar o conhecimento" mas de estimular a curiosidade pelo conhecimento e fornecer algumas ferramentas para que ele possa ser cultivado. Neste livro, que pode ser utilizado não só por alunos e professores de EJA, é possível encontrar três tipos de texto para cada tópico: o texto de base, o texto "para saber mais", que complementa o texto principal e o "trabalhando com fontes históricas". Este último é a transcrição ou tradução de uma fonte referente ao tema do texto principal e que pode ser utilizado em exercícios de interpretação e debate sobre o tópico tratado.

Não pretendemos oferecer todos os elementos necessários para abordar, em sala de aula, os contextos que selecionamos: textos e fontes são apenas o ponto de partida para pesquisas que devem ser desenvolvidas tanto por professores quanto por estudantes, no objetivo de ampliar e partilhar saberes. Além da linguagem escrita, pretendemos comunicar através de imagens: por isso, o leitor vai encontrar desenhos compostos por nossos

ilustradores, Anderson, Phillipi e Tomás, que fornecem, ainda, uma outra interpretação ao tema.

Este livro foi composto coletivamente, assim como tem sido o trabalho no Laboratório de História, Saúde e Sociedade (LABHISS). Agradeço, em especial, a todos os estagiários do LABHISS que se envolveram no projeto, aos alunos e professores da EJA Centro 1 e ao MEC/PROEXT pelo apoio financeiro. Um especial agradecimento ao Horto Didático de Plantas Medicinais do HU, na pessoa do Dr. César Simionato e ao Núcleo de Permacultura/CFH, na pessoa do Prof. Arthur Nanni. Porém, não tenho como expressar minha gratidão a todas as pessoas que possibilitaram a realização deste projeto e que acreditaram no que ele pode proporcionar não só ao ensino de história como, também, para a construção de autonomia em relação aos cuidados com a saúde e o autoconhecimento. Desejo que este livro possa beneficiar a todos aqueles que buscam este tipo de experiência.

Renata Palandri Sigolo

LABHISS/UFSC

A EJA Centro I Matutino/Vespertino e o Projeto Plantas Medicinais e os Cuidados com a Saúde: Contando várias Histórias

Professora Regina Helena Seabra
Núcleo EJA Centro 1/Florianópolis

Desde 2011, trabalhamos coletivamente em parceria com a Professora Renata do Departamento de História da UFSC no Projeto Plantas Medicinais e os cuidados com a Saúde: contando várias histórias. O projeto se justifica no currículo (post-factum) explícito e oculto que construímos com e para Jovens, Adultos e Idosos da EJA Centro I Matutino/Vespertino.

Trabalhamos com a pesquisa como Princípio Educativo e decorre disso que nossos estudantes são expostos diáriamente à estratégias pedagógicas que os estimulem e ajudem no seu letramento própriamente dito, bem como na apropriação de conhecimentos necessários para a sua formação como sujeitos cidadãos. Dessa forma, nosso ponto de partida, como docentes, são os interesses, as necessidades dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos que dão continuidade ou retornam aos seus estudos.

O Projeto Plantas Medicinais e os Cuidados com a Saúde: contando várias histórias vem de encontro com o currículo Multidisciplinar que perseguimos com e para nossos sujeitos, estudantes da EJA. Um currículo que, junto com os interesses e conhecimentos desses sujeitos, quer possibilitar apropriação de novos conhecimentos pertinentes para a vida, para a CONvivência, para SER social.

Como Professora com Licenciatura em Letras e Especialização em Práticas Interdisciplinares, considero que esse conhecimento trazido pelo projeto é do campo de interesse de todas as áreas, e que possibilita o planejamento de parcerias pedagógicas interdisciplinares. O conhecimento, a partir das experiências de vida dos educandos, tem sentido concreto e portanto, torna-se palpável a sua problematização e desencadeamento de ações pedagógicas que que corroboram para a apropriação do Letramento dos sujeitos Jovens, Adultos e Idosos.

Além disso, o Projeto de Plantas Medicinais, envolve os discentes e docentes do Núcleo EJA Centro I Matutino/Vespertino, que acrescentam as suas experiências de vida acumuladas, os seus saberes culturais, suas próprias histórias sobre as plantas medicinais. A partir disso, novos saberes, novas histórias podem ser pesquisados/as, des-cobertos/as e por consequência, apropriados/as.

Índice de ilustrações

1. Mundo verde na "terra preta": a importância dos vegetais e das plantas medicinais no antigo Egito

Renata Palandri Sigolo

O Egito era, na antiguidade, um espaço bastante diverso do que é hoje. Uma das diferenças mais marcantes está no fato dos egípcios identificarem seu espaço com o termo *kmt*, que significa "terra preta", em contraste com os desertos vizinhos, identificados como *dashret*, ou seja, "terra vermelha"[1]. Esta dualidade está presente em todos os aspectos do pensamento egípcio e irei explorá-la em diferentes momentos neste texto. O mais evidente sinal deste par de opostos é observável na paisagem egípcia e se deve, em grande parte, à presença do rio Nilo.

A região do rio Nilo passou por muitas modificações climáticas no período que vai de aproximadamente 5500 à 2350 a.C, quando algumas partes dos atuais desertos próximos ainda eram habitadas por vários animais que atraiam caçadores. Faixas de cerca de cinco a seis quilômetros de distância em cada margem do rio Nilo eram ocupadas pela presença humana. Neste intervalo de tempo, a partir de 3300 a.C, no período Pré-Dinástico, houve uma grande queda na quantidade de chuvas que reduziu a fauna e a flora da região, acentuando a dependência humana em relação às margens férteis do rio[2].

Com chuvas ausentes no Sul e muito diminutas no Norte[3], o Egito ficou condicionado ao regime fluvial do Nilo para o desenvolvimento de sua agricultura. Uma das características do rio é a regularidade e previsibilidade de suas cheias, muito maior do que a de outros rios importantes da antiguidade, como o caso do Tigre e do Eufrates, que banhavam a Mesopotâmia. As águas do rio Nilo dependem do derretimento das neves na atual Etiópia e das chuvas nos países que hoje conhecemos por Uganda e Tanzânia[4].

As cheias do Nilo, que irrigavam e fertilizavam a terra, ocorriam anualmente e se iniciavam em junho[5], em Assuã, dirigindo-se ao Norte

---

1. BAKOS, Margaret M. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS,1994.p.60.
2. CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: UNB, 1994. p. 18-19
3. HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. **Egipto**: pessoas, deuses, faraós. Lisboa: Tashen, 2003. p. 16.
4. CARDOSO, Op. Cit. p,18.
5. Os nomes dos meses correspondem à nossa nomenclatura e não a dos egípcios antigos. Para eles, o ano era medido pelo tempo necessário para uma colheita e era dividido em três estações: akhit (inundação), perit (emergência das terras) e chemu (colheita). Cf: MONTET, Pierre. **O Egito no**

e atingindo Mênfis cerca de três semanas depois.Em julho, as águas ultrapassavam as margens do rio de uma altura de dois metros ou mais. Em meados de agosto até setembro o vale ficava inundado, sendo que as cheias diminuíam gradualmente e, no final de outubro, o nível das águas voltava ao normal, deixando uma camada de terra negra rica em húmus e bastante fértil. Após o retorno das águas ao nível normal, era possível observar bacias ou depressões cheias de água, que era levada para regiões mais distantes do leito através de um sistema de irrigação usando canais[6].

Apesar de previsíveis, as cheias do rio Nilo poderiam ser irregulares, causando escassez ou excesso de águas, sendo ambas as situações prejudiciais para a agricultura. Era fundamental tentar prever o volume das enchentes: para isso, os egípcios mediam a altura das águas nos nilômetros, em ao menos vinte locais diferentes ao longo do rio. Além de estimar a possibilidade de escassez de colheitas, este cálculo também auxiliava na cobrança de impostos[7].

O período que se seguia às cheias era de intenso trabalho, a fim de reparar diques e canais. Também a cava, a lavra e a sementeira eram efetuadas, pois o plantio dependia dos sulcos feitos pelo arado puxado por bois ou por enxadas na terra ainda úmida, que recebia as sementes. Após a semeadura, o agricultor ainda precisava vigiar os campos para que nenhum animal destruísse a plantação e inviabilizasse a colheita. Antes da colheita, durante o processo de maturação das plantas, era indispensável irrigar a plantação com água recolhida nas bacias e levada aos campos através de canais, que eram regulados por barreiras e diques[8].

O regime fluvial acentuava o contraste entre "terra negra" e "terra vermelha" e demonstrava que nem sempre havia como garantir a prevalência da primeira sobre a segunda. Esta dualidade – que Norman Cohn[9] chamou de Cosmos e Caos – sempre dependia de certa harmonia onde os pares de opostos conviviam, não havendo a aniquilação de um pelo outro. Para poder compreender esta visão de mundo, que pautava todas as atividades na manutenção da "terra negra", é preciso entender como os mitos operavam entre os egípcios.

---

tempo de Ramsés. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 39-42.

6. CAMINOS, Ricardo A. O camponês. In: DONADONI, Sérgio (org.). **O homem egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.p.17.

7. HAGEN, Rose-Marie; HAGEN,Rainer. Op.Cit, p.16.

8. CAMINOS, Ricardo. Op.Cit., p.20-21.

9. COHN, Norman. **Caos, Cosmos e o mundo que virá**. As origens das crenças no Apocalipse.São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Em primeiro lugar, precisamos ter clareza do que é mito. Muitas vezes, a palavra mito é tomada, principalmente pelo senso comum, em oposição à "verdade". Se queremos compreender os mitos construídos por qualquer sociedade, precisamos afastar este conceito que aproxima o mito a uma "historinha inventada", própria de sociedades que "ainda não conheciam" a ciência ou o pensamento racional. Tomando as ideias de Mircea Eliade como guia, compreendemos o mito como uma forma importante de revelar como uma realidade veio a existir. Segundo o autor, "o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado no mundo"[10] e, assim, estabelece modelos para todas as atividades mais importantes de uma sociedade.

Podemos observar estas duas funções apontadas por Eliade no mito de criação que está profundamente ligado às condições geográficas do antigo Egito. Eram diversas as versões do mito de origem; porém, a mais conhecida foi a difundida pela cidade de Heliópolis. Nela, a primeira coisa a existir foi o Nun, concebido como um oceano ilimitado. Em seu interior indiferenciado, em estado latente, se encontrava a substância com a qual o mundo seria formado. Nele também se encontrava o demiurgo, ou seja, o deus que iria modelar o mundo a partir desta substância ou que iria provocar a diferenciação e a definição de tudo.

Em uma das versões, a primeira manifestação do demiurgo ocorre quando uma pequena ilha – o outeiro primordial – emerge das águas do Nun, em uma referência direta ao retorno das águas do Nilo que, anualmente, fertilizava suas margens, possibilitando a criação e manutenção da vida. Esta "primeira ocasião" marca o aparecimento do demiurgo, graças ao qual "a unidade se transformou em multiplicidade"[11].

Para a cidade de Heliópolis, o deus sol Rá (ou Re), identificado com um antigo deus tribal da região, Atum – que significa "o completado"- era considerado o demiurgo. No mito heliopolitano, cansado de flutuar no Nun, Ra sobe ao outeiro primordial e cria a primeira geração de deuses. Ele também era análogo aos deuses Khépri e Hórus , além de ser identificado com a maioria dos principais deuses de diversas cidades egípcias[12]. Esta possibilidade de corresponder-se a outros deuses é chamada de kheperu e pode ser interpretado como "a soma de personalidades passageiras e

10. ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.86.
11. COHN, Norman. Op.Cit., p.19.
12. Ibidem,p.20.

complementares, adotadas por uma divindade”[13].

A dualidade complementar que fazia parte do pensamento egípcio estava presente no trajeto diário feito por Rá, e que podia ser constatado através da alternancia de dia e noite, luz e trevas. Todo o dia, quando o sol se punha, Rá navegava com sua barca pelo mundo inferior, sendo ameaçado pela serpente Apófis, que tentava bloquear a passagem bebendo as águas do rio pelo qual passava a barca solar. Travava-se, então, uma luta entre o cosmos, representado por Rá, e o caos, personificado por Apófis, onde este era controlado, mas jamais aniquilado, uma vez que o combate recomeçava a cada noite. O surgir do dia sinalizava a vitória de Rá, que tinha conseguido sair triunfante e manifestar-se através de sua presença na terra durante o dia[14].

Há outro mito igualmente importante que demonstra a presença do divino no mundo e estabelece um modelo de comportamento entre os egípcios, que é o conflito entre o deus Osíris e o deus Seth. Seth pertence à terceira geração de deuses, sendo irmão de Osíris, Isis e Néftis; esta última, a sua esposa.

Osíris, marido de Isis e filho mais velho dos deuses Geb (a terra) e Nut (o céu), herda o governo da terra, obviamente aqui limitada pela “terra negra”. Ele ensina aos seres humanos a agricultura, as leis e a civilização. Seth, seu irmão, tem ciúmes de sua posição de soberano e engendra um plano para assassiná-lo. Convida-o para um banquete e nele propõe um jogo: uma arca é apresentada aos convidados que devem experimentá-la, recebendo o prêmio aquele que nela caber. Obviamente, Seth havia feito a arca com as dimensões exatas de seu irmão, que nela entra e é aprisionado.

Osíris, morto e preso na arca, é atirado ao rio Nilo e sua esposa, Isis, parte em sua busca, encontrando-o no porto de Biblos. Ela consegue trazer Osíris de volta ao Egito e concebe dele um filho, o deus Hórus. Porém, Seth descobre o cadáver do irmão e o corta em pedaços que espalha pelo Egito. Isis, com a ajuda de Néftis, consegue recolher suas partes e o reconstitui, envolvendo seu corpo em faixas e produzindo a primeira múmia[15]. O deus Toth lhe devolve a vida e Osíris passa a reinar no Duat, o mundo dos mortos.

O mito do assassinato de Osíris mostra, entre outras coisas, a noção regenerativa que os egípcios tinham e que era observada no ciclo de dias e noites, no regime de cheias do Nilo, na sequencia entre morte e vida e no

13. BELER, Aude Gros de. **A mitologia egípcia**. Lisboa:Gama, 2001.p.24.
14. COHN, Norman. Op.Cit.,p.38.
15. BELER, Aude Gros de. Op. Cit., p.74.

ciclo agrícola. Osíris era identificado com a semente que “morre” para dar nascimento à planta: nos “Mistérios de Osíris”, se plantavam grãos em um recipiente com o formato do deus, com o objetivo de estimular a regeneração da natureza[16]. Esta concepção também está conectada à forma como os egípcios concebiam a morte, ou seja, como a percebiam como uma “passagem” a uma nova vida no Duat.

O que se plantava e colhia no antigo Egito? Antes mesmo de considerarmos as culturas que dependiam do cuidado humano, precisamos mencionar plantas que foram fundamentais para o registro da escrita, meio importante para que pudéssemos compreender como os egípcios viviam na antiguidade: o papiro (*Cyperus papyrus*) e o junco (*Juncus* spp.). Com o primeiro se fazia o “papel” que recebia a escrita e com o segundo, o instrumento com o qual se escrevia.

Outra presença vegetal marcante no cotidiano egípcio era representada pelas plantas odoríferas, em especial aquelas destinadas às oferendas aos deuses e ao fábrico de perfume. O olfato era uma sensação muito apreciada entre os egípcios, tanto que o hieróglifo “nariz” aparecia nas palavras que tivessem a conotação de “alegria” ou “êxito em ser feliz”[17]. O perfume era representado por um deus específico, Neferten, “o senhor do nariz”, que tinha como símbolo a flor de lótus (*Faba ægyptiaca*). O lótus, muito apreciado para a confecção de perfumes, era um símbolo solar uma vez que suas flores desabrocham pela manhã para se fechar novamente à noite.Também uma das versões do mito que explicava o primeiro surgimento de Rá descreve o aparecimento de uma flor de lótus no lago de templo de Hermópolis, de onde surge o demiurgo em forma de criança[18].

As plantas perfumadas também estavam presentes nos espaços sagrados. Os egípcios acreditavam que a presença dos deuses era revelada através de um perfume, “a transpiração divina”[19]. Nos templos, mirra (*Commiphora molmol*) e incenso (*Boswellia sacra*) eram queimados em oferenda aos deuses, sendo estas substâncias também utilizadas nos embalsamamentos. Plantas cujo perfume era agradável também entravam na composição de óleos e unguentos para esfregar no corpo, muito importantes para manter a hidratação da pele em uma região onde o sol e o calor eram constantes.

---

16. COHN, Norman. Op. Cit., p.44.
17. HAGEN, Rose-Marie; HAGEN,Rainer.Op. Cit.., p.129.
18. COHN, Norman. Op.Cit., p.21.
19. HAGEN, Rose-Marie; HAGEN,Rainer.Op. Cit.,p.129.

Em relação aos produtos agrícolas, as principais culturas eram de cereais como o trigo (*Triticum dicoccum*) e cevada (*Hordeum* spp.). Seus grãos eram moídos até se tornarem farinha, com a qual se faziam pães, bolos e biscoitos e a palha que sobrava de sua colheita era aproveitada para ser usada como forragem ou no fábrico de tijolos ou cestos[20]. Além do pão, estes cereais entravam na preparação da cerveja, sendo ambos alimentos básicos no cardápio egípcio. Eram vários os formatos e variedades de pães, cuja preparação foi muito retratada nos túmulos egípcios[21].

Outro produto bastante importante no Egito antigo era o linho (*Linum usitatissium*). Este poderia ser colhido em diferentes períodos, dependendo de seu uso para a tecelagem: as plantas mais tenras eram usadas para o fábrico de tecidos finos enquanto que aquelas que atingiam seu crescimento máximo eram aproveitadas para fazer tecidos resistentes, cestos, cordas e redes. As sementes eram em parte separadas para as sementeiras e a outra se destinava à extração de óleo e ao preparo de medicamentos[22].

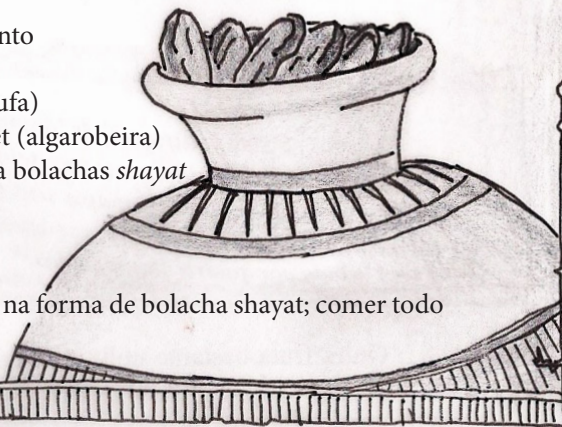
A separação entre medicamento e alimento não era evidente para os egípcios, assim como para outras sociedades: vários vegetais que entravam na composição de alimentos consumidos pelos egípcios também eram medicinais. Os pães eram produzidos em larga escala, em locais apropriados para sua fabricação e não menos importante era a *pâtisserie* egípcia. Uma grande variedade de doces e biscoitos era fabricada a partir de ingredientes animais e vegetais. Como adoçante, os egípcios usavam o mel ou então xarope de frutas, passas ou tâmaras[23]. A indicação de um biscoito a base se chufa, junça ou junco (*Cyperus esculentus*), que representa bem a união de receita culinária e médica, foi encontrada no papiro médico de Ebers, sendo utilizada para problemas digestivos:

---

20. CAMINOS, Ricardo A. Op.Cit.,p.22.
21. TALLET, Pierre. **História da cozinha faraônica**. A alimentação no Egito antigo.São Paulo: SENAC,2005. p.78.
22. CAMINOS,Ricardo A. Op.Cit.,p.23.
23. TALLET, Pierre. Op. Cit., p.78.

Bolachas shayat ou bolachas de chufa
Segundo o papiro médico Ebers

Ingredientes
- 5 poções ro (300ml) de vinho tinto
- 1/32 (600ml) de mel
- 1/8(2,40l) de fruta cheny-ta (chufa)
- ¼(4,80l) de suco da planta djaret (algarobeira)
- ¼(4,80l) de resina (massa?) para bolachas *shayat*
- ¼(4,80l) de gordura de ganso

Preparação
Deve-se cozinhar tudo e preparar na forma de bolacha shayat; comer todo o dia.[24]

A colheita obtida em hortas e pomares também entrava na composição tanto de alimentos quanto de remédios. As hortaliças eram muito importantes na dieta dos egípcios, que em sua maioria não tinham acesso à carne. As frutas, ao contrário, eram consumidas pela camada mais abastada da sociedade egípcia, uma vez que provinham de pomares pertencentes aos templos ou à nobreza[25]. Várias representações iconográficas de jardins, hortas e pomares chegaram até nós e retratam a importância deste espaço verde presente nas residências mais ricas, formando um microcosmos da "terra negra"[26].

Dentre as várias frutas disponíveis no Egito antigo, três merecem destaque por serem usadas na culinária e com fins medicinais: a tâmara, o figo e a uva. O fruto da tamareira (*Phoenix dactylifera*) era chamado de *bener* pelos egípcios e quer dizer "doce e açucarado". Sua árvore foi bastante representada na iconografia e parece ter sido cultivada por todo o Egito e a fruta aparece nos textos do Livro dos Mortos, como oferenda ao morto, e no preparo de várias receitas[27].

A tâmara era um dos adoçantes mais fáceis de se obter e se conservava por

---

24. Ibidem,p.84.
25. Ibidem,p.135.
26. NOBLECOURT, Christiane D. **A mulher no tempo dos faraós**. Campinas: Papirus, 1994.p.271.
27. TALLET, Pierre. Op. Cit. p.138-139.

um tempo considerável. Além do preparo de doces, cerveja e para aumentar o teor alcoólico do vinho, também era utilizada para fins medicinais. No Papiro de Ebers, existem várias receitas para o uso das tâmaras, especificamente para "expulsar a secreção *seryt* que provoca a tosse". Uma delas indica a utilização das sementes reduzidas a pó:

Eb.311(53,12-15)

Outro (remédio): caroço(?) de tâmaras esmagados. (Isto) será colocado em um pequeno saco de tecido, e este saco será colocado na chebet durante o dia onde esta é colocada no fogo. A massa será retirada (do fogo) e o saco limpo. Colocá-lo em um pote-henu, acrescentar água, filtrar como se faz para a cerveja. (Isto) será bebido por quatro dias seguidos.[28]

Outra fruta bastante utilizada pelos egípcios era o figo, embora a figueira (*Ficus carica*) não fosse nativa da região. Para os egípcios, a fruta tinha o formato dos seios da deusa Ísis, considerada exemplo de mãe e nutriz. Era consumida ao natural ou seca, sendo indicada também assada para males digestivos, em uma receita que é ao mesmo tempo sobremesa e remédio:

Remédio para dissipar as dores internas do corpo:
Segundo papiros médicos

Ingredientes
- figos torrados
- azeite de coco
- uvas passas
- fruta peret-sheny

Preparação
Pôr de molho em azeite de coco os figos, as passas e a fruta peret-sheny. Misturar tudo até obter uma massa homogênea, que deve ser ingerida por aquele que sentir dores no interior do corpo.[29]

28. BARDINET,Thierry. **Les papyrus médicaux de l'Égypte pharaonique.** Paris: Fayard, 1995. p. 299.
29. TALLET, Pierre. Op. Cit. p.140.

Por fim, a uva *aireret* era consumida no antigo Egito, sendo também uma planta exótica. As vindimas eram mais constantes no Delta do Nilo, principalmente para a fabricação de vinho, considerado "as lágrimas de Hórus"[30]. O vinho era produzido por pisoteamento e era armazenado em jarras onde se inscrevia o ano, aprodução e o nome dos vinhateiros[31], mas seu consumo não era tão difundido quanto a cerveja. As uvas poderiam também serem consumidas *in natura* ou em passas, sendo utilizadas na confecção de doces e também de medicamentos. Uma receita do Papiro de Ebers indica as passas de uva misturada ao mel, zimbro e outras plantas para "colocar fim a uma evacuação", ou seja, para curar diarréia[32].

Pierre Tallet cita a mandrágora (*Mandragora officinarum*) como planta cujos frutos eram utilizados pelos egípcios a partir do Novo Império, em um contexto religioso e simbólico[33]. Planta tóxica e com propriedades alucinógenas, muito provavelmente era empregada em filtros mágicos ou como narcótico, seu uso foi bastante retratado na Europa durante a Idade Média[34].

Dentre os legumes cultivados pelos egípcios e que tinham apelo nutricional e medicinal se enquadram o alho(*Allium* spp) e a cebola(*Allium cepa*). A cebola era um importante alimento para as camadas mais pobres da sociedade, também fazendo parte do cardápio oferecido ao morto. O alho foi descrito por Heródoto, juntamente com a cebola, como fazendo parte da alimentação de operários em construções, juntamente com os rabanetes[35].

O alho figurava em várias receitas médicas com diferentes indicações; porém, a mais marcante é como medicamento contra mordidas de serpentes. A planta que pensamos ser o alho é chamada *hedjou*, que significa "legume branco" e tem as características do legume que conhecemos hoje. Apesar de ter origem asiática, o alho parece ter chegado ao Egito bastante cedo, sendo citado não só em obras médicas como também em rituais religiosos. Dioscórides menciona o "alho das serpentes" existente em forma selvagem no Egito, mas talvez esta planta tenha sido substituída por outras variedades introduzidas na região[36].

---

30. LAWS,Bill. **50 plantas que mudaram o rumo da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013. p. 202.
31. MONTET, Pierre. Op. Cit., p.113.
32. BARDINET, Thierry. Op. Cit., p.257.
33. TALLET,Pierre. Op. Cit., p. 151.
34. BILIMOFF, Michèle. **Enquete sur les plantes magiques**. Rennes: Éditions Ouest-France, 2003. p. 41-45.
35. TALLET,Pierre. Op. Cit., p. 153.
36. BARDINET, Thierry. Op. Cit., p. 244-245.

Dentre todas as plantas que partilham igualmente a mesa e a cabeceira do doente, as ervas aromáticas provavelmente são as mais numerosas. Tallet cita cominho, canela, coentro, gergelim, feno-grego, identificados em túmulos do Novo Império, além de mostarda, manjericão, salsinha, hortelã e anis[37]. O cominho (*Cuminum cyminum*) e o coentro (*Coriandrum sativum*), por exemplo, além de ingredientes culinários, eram usados no embalsamamento[38] e largamente citados em textos médicos, como esta receita pertencente ao Papiro de Ebers:

Eb.5(2 a,11-15)= H. 55

Outro(remédio), para o interior do corpo quando ele está doloroso: cominho: 1/64; gordura de ganso:1/8; leite: 20 ro. (Isto) será cozido, filtrado e depois absorvido.[39]

Quem tinha acesso às plantas medicinais no antigo Egito? Provavelmente, seu conhecimento e uso não se restringia aos "profissionais em medicina" da época, uma vez que muitas delas eram de alcance da população em geral que as empregava também na alimentação, como vimos. Porém, o maior número de fontes que as descreve provém dos papiros médicos, que também nos ajudam a compreender qual era a lógica de seu uso e o papel dos profissionais que as empregavam.

Vários papiros trazem textos médicos: Ebers, Berlim, Smith, Kahun, Hearst, Londres, Chester Beatty, Brooklyn, Carlsberg, Leyde. Além deste tipo de fonte, temos descrições de Heródoto, pinturas, estátuas e o exame dos restos humanos. Apesar desta boa gama de fontes, muitas vezes é difícil identificar quais plantas medicinais eram utilizadas pelos egípcios que possam corresponder aquelas que conhecemos hoje. Esta variedade de fontes também nos permite perceber que as concepções de doença dos egípcios antigos eram bastante diferentes das nossas, o que nos alerta para o erro de querermos diagnosticar, segundo o nosso olhar e a *posteriori*, os males que aflingiam os habitantes da "terra negra".

Novamente, para entendermos o que era doença para os antigos

37. TALLET, Pierre. Op. Cit., p. 171-172
38. LAÏS, Erika. **L'ABC dairedes plantes aromatiques et médicinales**. Paris: Flammario, 2001. p. 38.
39. BARDINET, Thierry. Op. Cit., p. 252.

egípcios, precisamos nos aproximar de sua visão de mundo, expressa em seus mitos. Após a morte de Osíris e sua ida ao Duat como soberano do mundo dos mortos, Seth, seu irmão e assassino, tenta herdar o trono, a despeito da existência de Hórus. A disputa pelo trono é conhecida como "a contenda entre Hórus e Seth"[40] e nos conta como os dois deuses disputaram a sucessão do trono de Osíris diante dos deuses liderados por Rá. Neste embate, a deusa Ísis tem importante papel na defesa de seu filho Hórus, constantemente desafiado pelo tio, Seth.

Seth representava as forças do caos, da desordem,da força física bruta, do descontrole[41] personificados também pela "terra vermelha" que contrastava com a "terra negra" que era o Egito. No contexto do mito da contenda, Seth demonstra como a força pode desbancar (ou ao menos, tentar) a herança por direito ao trono do Egito. Porém, em outro contexto anteriormente citado, Seth aparece como importante auxiliar: é ele quem transpassa a serpente Apopis durante a travessia da barca solar, liberando as águas que permitem com que Rá cumpra seu trajeto diário.

Esta característica do deus Seth – a de não ser completamente "mal" ou "bom", mas de ter em si ambas as potencialidades- está muito presente nas ideias que os egípcios faziam sobre a origem das doenças. Para os egípcios, a doença poderiam ser provocadas pela alimentação mas, geralmente, o mal tinha uma origem externa ao doente. Poderia ser um sopro, um "demônio", uma substância ou ser animado por um vento patógeno. Poderia, ainda, ocorrer devido a obstáculos ou alterações que impediam a passagem dos líquidos e ventos no interior do corpo[42].

É preciso atentar para a concepção de "demônio" utilizada no contexto egípcio. Uma vez que não havia separação entre bem e mal, os "demônios" devem ser interpretados como gênios emissários que, percorrendo o país, levavam as doenças e se tornavam uma ameaça permanente[43]. Qualquer deus poderia enviar estes emissários, mas o deus Seth, devido a suas características já abordadas, era um dos maiores responsáveis pelas doenças, juntamente com a deusa Sekmet.

Sekmet era a deusa com cabeça de leão de poder luminoso infinito

40. Uma versão do mito em português pode ser encontrada em: ARAÚJO, Emanuel. **A Contenda entre Hórus e Seth**. In:_____. Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico. Brasília: UNB,2000. p.152-171.
41. COHN, Norman. Op. Cit.,p.26.
42. BARDINET, Thierry. Op. Cit. p.13-14.
43. Ibidem,p.41.

e necessário, porém, instável. Quando em fúria, poderia espalhar doenças através do hálito ou sopro de seus emissários, cabendo também a ela e a seus adoradores o poder de curar estas doenças[44]. Dentre os agentes capazes de apaziguar a deusa estava o sacerdote *uâb*, uma espécie de médico hábil que poderia agir também de forma preventiva, acalmando Sekmet antes que ela causasse danos[45].

Apesar do importante papel da deusa Sekmet na etiologia das doenças egípcias, Bardinet ressalta a importância do deus Seth nos processos patológicos: "(...) a documentação médica mostra, sobretudo, a doença como um processo 'sethiano'. Entendemos por isso qualquer coisa que perturba e ameaça a ordem estabelecida, uma desordem contra a qual é necessário lutar"[46].

Por outro lado, se Seth é o agente da desordem, causador da doença, o médico é representante do cosmos, de Rá, Osíris e Hórus. Podemos peceber a relação entre Rá e a ação do médico nesta fórmula encontrada no Papiro de Ebers, denominada "Fórmula para colocar remédios sobre o local do corpo de um homem":

Eu saí de Heliópolis em companhia dos Grandes do Grande Templo, os detentores dos meios de proteção, os soberanos da eternidade. Também saí de Saís, em companhia da Mãe dos deuses. Eles me deram seus meios de proteção. (Assim), possuo as palavras que criou o Mestre universal para expulsar a atividade de um deus, de uma deusa, de um morto, de uma morta, e assim por diante, que se manifesta nesta minha cabeça,neste meu pescoço, nestes meus ombros, nesta minha carne, nestes meus locais do corpo, e (eu possuo as palavras) para punir o Caluniador, o chefe,destes que fazem entrar a desordem nesta minha carne, roendo estes meus lugares do corpo, entrando nesta minha carne, nesta minha cabeça, nestes meus ombros, na minha carne superficial, nos meus lugares do corpo. Eu perteço ao deus Rá. Ele disse:

- Sou eu que o protegerei de seus inimigos. Thot é seu guia, ele quem fez que fale a escrita, quem fez as compilações médicas, e quem deu o poder aos sábios e aos médicos que estão em sua companhia para livrar (os doentes).

Este que é amado do deus, ele (o deus) o guarda em vida. Eu sou aquele

---

44. MUSEÉ DU LOUVRE. **L'Art du médecin égyptien**.Muséé du Louvre. Disponível em : <http://www.louvre.fr/sites/default/files/medias/medias_fichiers/fichiers/pdf/louvre-dossier-thematique-l039art-medecin.pdf<. Acesso em: 26 dez. 2011.
45. BARDINET, Thierry. Op. Cit. p.240-241.
46. Ibdem, p.240.

que é amado do deus, ele me guardará em vida.

Palavras para recitar no momento de colocar uma medicação sobre o local sofredor do corpo de um homem. Verdadeiramente eficaz, um milhão de vezes.[47]

A fórmula acima era destinada a proteger o médico de ser atingido pelo mal que tentava retirar do corpo do doente. O profissional estava exposto ao perigo, uma vez que suas mãos eram colocadas sobre o local enfermo, repleto de seres maléficos que ele tinha por objetivo expulsar e que também podiam invadir seu corpo. Aqui, percebe-se que o médico se colocava como protegido de Rá, seguindo as orientações de Thot, o deus da escrita, e, portanto, agindo em conformidade com as forças do cosmos para controlar o caos.

A mesma lógica se encontra na forma de preparar os medicamentos, cuja fórmula era composta por diferentes elementos, onde os vegetais tem importante papel. Por exemplo, eram empregadas plantas ligadas à Osíris pois sua ação era oposta à de seu assassino, o deus Seth. A este, por exemplo, eram ligadas as substâncias vermelhas, uma vez que sua morada era a "terra vermelha". Por exemplo, contra o mal *chepet*, que podemos aproximar com cuidado à "olhos vermelhos", eram empregados "olhos de porco secos" misturados com galena,mel e ocre. Os olhos de porco representavam os olhos de Seth, também representado pelo vermelho do ocre e eram secos pois deveriam retirar o humor nefasto e "sethiano" dos olhos do doente: assim, Seth recolheria o humor patogênico que faltaria ao seu olho, reestabelecendo a normalidade ao olho do moribundo. [48]

A lógica mitológica estava presente em todo o pensamento egípcio, numa tentativa de manter a "terra preta" estável diante da ameaça da "terra vermelha" e o uso das plantas não poderia estar fora deste contexto. Reconhecer o uso de plantas medicinais pelos egípcios que também são nossas aliadas nos faz ter proximidade com seu saber herbário. Ao mesmo tempo, perceber as peculiaridades que a visão de mundo egípcia nos mostra pode nos fazer constatar que não há uma só maneira de tratar a doença e recuperar ou manter a saúde.

47. Ibidem, p. 40-41.
48. Ibidem,p.54-55

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Emanuel. **A contenda entre Hórus e Seth**. In:_____. Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico. Brasília: UNB,2000. p.152-171.
- BAKOS, Margaret M. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS,1994.
- BARDINET,Thierry. **Les papyrus médicaux de l'Égypte pharaonique**. Paris :Fayard,1995.
- BELER, Aude Gros de. **A mitologia egípcia**. Lisboa:Gama, 2001.
- BILIMOFF, Michèle. **Enquête sur les plantes magiques**. Rennes: Éditions Ouest-France, 2003.
- CAMINOS, Ricardo A. O camponês. In: DONADONI, Sérgio (org.). **O homem egípcio**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.p.15-36.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: UNB, 1994.
- COHN, Norman. **Caos, Cosmos e o mundo que virá**. As origens das crenças no Apocalipse.São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HAGEN, Rose-Marie; HAGEN,Rainer. **Egipto**: pessoas, deuses, faraós. Lisboa: Tashen, 2003.
- LAÏS, Erika. **L'ABCdaire des plantes aromatiques et médicinales**. Paris : Flammario, 2001.
- LAWS, Bill. **50 plantas que mudaram o rumo da História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- MONTET, Pierre. **O Egito no tempo de Ramsés**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MUSEÉ DU LOUVRE. **L'Art du médecin égyptien**. Muséé du Louvre. Disponível em : <http://www.louvre.fr/sites/default/files/medias/medias_fichiers/fichiers/pdf/louvre-dossier-thematique-l039art-medecin.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2011.
- NOBLECOURT, Christiane D. **A mulher no tempo dos faraós**. Campinas: Papirus, 1994.

- TALLET, Pierre. **História da cozinha faraônica**. A alimentação no Egito antigo. São Paulo: SENAC, 2005.

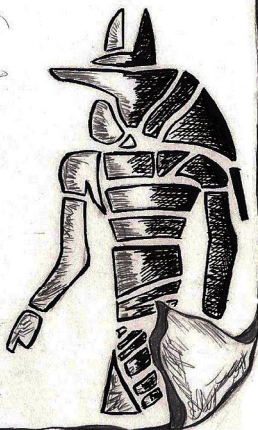
Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

Desde o Reino Antigo, cerca de 2.800 a.C, os egípcios antigos usavam o termo *sunu* para designar o médico e este era escrito com o hieróglifo de uma flecha, o que pode significar que uma de suas atribuições era prestar assistência aos feridos de guerra[49]. Já a palavra que se relacionava à atividade médica era *hemet*, que pode ser traduzida por "arte, técnica, modo de proceder" e é determinado pelo hieróglifo do livro que também tem o sentido de "tratado, livro expondo a técnica médica". Isto conecta o conhecimento médico à necessidade da escrita.[50]

De fato, o ensino da profissão estava relacionado ao aprendizado desenvolvido em oficinas nas dependências dos templos das divindades ligadas à cura ou dos palácios. O aprendiz de médico deveria ser hábil na arte da escrita, uma vez que deveria ser capaz de compreender o conhecimento armazenado em papiros e depositado em locais denominados de *per-ankh*. Os textos médicos eram recopiados conforme o interesse e traziam descrições sobre quadros patológicos assim como os procedimentos e medicamentos sugeridos.[51]

Os textos médicos geralmente não traziam autoria, o que sinaliza a importância não do indivíduo na cura, mas do que ele representava. Junto ao palácio, ou seja, ligados ao faraó, se reunia um conjunto de médicos que tinha como função exercer a arte médica em nome do soberano, o representante dos deuses no Egito. Cabia ao faraó, o descendente de Hórus, assegurar na terra a manutenção do sopro da vida que havia sido dado aos humanos pelos deuses. Por isso, os médicos, principalmente aqueles que estavam ligados ao palácio, agiam a fim de garantir a saúde, que era um dom do faraó.[52]

O médico poderia se proclamar "o de dedos hábeis", não só por ter a capacidade de fazer

49. MUSEÉ DU LOUVRE. Op. Cit.
50. BARDINET,Thierry. Op. Cit.p.34.
51. MUSEÉ DU LOUVRE. Op. Cit.
52. BARDINET,Thierry.Op. Cit.,p.36.

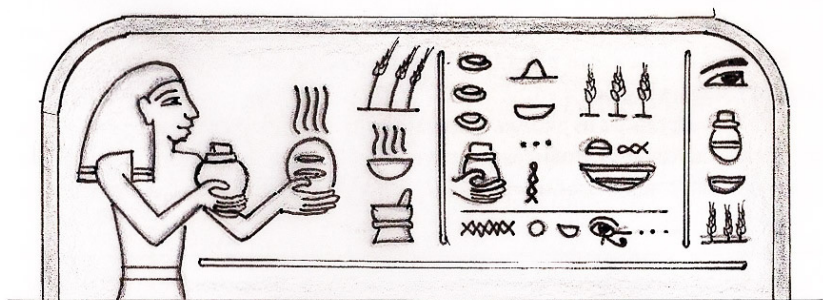
pequenas interveções cirúrgicas, mas por que a apalpação era muito importante para se estabelecer o diagnóstico, além do sentido da visão. Após estabelecer o diagnóstico, o médico poderia decidir se era capaz ou não de agir diante da situação apresentada. Havia uma fórmula consagrada para afirmar a possibilidade de tratamento de um doente: "Então você dirá: uma doença que eu tratarei!". A esta afirmativa se seguia a ação terapêutica. Por outro lado,se o profissional percebesse que sua intervenção tinha poucas chances de ser bem sucedida, ele poderia "jogar por terra", expressão que denotava um prognóstico fatal ou a impossibilidade daquele médico oferecer tratamento.[53]

Devido às características de aprendizado e de sua função, o médico pertencia a altas camadas da sociedade egípcia. A profissão era organizada segundo uma hierarquia cujo topo era ocupado pelo "Grande dos médicos do palácio", ou seja, pelo médico pessoal do faraó, que era o chefe de todos os médicos. Sua "equipe" era composta de profissionais cujos títulos eram "oculista", "dentista", "médico do abdômen" , embora estas "especializações" não expressem a mesma ideia ou função das especialidades médicas contemporâneas. Tratava-se mais de títulos que os médicos da corte detinham por se dedicarem às doenças que mais grassavam entre os egípcios e sua função era a de redigir tratados que pudessem servir aos médicos práticos, os *sunu*.[54]

Além da ação dos mortos e deuses, em especial de Seth, e sem os excluirem, quatro fatores patógenos são elencados[55]: o *âaâ*, os *setet*, os *ukhedu* e o sangue. O *âaâ* era caracterizado por um líquido que existia naturalmente na cabeça: o termo designava uma substância que poderia criar desordens no corpo humano. Apesar do termo ter vários sentido, aquele que mais se aproxima dos textos médicos é o de "secreção corporal".

Os *setet* eram elementos vivos que poderiam causar uma dor que se irradiava ao passar dentro do corpo humano. Quando morrem dentro do organismo em algum lugar específico, se decompõem provocando prejuízo geral ao corpo ou vermes intestinais.Por isso, os procedimentos médicos nestes casos não visavam matar estes elementos mas expulsá-los.

53. MUSEÉ DU LOUVRE.Op.Cit.
54. BARDINET,Thierry.Op. Cit.,p.36
55. Ibidem,p.121-137.

Os *ukhedu* tem uma ação contrária ao sangue. Enquanto este liga os elementos fornecidos pela alimentação, aqueles tem a capacidade de "roer" as mesmas substâncias. Uma teoria sobre a ação dos *ukhedu* diz que eles estão ligados à alimentação, como um elemento natural que dissolveria os alimentos, explicando a desagregação e putrefação daquilo que o ser humano ingere e que está "desprovido de sopro vital" (ou seja, morto). Os *ukhedu* causavam a doença quando se encontravam em partes do corpo onde sua função de dissolver era prejudicial como, por exemplo, no processo de cicatrização. Por fim, o sangue pode ser patogênico, se ao invés de cumprir sua ação de "ligar", ele destrói ou "come", como diziam os egípcios.

Trabalhando com fonte histórica

Papiro de Ebers (+- 1500 a.C)

BARDINET, Thierry. **Les papyrus médicaux de l'Egypte pharaonique**. Paris: Fayard,1995. p. 357-358

Eb 763

Outro remédio e conjuração da exsusação rech

Escute, exsudação filha da exsudação rech, você que fratura os ossos, que quebra a cabeça, que revira a moela da cabeça, que torna dolorosos os sete buracos da cabeça dos servidores de Rá e dos adoradores de Thot. Você! Eu trouxe o remédio que lhe concerne, contra você, a poção que lhe concerne, contra você: leite de uma mulher que deu nascimento a um menino, goma perfumada. Isto te afugentará! Isto te fará fugir! Desça até a terra, decomponha-se, decomponha-se.

Deve-se dizer quatro vezes. Palavras que devem ser ditas sobre o leite de uma mulher que deu nascimento a um menino e sobre a goma perfumada. Isto será colocado no nariz.

Eb 766

Outro remédio para curar o ouvido.

a) Você irá curá-lo com um tratamento frio, pois ele não pode ser quente.

b) (…) você deve preparar: parte shepa da malaquita. Isto será esmagado e aplicado por quatro dias. Depois, você deve preparar tampões vegetais embebidos de : 2/3 de gordura/óleo, mel. Isto será aplicado em tratamentos repetidos.

c) Se o orifício do ouvido está úmido, você deve preparar o seguinte para polvilhar, que serve para secar uma ferida: folhas de acácia, folhas da árvore nebes, sementes de salgueiro, cominho. Isto será esmagado e aplicado no ouvido.

2. O uso de plantas medicinais na Medicina Ayurvédica

Bruno Vinícius Mützenberg e Diego Schibelinski

O subcontinente indiano foi uma região relativamente bem ocupada nos períodos Mesolítico e Neolítico. Tendo se estabelecido sedentariamente, por volta do oitavo milênio antes da era cristã, os povos ali presentes desenvolveram-se, principalmente, através da agricultura e do comércio por dezenas de séculos, o que permitiu a organização e a criação de gado bovino e caprino. A primeira grande civilização indiana documentada organizou-se a partir das cidades principais de Harappa e Mohenji-Daro, no vale do rio Indo.

Através da arqueologia, descobriram-se, nos sítios dessas cidades, evidências de edifícios sólidos, ruas de traçado uniforme, com esquinas em ângulos de 90 graus, sistemas de drenagem e de irrigação. Muito provavelmente, as sociedades que emergiram nestas cidades desenvolveram suas próprias formas de conservar a saúde e tratar as doenças, que depois se miscigenaram aos arianos, povos seminômades que se estabeleceram na região do Rio Ganges em cerca de 1800 a.C.[1]

As práticas médicas do Ayurveda têm suas origens reconhecidas nos antigos textos litúrgicos dos Vedas: o Rig Veda (1500 a.C.) e Atharva Veda (1000 a.C.). Nestes escritos, são encontradas descrições sobre a origem do universo, o mundo natural, os seres humanos e a ordem social. O Atharva Veda, por exemplo, apresenta uma listagem de plantas medicinais, dos órgãos internos e intervenções cirúrgicas. Eles também estabelecem princípios religiosos, morais e sociais, muito comuns e até hoje encontrados na sociedade hindu[2].

O Ayurveda possui um modelo preventivo de saúde, uma vez que busca não só a cura da doença e a prescrição de remédios e entende o ser humano como um conjunto formado por corpo, mente e espírito, baseando-se no preceito de que só há saúde no equilíbrio desses elementos. A filosofia ayurvédica percebe o homem como um microcosmo que reflete o macrocosmo. Desta forma, assim como o universo, nosso corpo é constituído a partir da combinação de cinco elementos: éter, ar, água, fogo e terra que, como na natureza, em nosso organismo exercem funções específicas como

---

1. COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**: As origens das crenças no apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
2. BIVINS,Roberta. O corpo em equilíbrio. In:PORTER, Roy (org.) **Medicina: a história da cura**. Lisboa, Centralivros,2002.p.94-117.

mobilidade, metabolismo e estrutura[3].

O termo Ayurveda em sâncrito significa "ciência da vida", onde *ayur* significa vida e *veda* conhecimento ou sabedoria. Não é possível datar com exatidão a origem do Ayurveda e existem diferentes versões de seu surgimento. Uma delas conta que o deus Indra revelou ao sábio Bharadvaja os segredos do Ayurveda, para que assim se pudesse ter uma vida longa, cabendo a este importante mestre transmitir esse conhecimento aos homens. Também o deus Dhavantari é considerado um dos fundadores do Ayurveda, afinal, acredita-se que tenha sido ele que ofereceu aos homens o néctar da imortalidade e o conhecimento sobre as ervas[4].

Outra lenda conta que uma conferência foi realizada em uma caverna nos confins da cordilheira do Himalaia e que nela reuniram-se todos os grandes sábios da Índia, preocupados com o aumento das doenças e da miséria que faziam com que as pessoas morressem cada vez mais rápido e as impediam de atingir a iluminação espiritual. Os sábios discutiram e compararam seu conhecimento sobre a arte da cura, uma vez que cada um deles possuía um saber sobre as ervas de sua região e a aplicação delas em tratamentos contra doenças, conforme seus pais lhes haviam ensinado. Acredita-se que nesse grande encontro, eles teriam conseguido compilar o conhecimento oral que cada um herdara, formando numa única tradição, a qual deram o nome de Ayurveda, destinada a permitir que os homens vivessem o bastante para conquistar a iluminação. A partir de então, os conhecimentos ayurvédicos passaram a ser transmitidos de mestre para aprendiz, de forma oral, por centenas de anos. Foi somente após 1500 a.C. que esse conhecimento passou a ser registrado[5].

3. DE LUCA, Márcia; BARROS, Lúcia. **Ayurveda**: cultura de bem viver. São Paulo: Editora Cultura, 2007

4. Idem.

5. Idem.

Entender de que forma nosso corpo funciona e de que maneira são vistas as doenças sobre o olhar do Ayurveda nos exige conhecer alguns fundamentos que são essenciais para a compreensão de seu conceito de saúde. Um dos principais elementos corporais é Agni, o fogo digestivo, responsável por metabolizar todo material recebido do ambiente externo pelo nosso corpo, desde alimentos, sentimentos, sensações ou até mesmo notícias e informações. Agni pode ser comparado a uma fogueira na qual joga-se lenha molhada: se o fogo estiver fraco ela certamente irá se apagar; porém, se o fogo estiver forte será capaz de queimar a madeira, mesmo esta estando molhada. Se nosso Agni não está forte não somos capazes de digerir o que entra em nosso corpo, gerando toxinas ou Ama.

Ama são as toxinas que se acumulam em nosso corpo devido a incapacidade de digestão de Agni. Geralmente presentes em pequenas quantidades, sua acumulação em nosso organismo polui nosso sistema vital, bloqueando o fluxo natural e espontâneo de Ojas. Ojas, presente em grande quantidade em nosso corpo, caracteriza-se como o alimento sutil da vida, a seiva da vida. É ela quem relembra cada célula e tecido do corpo de que seu objetivo principal é manter a unidade do todo. Sua falta nos leva à morte.

É através Srotas, uma rede de canais, que circulam a seiva da vida Ojas e também Prâna. A obstrução desses canais devido ao acúmulo de Ama é, para o Ayurveda, a principal causa das doenças. Há treze canais condutores principais em nosso corpo, onde, três correspondem aos tratos respiratórios e digestivos, sete conduzem a soma de Prâna e Ojas responsável por criar todos os tecidos e três expelem suor, fezes e urinas. Prâna, por sua vez, é a energia vital, que mantém o corpo físico funcionando: ela entra em nosso corpo através de nossa respiração[6].

São nos Chakras, vórtices de energia, que o prâna absorvido é condensado, acumulado e que, depois de transformado, é distribuído pelo corpo todo alimentando, assim, a chama da vida. É importante salientarmos que para a medicina ayurvédica não existe uma anatomia ou fisiologia semelhante a da biomedicina: os Chacras não podem ser descritos sob o ponto de vista fisiológico pois são encontrados no corpo sutil, ligando este ao corpo denso ou físico, permitindo que a energia flua de um corpo para o outro. Os mais antigos textos referem-se a quatro Chakras; porém, é muito comum falar-se em sete: coronário (pineal), frontal (pituitária), laríngeo (tireóide), cardíaco (coração), plexo solar (baço), umbilical (supra-renais),

6. Idem.

raiz/básico (gônadas)[7].

Para o Ayurveda, todas as doenças são consideradas desequilíbrios ou desarmonias que, na maioria das vezes, tem sua origem no acúmulo de toxinas, ou seja, o acúmulo de Ama. Uma doença já está em estágio avançado quando finalmente aparecem os sintomas no corpo físico, pois os três primeiros estágios de uma moléstia não se manifestam fisicamente e sim no nível da consciência. O Ayurveda vê a doença como tendo seis estágios: o acúmulo, que surge como resultado de escolhas incorretas e que proporcionam o aumento de Ama em nosso organismo sendo a causa do desequilíbrio ambientes, alimentos ou relacionamentos tóxicos; agravamento, quando o acúmulo de toxinas progride, o organismo começa a ter suas funções energéticas distorcidas ainda em nível sutil; disseminação, o desequilíbrio se alastra e a pessoa passa a ter sintomas genéricos de que algo está errado, como fadiga ou desconforto generalizado; localização, quando o desequilíbrio se localiza, a área escolhida é propensa a acolher o mal; manifestação, se o processo continua, uma óbvia disfunção é gerada: como, por exemplo, uma infecção; erupção, totalmente instalada, a doença se manifesta plenamente[8].

Não é apenas no conceito do que é a doença que o Ayurveda se diferencia do modelo biomédico. Para este sistema médico, assim como todo restante do universo, o corpo do homem é originário dos cinco elementos criadores que, ao se organizarem em combinações e proporções únicas e individuais são denominados Doshas[9]. Os três Doshas são Vata, Pitta e Kapha, e são responsáveis por todas as funções psicológicas, biológicas e fisiológicas de nosso corpo, regendo também aspectos de nossa mente e consciência. Alcançar o equilíbrio entre os Doshas – que naturalmente desenvolvem processos de desequilíbrio ao longo da vida - é alcançar o bem estar de corpo, mente e espírito[10].

Vata é a união de éter e ar, o principio da energia cinética, regula todos os movimentos do corpo e da mente. Em sânscrito, significa "aquilo que movimenta as coisas".As pessoas deste Dosha são altas ou baixas, porém sempre magras. Podem comer muito sem engordar, mas tendem a ganhar peso na velhice. Tem apetite irregular. As juntas são secas, barulhentas e

---

7. MARQUES, Evair A. **Medicina ayurvédica** – tradicional arte de curar na Índia. Rio de Janeiro : UERJ/IMS, 1993.
8. DE LUCA, Márcia; BARROS, Lúcia. Op. Cit.
9. CARNEIRO, Danili Maciel. **Ayurveda**: Saúde e longevidade na tradição milenar da Índia. São Paulo : Editora Pensamento, 2009.
10. MARQUES,Evair. Op. Cit.

protuberantes. Os dentes são pequenos e também protuberantes. Tem pés e mãos gelados e sentem muito frio. Em geral tem olhos pequenos e cabelos finos e encaracolados. A pele é seca, dormem pouco, tem sono leve e acordam com qualquer barulho. São superativas, mas se cansam com facilidade. Tendem a ser alertas, tem uma mente ativa e aprendem rápido. Como o vento, pensam, falam e andam muito rápido, mudando de ideia e de humor o tempo todo.

Em equilíbrio, as pessoas de Vata são felizes, entusiasmadas, criativas e comunicativas. Fazem amigos rapidamente. Em desequilíbrio tornam-se cansadas, angustiadas ansiosas e ficam sensíveis e inseguras na hora de tomar decisões. Sofrem de insônia, prisão de ventre e gases. Para balancear Vata, pede-se estabilidade emocional e amorosa, além de um ambiente agradável sem muitas distrações. As pessoas com este Dosha devem manter a rotina, descansar, praticar yoga, danças e caminhadas, além de evitar alimentos frios e correntes de ar. No amor, Vata é inconstante e difícil de se comprometer.

Pitta é a junção de muito fogo e pouca água. Regula a fome e a sede, e todos os processos de transformações do corpo. Em sânscrito, quer dizer "aquilo que digere as coisas". As pessoas deste Dosha geralmente são de estrutura e composição corporal média. A pele é clara, muitas vezes com sardas e com tendência a manchas. Sua temperatura é alta, por isso transpiram e ruborizam com facilidade. Não gostam de calor, têm cabelos finos e sedosos, normalmente loiros, olhos penetrantes. Tem tendência a serem grisalhos ou carecas. Tem excelente digestão e grande apetite. Ficam irritadas se pulam ou atrasam refeições. Costumam acordar no meio da noite com fome, sede ou calor. Dormem profundamente por curtos períodos de tempo e tem forte impulso sexual.

Pitta é o Dosha de maior inteligência e raiva. O raciocínio é rápido, tem poder de foco e organização. São pessoas ordeiras, enérgicas e competitivas, além de corajosas e independentes. Sabem falar bem em público, tem iniciativa e costumam dominar a situação. Costumam julgar os outros. Em equilíbrio são determinadas e com grande capacidade de liderança. São pessoa calorosas e sabem tomar decisões certas. Em desequilíbrio, tornam-se impacientes, frustradas e irritadas. Ficam com raiva e se comportam de forma agressiva e intimidadora. O senso crítico torna-se desenfreado, tornam-se sarcásticas. Sua busca pela perfeição as leva à intolerância. Ficam com erupções na pele e sofrem de azia e indigestão.

Para balancear Pitta, é preciso aprender a controlar a raiva, descansar,

ter senso de humor, comer salas e tomar bebidas frias. A natação ajuda a acalmar e deve-se evitar tudo que seja quente. No amor são apaixonadas mas precisam aprender a serem humildes e pacientes para se relacionarem com um companheiro. Seu maior desafio é unir sexo e coração.

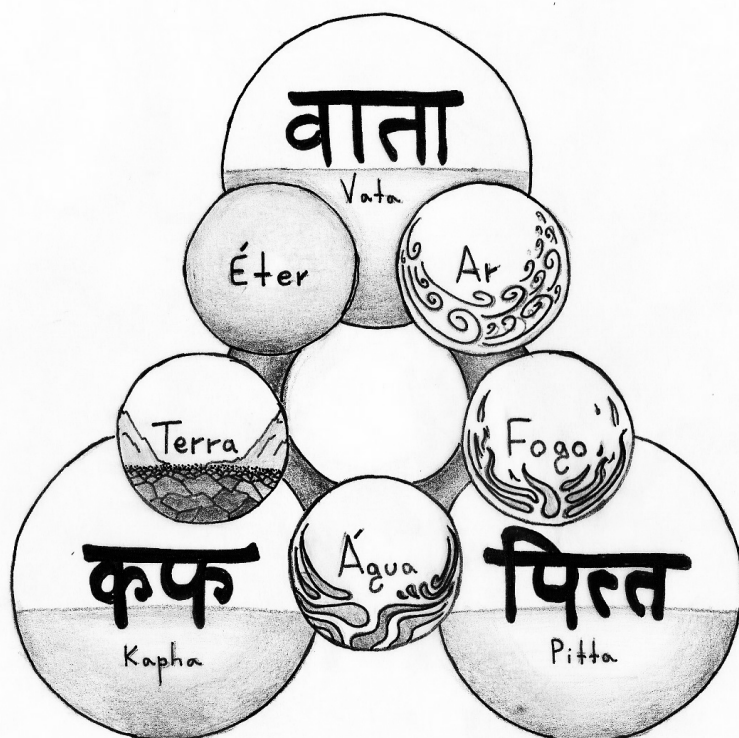
Kapha mistura terra e água. Sua função é regular a energia, pode acumular gorduras e água no corpo. Em sânscrito, significa "aquilo que mantém as coisas juntas". As pessoas deste Dosha tem facilidade de ganhar peso, tendo muita dificuldade para emagrecer. A pele é clara e lustrosa, suave e sedosa, e apresenta certa palidez. Têm lábios carnudos, dentes brancos e fortes, bochechas fofas, olhos grandes e cílios longos, cabelo grosso, preto e brilhante. Tem pouco apetite, lenta digestão e se sentem pesados após comerem. Precisam dormir mais e seu sono é pesado e profundo. Transpiram pouco e detestam tempo frio e úmido.

As pessoas de Kapha são lentas em todos os aspectos, aprendem devagar, mas tem ótima memória. São amáveis, cheias de compaixão e conciliadoras, costumando ser excelentes amigos e pais. Pensam muito antes de tomar decisões e apegam-se fácil a pessoas e coisas. O passado faz parte de sua vida. Em equilíbrio, são calmas e tranquilas, com bom nível de energia. Pacientes, devotadas e amorosas, gostam de rotina e sabem economizar dinheiro. Em desequilíbrio, apresentam preguiça, depressão e dificuldade de expressar seus sentimentos. Tornam-se estúpidas e superprotetoras, desenvolvendo tendência de dormir demais e não aceitando mudanças. Sofrem com o peso e o nariz congestionado

Para balancear Kapha, deve-se praticar esportes como lutas marciais, musculação, fazer massagens, jardinagem, arrumar a casa e cozinhar. No amor, Kapha é responsável pela família, pelo lar e pelos relacionamentos estáveis. Sensual, combina força masculina com suavidade feminina[11].

Pelos conceitos ayurvédicos, diversos problemas de saúde são causados pelo desequilíbrio de um ou mais Doshas e, certamente, todos os aspectos da saúde são por eles influenciados. Um distúrbio em Pitta, por exemplo, poderia resultar em problemas na visão, de metabolismo, febres, entre outros. Também poderia, se não fosse neutralizado, resultar no agravamento de outros princípios vitais, em efeito cumulativo.

---

11. CARNEIRO, Danili Maciel. Op; Cit.

As causas das doenças não são reduzidas apenas aos princípios vitais: poderiam ser inatas, exógenas, ou psíquicas. As inatas seriam devido ao desequilíbrio em Vata, Pitta e Kapha; as exógenas, devido a agentes causadores externos, como parasitas, ar ou água poluída, venenos, etc.; as de origem psíquica podem ser comparadas ao conceito "psicossomático", da medicina moderna: causadas por desejos não realizados ou enfrentamento do indesejável. Novamente, existe interligação também nas três causas. Princípios vitais desequilibrados tornam a pessoa mais suscetível a doenças exógenas, por enfraquecer as defesas naturais do organismo (sistema imunológico). Da mesma forma, princípios vitais agravados podem ameaçar a sanidade e estabilidade psíquica. Em ambos os casos, a recíproca é verdadeira: tanto agentes externos quanto estados mentais influenciam no equilíbrio tridosha[12].

O sistema de diagnóstico no Ayurveda procura levar em conta não apenas os sintomas da doença, mas também as circunstâncias de seu

12. MARQUES, Evair. Op.Cit.

aparecimento. Afinal, o objetivo desta analise é poder compreender a origem e o mecanismo geral que tem produzido os distúrbios e desequilíbrios que, por sua vez, acarretaram a doença. Assim, exames pela observação e entrevistas detalhadas com o paciente fazem parte do diagnóstico que visa identificar e determinar quais elementos do funcionamento vital do corpo do indivíduo estão em desequilíbrio. Este sistema médico acredita que todos os distúrbios de saúde são devido à desarmonia entre os Doshas e consequentemente dos elementos da natureza que nos compõem. Uma vez identificado o desequilíbrio e suas possíveis causas, o objetivo principal das práticas terapêuticas é restabelecer o equilíbrio. Tal tarefa se dá, principalmente, sobre a eliminação de toxinas, que podem ser de origens diversas, e que se acumularam no organismo do doente. É preciso limpar o corpo antes de medicá-lo[13].

Dentro das possíveis opções terapêuticas apresentadas pelo Ayurveda destacam-se a massagem terapêutica, a meditação, os exercícios físicos e respiratórios (yoga, asanas e pranayamas), a alimentação terapêutica e o uso de plantas medicinais. Nesta análise nos deteremos mais nas duas últimas alternativas.

A fitoterapia ayurvédica afirma que cada planta medicinal possui quatro importantes propriedades: o sabor (*rasa*), o efeito pós-digestivo (*vipaka*), a energia (*virya*) e a potência especial (*prabhava*). O Ayurveda acredita na existência de seis sabores (*rasas*) que apresentam qualidades e propriedades medicinais importantes e diferentes: doce (úmido, frio e pesado), ácido (úmido, quente e leve), salgado (úmido, quente e pesado), picante (seco, quente e leve), amargo (seco, frio e leve) e adstringente (seco, frio e pesado).

Já *vipaka*, o efeito pós-digestivo, é o que surge após a digestão das plantas medicinais. São eles três: doce, acido e picante. Isso ocorre porque doce e salgado têm um efeito pós-digestivo doce, o sabor ácido apresenta após a digestão o mesmo sabor, ou seja, ácido e os sabores picante, amargo e adstringente tornam-se picantes após a digestão.

A terceira propriedade é a energia da planta medicinal, *virya*, que quer dizer vigor. Ela nada mais é do que a potência pela qual a ação do medicamento acontece. E a última é a chamada potência especial ou *prabhava*, que ocorre quando duas plantas têm sabor, energia e efeito pós-digestivo similares, porém diferem em ação terapêutica, pois algumas substâncias têm propriedades

13. Idem.

especiais, exercendo reações divergentes daquelas que geralmente plantas com aquela classificação exerceriam[14].

A farmacopeia ayurvédica também classifica sistematicamente as plantas em treze categorias. Tal classificação é feita de acordo com características apresentadas como o sabor, os elementos, os efeitos (refrescante, pós-digestivo) entre outras propriedades especiais que possam vir a apresentar. Assim, as plantas podem limpar e purificar o sangue, ajudar a eliminar vermes e parasitas, produzir a contração das mucosas e sensação de secura, ser tônicas amargas que combatem a febre e limpam o organismo, aliviar problemas intestinais, induzir a transpiração,ser diuréticas, promover e regular a menstruação, ter propriedades expectorantes, agir como laxantes e purgantes,fortalecer a atividade funcional do sistema nervoso, ser estimulantes e digestivas e ter propriedades tônicas, nutritivas, rejuvenescedoras ou afrodisíacas[15].

É importante compreender que, dentro da perspectiva do Ayurveda, a alimentação e a fitoterapia estão fortemente relacionadas, uma vez que a alimentação é encarada como mais um dos elementos que compõem um sistema de tratamento visando a manutenção do equilíbrio do organismo e que deve ser administrado diariamente. Assim, plantas com propriedades curativas não são recomendadas apenas em ocasiões específicas pois devem fazer parte de uma dieta diária, devidamente construída em concordância com o Dosha da pessoa, a fim de proporcionar o tão desejado equilíbrio. Quando são receitados em forma de um tratamento específico para determinada moléstia, as plantas podem assumir a forma de fitocomplexos, ou seja, fórmulas com três a dez plantas ou mais. Além da flora, o Ayurveda utiliza-se também de elementos animais e minerais.

Um aspecto interessante a ser destacado é que acredita-se que cerca de 80% das plantas medicinais encontradas no sub-continente indiano existem no Brasil, tornando possível sua utilização de acordo com a tradição ayurvédica. Um bem exemplo seria o dos condimentos, tão populares, como cravo, canela, gengibre, noz moscada, coentro e cominho.

O Ayurveda relaciona seu conceito de saúde diretamente à ideia de equilíbrio entre corpo, mente e espírito. A manutenção deste equilíbrio

14. MANFRINI, André Maciel. R**econhecimento e Potencialidades de Plantas Medicinais Ayurvédicas Utilizadas na Medicina popular pela Comunidade da Costa de Cima, Lagoa do Peri, Florianópolis/SC**. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Ciências Biológicas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
15. Idem.

determina não somente a saúde, mas a felicidade, através de uma vida balanceada. Visando felicidade e sucesso, um indivíduo precisa levar em consideração, além de sua natureza fundamental, com o predomínio de um ou mais Doshas, sua alimentação, idade, clima em que vive, diferentes momentos do dia, tipo de trabalho, sono, pois quase tudo é passível de influenciar o organismo. Assim sendo, determinados alimentos ou medicamentos que possam ser benéficos para uma pessoa, em determinada situação (local, rotina, horário) podem não o ser para outra pessoa em outra situação, podendo até mesmo ser prejudicial.

O sistema medicinal ayurvédico atualmente tem encontrado cada vez mais adeptos por todo o mundo. Na Índia, após sua independência na década de 1940, o modelo, que quase havia caído no esquecimento, se fortaleceu e sua prática nos dias de hoje é tão comum entre os indianos quanto a biomedicina. No Brasil, desde meados da década de 1980, a medicina ayurvédica vem ganhando destaque e difusão.

Apesar de ser conhecida como a ciência da longevidade, o objetivo principal do Ayurveda não é acrescentar anos a nossa vida mas vida aos nossos anos, conscientizando-nos de que nossa saúde é, também, uma responsabilidade individual. Mais do que curar, o objetivo é nos ensinar a respeitar os ritmos da natureza e a evitar tudo aquilo que possa nos fazer mal. A saúde ou a falta dela é vista como resultado das nossas ações diárias e é o espelho de nossos sentimentos, pensamentos e relacionamentos no nosso cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

- BIVINS, Roberta. **O corpo em equilíbrio**. In: PORTER, Roy (org.) Medicina: a história da cura. Lisboa, Centralivros, 2002. p. 94-117.
- CARNEIRO, Danili Maciel. **Ayurveda**: Saúde e longevidade na tradição milenar da Índia. São Paulo: Editora Pensamento, 2009.
- COHN, Norman. India Védica. In: ______ **Cosmos, caos e o mundo que virá**: As origens das crenças no apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- D'ANGELO, E. & CÔETES, J. R. **Ayurveda** – A Ciência da Longa Vida. São Paulo: Ed.
- Madras, 2008.
- DE LUCA, Márcia; BARROS, Lúcia. **Ayurveda**: cultura de bem viver. São Paulo: Editora Cultura, 2007.
- LAD, D. Vasant. **Ayurveda**: a ciência da autocura – um guia prático. São Paulo: Editora Ground, 1997
- MANFRINI, André Maciel. **Reconhecimento e Potencialidades de Plantas Medicinais Ayurvédicas Utilizadas na Medicina popular pela Comunidade da Costa de Cima, Lagoa do Peri, Florianópolis/SC**. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Ciências Biológicas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- MARQUES, Evair A. **Racionalidades Médicas**: medicina ayurvédica – tradicional arte de curar na Índia. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.
- McINTYRE, Anne. **Guia completo da fitoterapia**: um curso estruturado para alcançar a excelência profissional. São Paulo: Pensamento, 2011.
- VERMA, Vinod. **Ayurveda**: a medicina indiana que promove a saúde integral. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2003.

Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

Apesar de possuir raízes muito antigas, a medicina ayurvédica tem sua matéria médica sistematizada a partir de dois tratados, o Carakasamhitâ (coleção de Caraka) e o Suçrutasamhitâ (coleção de Suçruta). A primeira obra afirma conter os ensinamentos do sábio Atreya, recolhidos por seu discípulo Agniveça e reorganizado por Caraka que talvez tenha vivido entre os séculos I e II da nossa era, mas o texto que chega até nós sofreu acréscimos no século IX.[16]

O Suçrutasamhitâ é a principal obra relativa à cirurgia indiana, cujo ensino era atribuído ao deus Dhanvantari, através de Divodâsa, rei de Benares e do médico Suçruta, contemporâneo de Caraka. A obra reune vários conhecimentos médicos de origem mais antiga e, juntamente com o Carakasamhitâ, constitui o ponto de partida para o aprendizado da medicina ayurvédica até hoje.[17]

Há vários paralelos entre o Ayurveda e a Medicina Hipocrática[18]. Para ambas, diversos elementos são constitutivos do universo e, por conseguinte, do ser humano; porém, quatro são os principais: água, fogo, terra e ar. Ambas pensam a doença como um desequilíbrio no organismo a nivel individual, ligado ao desequilíbrio no "organismo" maior que é o macrocosmos. Assim, estações do ano, moradia, estilo de vida e alimentação influenciam no estado do microcosmos humano, pois ambos os "universos" são compostos pelos mesmos elementos que, por sua vez, são interdependentes. Excesso ou falta de um dos elementos no corpo humano ou então os pares de qualidades opostas ligadas a eles, como quente/frio, seco/úmido são as causas das doenças, sendo a terapia a ser seguida escolhida em função de sua ação antagonista ao elemento em desequilíbrio.

Dentre as várias correspondências entre a teoria humoral de Hipócrates e o Ayurveda, podemos elencar, também, a importância dos "ventos" no corpo humano para ambas as doutrinas médicas. Tanto o Carakasamhitâ quanto o Suçrutasamhitâ, além de outro

---

16. HUARD,Pierre; BOSSY,Jean; MAZARS, Guy. **Les médicines de l'Asie**. Paris : Éditions du Seuil,1978. p. 20-21.
17. Idem.
18. SERGENT, Bernard. **Genèse de l'Inde**. Paris: Payot & Rivages,1997.p.355-369.

tratado indiano chamado Bhelasamhitâ possuem teorias similares aos tratados gregos sobre o *pneuma*, mais especificamente o Peri Phusôn, atribuido à Hipócrates (século V a.C)[19]. Se compararmos os textos médicos indianos e gregos aos escritos persas, é possível encontrar outras correlações. Uma das teorias para estas correspondências repousa na ideia, ainda bastante debatida, de origens comuns mais antigas às três sociedades citadas[20].

O Ayurveda influenciou dois importantes sistemas médicos no Oriente: o Unani Tibb e a Medicina Tibetana. O primeiro sistema médico foi desenvolvido entre os séculos IX e XIII da nossa era, através dos árabes. Ibn Sina (980-1037) reuniu várias informações sobre a natureza das doenças e o papel das plantas medicinais provenientes de diferentes fontes, como a medicina grega e o Ayurveda, acrescentando suas próprias observações na obra *Canon Medicinae*[21]. Com a invasão da Pérsia e da Ásia Central pelos mongóis, muitos praticantes da medicina Unani Tibb se estabeleceram na India, sendo esta medicina ainda praticada em Bangladesh, Paquistão, Sri Lanka, Irã, China, possuindo várias faculdades em território indiano.

A palavra unani significa "jônico", indicando a influência grega neste sistema médico, enquato que *tibb* significa "conhecimento dos estados do corpo humano na saúde e na doença"[22]. De acordo com a medicina Unani, o corpo humano é constituído por sete componentes responsáveis pela saúde, sendo a doença o desequilibrio provocado pelo estilo de vida ou por fatores sociais ou ambientais que cercam o indivíduo. Destes, quatro são os elementos (terra, água, fogo e ar) que constituem os quatro humores corporais e que correspondem aos humores hipocráticos.

O Unani Tibb vê os sintomas da doença como uma oportunidade de purificação e equilíbrio nos diferentes níveis: físico, mental, emocional e espiritual. Seus agentes de cura seguem códigos éticos baseados no islamismo e procuram orientar as pessoas que estão sob seus cuidados de forma individualizada, isto é, respeitando as características de cada tipo de organismo. Dentre as várias formas de se obter o reequilíbrio, podem ser prescritas plantas medicinais,

19. Ibdem,p.357.
20. Ibdem, p. 367 e 369.
21. McINTIRE, Anne. Op. Cit. p.16.
22. Idem.

metais e pedras preciosas: várias são as ervas utilizadas que também são aplicadas pelas medicinas ayurvédica e tibetana[23].

Já a Medicina Tibetana tem suas raízes em quatro sistemas médicos: o Ayurveda, a Medicina Hipocrática, a Medicina Chinesa e o Unani Tib. Tradicionalmente, seu conhecimento é atribuido à Sangye Menla, o Buda da Medicina e sua introdução no Tibete foi feita em meados do séculoVII, no reinado de Songtsen Gampo, no mesmo momento em que o budismo foi difundido no país. Seus aspectos principais estão contidos no tratado conhecido como Quatro Tantras da Medicina (Gyud Zhi), do século XII.[24]

A Medicina Tibetana baseia seus princípios na noção de *tsog-lung* ou força vital, e na compreensão das três forças vitais internas do corpo: *lung* (ventos), *tripa* (calor) e *bekan* (lubrificação), que também formam os três tipos constitucionais básicos. Estas forças tem relação com os cinco elementos formadores do universo (terra, água, fogo, ar e espaço) e percorrem o corpo através de canais existentes no corpo sutil , sendo que os pontos onde se cruzam são denominados *chakras*.[25]

São quatro as causas principais das doenças: alimentação, comportamento, mudanças sazonais e o *karma*. A doença física também é vista, dentro da filosofia budista, como resultado dos três venenos da mente que são a ignorância, o apego e a aversão. Estes, por sua vez, também são responsáveis por desiquilibrar as três forças vitais.

A alimentação é um fator decisivo para a boa saúde segundo a Medicina Tibetana, que classifica os alimentos segundo seus benefícios para *lung*, *tripa* e *bekan*. Outras terapias empregadas consistem na moxabustão, aplicação de ventosas e no emprego de mais de duas mil fórmulas feitas através da combinação de plantas medicinais.[26] A matéria médica tibetana deriva, atualmente, do livro Jingzhu Bencao (As Ervas Pérola), publicado em 1835 e, segundo os tantras médicos, tudo na terra tem potencial medicamentoso.[27]

23. Ibdem,p.18 e 19.
24. Ibdem,p.20.
25. FORDE, Ralph Quinlan. **O livro da Medicina Tibetana**. São Paulo: Pensamento,2008.p.10 e 11
26. Ibdem, p. 13.
27. Ibdem, p. 102.

Trabalhando com fonte histórica

DASH, Vaidya Bhagwan; KASHYAP, Vaidya Lalitesh. **Materia Medica of Ayurveda**; based on Ayurveda Saukhyam of Todarānanda. New Delhi: Concept Publishing Company, 1980.p.352.

Capítulo 22

Sabor doce

O sabor doce é promotor da visão, é um agradável afrodisíaco e é nutritivo. Cura *rakta pitta* (uma doença caracterisada pelo sangramento de diferentes partes do corpo). É rejuvenescedor, pesado, refrescante e untuoso.

Sabor ácido

O sabor ácido é untuoso, quente, leve e calmante de *vāyu* e da corrupção do sangue. Produz viscosidade. É penetrante e laxativo. Reduz o sêmen, a constipação e a visão.

Sabor salgado

O sabor salgado é purgativo, promotor do poder digestivo, aperitivo, untuoso, quente e pesado.

Sabor picante

O sabor picante é *karsana* (que elimina pela força), leve e quente. Cura *krmi* (infecção parasitária) e reduz o sêmen assim como *kapha*. É um aperitivo, estimulante da digestão, provocador de *pitta*, *chedi* (que tem o poder de penetrar por incisão), penetrante e produtor de secura (*sosa*).

Sabor amargo

O sabor amargo acalma *kapha* tanto assim como *pitta*. Cura visa (envenenamento), viscosidade (*kleda*), *kadu* (prurido), kustha (persistentes doenças de pele, incluindo lepra) e *jvara* (febre). É refrescante, leve e seco (*sosana*). Cura *krmi* (infecção parasitária) e estimula o poder da digestão.

Sabor adstringente

O sabor adstringente é seco, *stambhana* (que causa retenção), constipativo, cicatrizante e *pidana* (que causa dor). Acalma *kapha*, o sangue e *pitta*. É refrescante e pesado.

Assim acaba a sessão dedicada aos atributos dos seis sabores.

Curcuma longa

3. Medicina na China antiga e o uso de plantas medicinais

Luis Fernando Bernardi Junqueira

A civilização chinesa, durante mais de três mil anos, desenvolveu uma abundância de informações sobre o uso de substâncias naturais e substâncias criadas pelos seres humanos para usos terapêuticos. Hoje esse conhecimento continua vivo não apenas na China, mas em diversas partes do mundo, mesmo com a introdução e o desenvolvimento da moderna farmacopeia biomédica há mais de um século atrás. Imuneráveis médicos chineses continuam prescrevendo medicamentos baseados em fórmulas que foram elaboradas há muitos séculos, senão milênios[1].

Em paralelo a uma viva tradição de mestre-aprendiz em relação aos cuidados com a saúde que remota há milênios, um grande número de fontes médicas persiste ainda hoje como a base da medicina chinesa, inclusive nos próprios cursos de Medicina Tradicional Chinesa na China. Contudo, as informações coletadas e publicadas nas farmacopeias chinesas representam apenas uma fração desta modalidade terapêutica. Indivíduos que escreveram e compilaram livros sobre fármacos escolheram entre focar no estudo de apenas uma droga individual, ou descrever os usos de milhares de ervas, minerais e animais. Como membros de uma elite letrada, variava de indivíduo para indivíduo seus contatos com a farmacoterapia: alguns autores parecem ter extraído todo seu conhecimento através de fontes médicas mais antigas, enquanto outros experenciavam todo tipo de sacrifícios para, durante décadas, visitar diferentes regiões da China e conversar com camponeses, trabalhadores e mestres em busca de coletar e acumular o melhor conhecimento possível sobre dos usos das drogas e de suas propriedades terapêuticas.[2]

Farmacopeias eram trabalhos que pretendiam transmitir conhecimentos sobre drogas individuais. Esse gênero se refere não apenas a visões, obtidas por dedução teórica ou experiência prática, sobre o efeito medicinal das drogas, mas também a descrições parciais ou completas sobre os processos de cultivo, colheita e manufatura até atingir um estado de aplicabilidade medicinal. Isso poderia envolver plantas, ou partes de plantas, animais, ou parte de animais, minerais, produtos químicos, objetos cotidianos e mesmo substâncias do corpo humano. Contudo, nem todas as farmacopeias tratavam desses assuntos da mesma forma: havia trabalhos enciclopédicos

1. UNSCHULD, Paul U. **Medicine in China**: a History of Pharmaceutics. California: University of California Press, 1986, p. 1.
2. Idem.

que dificilmente deixavam uma questão sem resposta, assim como trabalhos especializados em apenas um único problema[3].

Desde a dinastia Han há documentos que evidenciam oficiais da corte e funcionários públicos especializados em pesquisar, escrever e compilar farmacopeias, o que, logicamente, não significa que anterior a esse período as pessoas não tivessem conhecimento sobre os medicamentos escritos. Além disso, desde o século XI, durante a dinastia Song, até o século XIV, no começo da dinastia Ming, existia um sistema de farmácias sob supervisão governamental. Contudo, não podemos dizer que os grupos que praticavam atividades farmacêuticas eram institucionalizados, organizados como uma classe, ou mesmo considerados importantes por parte do governo. O médico "profissional", aquele que vendia seu conhecimento médico e habilidades por dinheiro, não era socialmente bem visto na China pré-dinastia Qing (1644-1911). Podemos dizer o mesmo sobre os especialistas em vender drogas, considerados nada mais do que simples mercadores[4].

A posição social dos grupos que praticavam medicina para sobreviver não deve, contudo, nos levar a conclusões precipitadas como o descaso dos chineses com respeito aos cuidados com a saúde. Pelo contrário, a hesitação da sociedade chinesa tradicional em não estimular o crescimento desses grupos como profissão estava provavelmente relacionada a política confucionista em não permitir que nenhum indivíduo com algum conhecimento específico se elevasse socialmente como um grupo, já que isso poderia levar a tensões, crises e mesmo restruturação social. Além disso, era postulado que cada indivíduo deveria possuir conhecimento médico suficiente, inclusive farmacoterápico, para prestar ajuda a si próprio e a seus familiares.

A maioria das farmacopeias chinesas foi escrita e publicada por cidadãos privados por meio de sua própria iniciativa. Isso poderia incluir médicos práticos ou membros da família imperial. Tanto altos oficiais, que tiveram oportunidade de se familiarizar com diferentes plantas, animais e minerais ao longo de suas viagens por outros países e províncias, assim como daoístas que viviam em isolamento, que escreviam seus insights e experiências em como nutrir uma vida longa sem envelhecimento físico e mental, ambos escreveram farmacopeias. Filhos escreviam os conselhos de suas mães, autores publicavam textos críticos buscando revelar a verdadeira origem e uso de algumas plantas. Esses autores vinham de qualquer nível social de

3. Ibidem, p. 2.
4. Ibidem, p. 4.

indivíduos aptos a escrever, e não conseguimos encontrar casos de trabalhos criticados simplesmente por terem sido escritos por não-especialistas na área médica: o trabalho com fármacos fazia parte da educação geral de todas as pessoas, consequentemente todos poderiam ter autoridade para publicar obras deste tipo[5].

Apenas alguns poucos trabalhos sobre a farmacoterapia chinesa antiga foram compilados e publicados por meio de decretos imperiais[6]. Contudo, especialmente durante a dinastia Song (960-1279), passando pela dinastia Ming (1368-1644) e a dinastia Qing (1644-1911), grandes comitês foram reunidos com o objetivo de criar volumosas farmacopeias. Nelas, o leitor poderia encontrar informações sobre as peculiaridades internas e externas das drogas, assim como suas características individiduais, sua composição original, seus lugares de origem, compatibilidade com outros medicamentos, contraindicações, possibilidades de adulteração, critérios para reconhecer sua genuidade, preparo e prescrições. Alguns desses trabalhos continham amplo conhecimento teórico, enquanto que a maioria continha detalhadas informações sobre indicações e o efeito das drogas. Entretanto, essas volumosas obras costumavam servir muito mais como enciclopédias do que dando uma assistência mais concreta à prática médica diária[7].

Na China antiga, dificilmente algum aspecto relacionado ao conhecimento farmacoterapico foi totalmente abandonado. Tampouco não cabe aplicar uma noção de progresso, como da especulação à observação, das crenças à verdade, em relação a medicina chinesa. A dinâmica do pensamento chinês, exemplificado na medicina, foi caracterizada, primeiro, pela emergência de um grande número de diferentes tradições filosóficas, e segundo pela ausência de instituições que suportassem o desenvolvimento de um conhecimento padronizado e aceito pela maioria dos médicos e praticantes[8].

5. Ibidem, p. 5.
6. Idem.
7. Ibidem, p. 6.
8. Ibidem, p. 7.

Grande número das farmacopeias eram ilustradas. Alguns trabalhos, especialmente durante a dinastia Song, continham ilustrações bem precisas e detalhadas, difíceis de distinguir das nossas atuais enciclopédias botânicas, enquanto outros, como o famoso Ben Cao Gang Mu 本草綱目, continham apenas esboços, pobres em relação às definições botânicas. Frequentemente, um mesmo desenho continuava sendo reproduzido por séculos, mesmo se ilustrações de melhor qualidade já tivessem sido feitas[9].

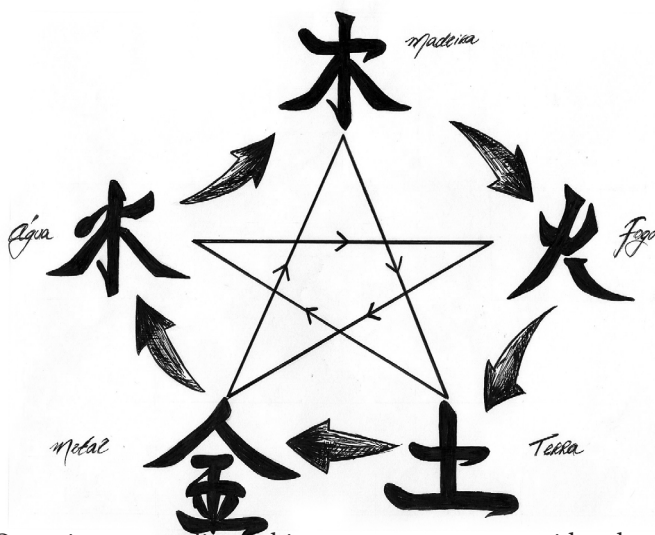
A estrutura que prevalecia na organização dos fármacos nas farmacopeias consistiram primeiramente na divisão de suas origens naturais: plantas, animais e minerais. Contudo, algumas exceções como o Ben Jing 本經 e o Ben Cao Qiu Zhen 本草求真, ambos da dinastia Tang, classificaram os fármacos em uma divisão de três classes que correspondiam aos conceitos macrocósmicos de Céu TIAN 天, Terra DI 地 e Ser Humano REN 人. Outra forma de classificação, presente em outros trabalhos, foi a das coisas menores para as maiores (águas, fogos, solos, metais, minerais, ervas, grãos, vegetais, frutas e árvores), e as que ascendiam do baixo ao sublime (vermes, animais com escamas, crustéceos, aves, quadrúpedes e o ser humano).[10]

O mítico imperador Shen Nong 神農 esteve relacionado, especialmente durante a dinastia Zhou e Han quando foram escritas as primeiras literaturas farmacêuticas que temos notícia hoje, à prática da farmacoterapia. O filósofo Mengzi 孟子 (372-289 AEC) mencionou Shen Nong 神農 como o modelo de um certo grupo social da época relacionado à agricultura e à vida simples, enquanto o Livro das Mutações Yi Jing 易經, escrito aproximadamente no mesmo período que Mengzi 孟子, afirmava Shen Nong 神農 ser o inventor do arado e fundador dos mercados. Contudo, a primeira referência a este legendário herói relacionando-o a prática farmacoterápica foi encontrada em HUAINANZI 淮南子, filósofo com inclinação daoísta que viveu no século 2 AEC[11]:

As pessoas da antiguidade consumiam ervas e bebiam água. Eles colhiam as frutas das árvores e comiam carne de moluscos. Eles frequentemente sofriam de doenças e envenenamentos. Então, Shen Nong ensinou-as pela primeira vez como semear os cinco tipos de grãos, e observar se a terra estava seca ou úmida, fértil ou pedregosa, localizada nas montanhas ou nas planícies. Ele testou o sabor de todas as ervas e examinou se elas eram doces ou amargas. Assim, ele informou as pessoas sobre o que elas deveriam evitar e onde deveriam ir. Nesse tempo, Shen Nong encontrou em

9. Ibidem, p. 7.
10. Ibidem, p. 8.
11. Ibidem, p. 11.

um dia setenta [ervas, líquidos, animais, minerais...] com efeitos medicinais.[12]

Embora possamos constatar muitas diferenças entre as diversas obras médicas escritas na China antiga, a teoria geral presente em todas elas era muito semelhante. O HUÁNG DÌ NÈI JĪNG 黃帝內經, um dos livros mais antigos e influentes na medicina chinesa, escrito e compilado no mesmo período da criação das primeiras farmacopeias, pode nos exemplificar duas teorias básicas da medicina chinesa e, especialmente, da farmacoterapia: a teoria YĪN YÁNG 陰陽 e a teoria dos Cinco Movimentos WǓ XÍNG五行.

Os antigos naturalistas chineses estavam convencidos de que viviam em um ambiente regido por bem compreendidas leis naturais. Essas leis se expressavam em gerações, atividades, transformações e desintegrações de todos os seres e todos os aspectos da natureza, assim como de suas interações. Eles identificaram e classificaram essas leis por meio de uma dualidade, a qual chamaram de YĪN YÁNG 陰陽, e por meio de uma quíntupla, a qual chamaram de Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行, ambas refletindo percepções complexas do ser humano em um mundo dinâmico.

Embora não se saibam exatamente suas origens, a teoria dos Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行 teve grande desenvolvimento especialmente

12. Ibidem, p. 11.

com os autores confucionistas da Dinastia Han (206 AEC-221 DEC), como DǑNG ZHÒNGSHŪ 董仲舒[13]. Segundo esta teoria, todas as coisas no universo poderiam ser classificadas em Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行. Através de seus ciclos de Geração SHĒNG 生 e Controle KÈ 克, as qualidades e as correspondências dos Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行 associadas à Madeira MÚ, ao Fogo HUǑ 火, à Terra TǓ 土, ao Metal JĪN 金 e à Água SHU Ǐ 水 eram visualizadas operando na natureza, no corpo humano e nas desarmonias[14]:

O Sul gera o calor; o calor gera o fogo; o fogo gera o sabor amargo; o sabor amargo gera o Coração XĪN 心; o Coração XĪN 心 gera o Sangue XUÉ 血; o Sangue XUÉ 血 gera o Baço PÌ 脾; o Coração XĪN 心 é o mestre da língua.

No Céu TIĀN 天 é o calor; na Terra DÌ 地 é o fogo; no ser humano é a Rede de Animação MÀI 脈.

Dentre os Depósitos ZÀNG 臟 é o Coração XĪN 心; dentre as cores é o vermelho; dentre os tons é o zhi; dentre os sons é o riso; dentre os movimentos de reação às mudanças é a ansiedade; dentre os orifícios é a língua; dentre os sabores é o amargo, dentre os estados mentais é a alegria[15].

A teoria YĪN YÁNG 陰陽 é tão antiga quanto a teoria dos Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行. Basicamente, ela expressa a ideia de uma dualidade não-absoluta que está em contínua relação, transformação, mudança e ressonância mútua[16]. YĪN YÁNG 陰陽, como aspectos dualistas interdependentes, compõe uma unidade dialética que permeia todas as coisas, todos os processos e todas as transformações tanto no microcosmo como no macrocosmo[17]. Desta forma, é possível classificar infinitamente todos os fenômenos em YĪN YÁNG 陰陽, já que este conceito só pode ser usado quando há uma relação, sendo impossível qualquer categorização absoluta – coisas sendo apenas YĪN 陰 ou apenas YÁNG 陽. Como foi dito em GUǍN ZǏ 管子, um texto do século III AEC:

13. UNSCHULD, Paul U. **Huang Di Nei Jing Su Wen**: nature, knowledge, imagery in an ancient Chinese medical text. Berkley, Los Angeles: University of California, 2003, p. 84.
14. BARSTED, Dennis W. V. L. Cosmologia Daoísta e Medicina Chinesa. In: NASCIMENTO, Marilene Cabral do. **As duas faces da montanha**: estudos sobre medicina chinesa e acupuntura. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 68-69.
15. SÙ WÈN 素問, cap. 5. In: UNSCHULD, Paul U. (trad). **Huang Di Nei Jing Su Wen**: an annotated translation of Huang Di's inner classic – Basic Questions. 2 v. Berkley, Los Angeles: University of California, 2011, p. 107.
16. LA VALLÉE, Elisabeth Rochat de; LARRE, Claude. **Yin Yang in Classical Texts**. s/l: Monkey Press, 2006, p. 2.
17. BARSTED, Dennis W. V. L.Op. Cit., p. 51-52.

[A sequência das estações] primavera, outono, inverno e verão reflete a alternância de YĪN YÁNG 陰陽.
A duração das estações reflete as operações de YĪN YÁNG 陰陽.
A alternância do dia e da noite reflete as transformações de YĪN YÁNG 陰陽[18].

As categorizações YĪN YÁNG 陰陽 não foram utilizadas apenas para classificar o universo mais amplo e o ambiente em que os seres humanos estavam inseridos, mas também os elementos morfológicos e fisiológicos do organismo humano:

YĪN 陰 é tranquilidade, YÁNG 陽 é agitação.
YÁNG 陽 dá a vida, YĪN 陰 estimula o crescimento[19].

O Céu TIĀN 天 é YÁNG 陽, a Terra DÌ é YĪN 陰.
O sol é YÁNG 陽, a lua é YĪN 陰[20].

Aquilo que sai é YĪN 陰; aquilo que entra é YÁNG 陽.
Aquilo que está quieto é YĪN 陰; aquilo que se move é YÁNG 陽.
Aquilo que é retardado é YĪN 陰; aquilo que é acelerado é YÁNG 陽[21].

18. GUǍN ZǏ 管子, cap. CHÉNG MǍ 管子乘馬. XIN YI GUAN ZI DU BEN, vol. 1, p. 70. In: UNSCHULD, Paul U. (2003). Op. Cit, p. 85.
19. SÙ WÈN 素問, cap. 5. In: UNSCHULD, Paul U. (trad).Op.Cit, p. 95.
20. Ibidem, p. 127- 163.
21. Ibidem, p. 137.

Falando-se do YĪN 陰 e YÁNG 陽 de um ser humano, a parte de fora é YÁNG 陽, a parte de dentro é YĪN 陰.
Falando-se do YĪN 陰 e YÁNG 陽 do corpo humano, as costas são YÁNG 陽, o abdômen é YĪN 陰.
Falando-se do YĪN 陰 e YÁNG 陽 dentre os Depósitos ZÀNG 臟 e os Palácios FǓ 腑 do corpo humano, os Depósitos ZÀNG são YĪN 陰, os Palácios FǓ 腑 são YÁNG 陽[22].

Nenhum dos Cinco Movimentos WǓ XÍNG 五行 ou dos aspectos YĪN 陰 e YÁNG 陽 em particular expressavam juízo de valor: qualquer aspecto em excesso era considerado prejudicial, pois assim se perdia a harmonia com o DÀO 道, com a ordem da natureza.

E quais as relações entre essas teorias e a prática da farmacoterapia chinesa? Para ambas, cada medicamento possuía certas características, especialmente relacionadas a sua Natureza XING 性 (se este era YĪN 陰, YÁNG 陽 ou ambos) e a seu Sabor WEI 味 (Picante XING 辛, Doce GAN 甘, Azedo SUAN 酸, Amargo KU 苦 e Salgado XIAN 咸).

A determinação do sabor, antigamente, se obtinha atrás da degustação, pois naquele período não se podia explicar o sabor dos medicamentos por meio de seus componentes químicos. Além disso, embora geralmente se falem de Cinco Sabores WU WEI 五味, isso não quer dizer que existam apenas exatamente cinco deles, já que pode haver nuances entre eles e um mesmo medicamento pode ter mais de um sabor, ter sabor discreto ou também ter sabor adstringente[23]. Também é importante lembrar que o Sabor WEI 味 se desenvolveu de modo a expressar as características dos medicamentos na prática, não significando necessariamente o sabor obtido pela degustação[24]. Cada um dos Cinco Sabores WU WEI 五味possuia certas características específicas:

- Picante XIN 辛: dispensar, fazer fluir o QI 氣, ativar o Sangue XUE 血, umedecer e nutrir.
- Doce GAN 甘: tonificar, harmonizar e aliviar cólicas.
- Azedo SUAN 酸: efeito adstringente e de retenção.
- Adstringente SE 澀: efeito semelhante ao sabor azedo.

22. Ibidem, p. 89.
23. GUANG, Jiang You. **Curso de farmacoterapia tradicional chinesa**. Trad. Li Shih Min. Florianópolis: Ipe/MTC, 1998, p. 33.
24. Ibidem, p. 32.

- Amargo KU 苦: redução, sedação, efeito de secar.
- Salgado XIAN 咸: amolecer, desfazer, causar diarreia.
- Discreto DAN 淡: remover umidade, promover diurese.[25]

Em relação a Natureza XING 性 dos medicamentos, elas também podiam ser classificadas de diversas formas, como: Muito Quente (muito YÁNG 陽), Quente RE 熱 (YÁNG 陽), Morna WEN 溫 (pouco YÁNG 陽), Muito Fria (muito YĪN 陰), Fria HAN 寒 (YĪN 陰), Fresca LIANG 涼 (pouco YĪN 陰) e Neutro PING 平 (nem YĪN 陰 nem YÁNG 陽 se destacam)[26]. A ideia básica desta teoria era harmonizar o organismo geralmente por meio de seu oposto, por exemplo, medicamentos de Natureza Fria ou Fresca eram utilizados para reduzir ou eliminar síndromes relacionadas ao Calor, enquanto medicamentos de Natureza Quente ou Morna eram utilizados para síndromes de Frio. Algumas síndromes, contudo, poderiam apresentar tanto Frio quanto Calor, e neste caso era necessário uma avaliação mais específica[27].

Todos os medicamentos possuíam Sabor WEI 味 e Natureza XING 性 específicos, e essas duas caraterísticas deveriam sempre ser consideradas em conjunto. Por exemplo, dois medicamentos de Natureza Quente RE XING 熱性, mas com Sabor WEI 味diferentes, produziriam efeitos diferentes, assim como dois medicamentos de Sabor Amargo KU WEI苦味, mas com Natureza XING 性 diferentes, também apresentariam efeitos diferentes[28].

Além disso, os medicamentos também possuíam diversas outras caraterísticas como Local de Ação, Sentido de Ação, Suplementação ou Redução e Toxidade, todos buscando estabelecer parâmetros mais objetivos por meio da experimentação empírica[29]. Em diversos trabalhos sobre o uso de drogas na China antiga era enfatizada a relação entre o mundo natural e o sobrenatural, entre o visível e o invisível, ambos fazendo parte da mesma realidade, como podemos ver no exemplo da droga BADOU 巴豆 (*Fructus crotonis*) no trabalho SHEN NON BEN CAO JING 神農本草經 (c. 500 DEC) escrito por TAO HONGJING (452-536 DEC):

> BADOU 巴豆, sabor: picante; natureza: morno; morno em estado fresco, frio quando é cozido; possui fortes efeitos medicinais. Controla problemas causados por frio, febre intensa, acessos de frio e calor; desobstrui o intestino de diferentes maneiras;

25. Ibidem, p. 34-35.
26. Ibidem, p. 32-33.
27. Ibidem, p. 33.
28. Ibidem, p. 35.
29. Ibidem, p. 31-32.

estagnação de líquidos, congestionamento de muco, inchaço no abdmômen, edemas, purga dos Cinco ZÁNG 臟 e dos Seis FÙ 腑; abre e rompe obstruções; deixa livre o caminho para a água e os alimentos; remove a carne estragada; expele venenos causados por demônios, remove possessões causados pelos Gu e outros maus; mata vermes e peixes [...][30].

Em relação as plantas medicinais, eram necessários muitos cuidados para garantir sua qualidade, desde o cultivo até a colheita, o armazenamento e a produção das fórmulas. Geralmente eram usadas as plantas inteiras, ou apenas as folhas, flores, pólens, frutos, sementes, raízes, caules e cascas de árvores e de raízes, e como cada uma dessas partes possuíam fases de desenvolvimento diversas. Em busca de se obter a melhor qualidade possível de cada planta estas também possuíam estações e períodos do dia ou da noite mais propícios para sua colheita. Sobre a secagem, algumas das formas mais comuns eram ser secas ao sol, na sombra ou ao vento, e uma boa secagem influenciava diretamente na qualidade das plantas armazenadas[31].

O processamento, assim como a preparação e a utilização dos medicamentos eram etapas também muito importantes. Uma mesma planta processada de diversas maneiras apresentaria efeitos diferentes, e este processamento poderia ocorrer para eliminar ou diminuir a toxidade de algumas substâncias, sua potência e/ou efeitos colaterais, alterar suas caraterísticas para se adequar às necessidades da doença, facilitar a preparação e o armazenamento ou ainda eliminar as impurezas e os componentes não medicamentosos. Por exemplo, a mesma droga BADOU 巴豆 (*Fructus crotonis*) que possui efeito purgativo intenso poderia ser processada com óleo para diminuir esse efeito. O modo de processar os medicamentos eram variados, como por meio de depuração e limpeza, trituração, corte em fatias, umedecimento, enxague, decantação, aquecimento com outros líquidos, aquecimento ao rubro, aquecimento em cinza, cozimento a vapor, germinação e fermentação[32].

Os primeiros escritos chineses que chegaram até nós datam de cerca de 1000 AEC e, durante esse tempo, milhares de documentos, especialmente médicos, foram produzidos. Contudo, a história chinesa é ainda mais longa do que esses registros, e devido especialmente a arqueologia, conseguimos ir ainda mais longe nos estudos sobre os cuidados com a saúde nos tempos

30. UNSCHUL, Paul U.Op.Cit., p. 40.
31. GUANG, Jiang You. Op.Cit., p. 25-29.
32. Ibidem, p. 77-83.

antigos (dinastias pré-Han). Assim, seria impossível, nesse trabalho, escrever sobre todas essas fontes que chegaram até nós, por isso citarei algumas apenas a nível de exemplo.

Os escritos farmacológicos mais antigos que temos notícia são da dinastia Zhou do Oeste (1066-771 AEC), onde foram registradas alguns preparados em forma de decocção e bebida alcóolica[33]. Durante a dinastia Han tardia foi compilado, provavelmente por diversos autores, vários SHEN NONG BEN CAO JING 神農本草經, compostos por 365 drogas divididas em: medicamentos superiores, medicamentos medianos a medicamentos inferiores[34].

Na metade do século VII, durante a dinastia Tang, o imperador chinês encarregou SU JING de escrever o XIN XIU BEN CAO 新修本草, livro que continha 844 tipos de medicamentos nacionais e importados, especialmente da Índia e de reinos árabes. Nele também havia ilustrações dos medicamentos com legenda, e embora estas tenham se perdido em cerca do ano 1050, outras fontes sugerem que elas eram coloridas[35].

Outra obra de extrema importância para a medicina chinesa, e até hoje considerada uma das maiores autoridades sobre farmacologia chinesa, foi o BEN CAO GANG MU 本草綱目, escrito por LI SHIZHEN 李時珍 em entre 1547-1580 e publicado em 1596. LI SHIZHEN 李時珍 passou mais de 35 anos viajando pela China em busca de organizar, estudar e registrar os usos de mais de 1898 medicamentos por diferentes pessoas, citou 952 autores prévios a ele, com ajuda de seu filho desenhou 1160 ilustrações coloridas, resultando em um trabalho colossal com mais de 11000 prescrições e informações em 52 volumes[36].

Após a Guerra do Ópio (1840-1842) e diversas crises políticas e morais na China durante o século XIX e início do XX, ocorreu o enfraquecimento do Estado imperial chinês e uma valorização cultural estrangeira que levou à estagnação e à desvalorização da Medicina Chinesa. Contudo, após 1949 se iniciou sua reorganização e padronização por meio da criação de escolas médicas chinesas, e os estudos e publicações referentes a farmacologia chinesa tem sido cada vez mais estimulados.

Por fim, embora no Ocidente geralmente tratemos a Medicina

33. GUANG, Jiang You.Op.Cit., p. 20.
34. UNSCHULD, Paul U.,Op.Cit., p. 19.
35. Ibidem, p. 48. GUANG, Jiang You.Op. Cit., p. 21.
36. Ibdem, p. 147-149.

Chinesa como algo homogêneo e padronizado, ela possui uma história de milênios marcada, justamente, pela riqueza e diversidade de pensamentos. Conseguimos perceber essa diversidade mesmo nos autores ditos "oficiais", ou seja, aqueles que registraram seus escritos de alguma forma, mas se levarmos em consideração apenas o número de etnias chinesas que existem hoje (mais de noventa), com sua história e cultura particulares, a riqueza de informações e usos sobre os fármacos é gigantesco. Assim, embora a indústria farmacêutica ocidental esteja crescendo cada vez mais na China atual, a farmacoterapia chinesa continua sendo o método terapêutico mais utilizado pela maioria dos mais de um bilhão e quatrocentos milhões de chineses, além de estar se espalhando rapidamente pelo mundo, inclusive no Brasil[37].

37. Nos últimos anos a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tem criado espaços para discutir a regulamentação da Medicina Tradicional Chinesa no Brasil. Disponivel em :<http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/anvisa+portal/anvisa/sala+de+imprensa/menu++noticias+anos/2013+noticias/anvisa+abre+consulta+publica+sobre+medicina+tradicional+chinesa>. Acesso em: 03 abr 2013.

BIBLIOGRAFIA

- BARSTED, Dennis W. V. L. Cosmologia Daoísta e Medicina Chinesa. In: NASCIMENTO, Marilene Cabral do. **As duas faces da montanha**: estudos sobre medicina chinesa e acupuntura. São Paulo: Hucitec, 2006.
- GUANG, Jiang You. **Curso de farmacoterapia tradicional chinesa**. Trad. Li Shih Min. Florianópolis: Ipe/MTC, 1998.
- LA VALLÉE, Elisabeth Rochat de; LARRE, Claude. **Yin Yang in Classical Texts**. s/l: Monkey Press, 2006.
- LOBOSCO, Magali. **Fórmulas magistrais da dinastia Han**. Rio de Janeiro: Prol, 2008.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). **WHO International Standard Terminologies on Traditional Medicine in the Western Pacific Region**. 2007.
- UNSCHULD, Paul U. (trad). **Huang Di Nei Jing Su Wen**: an annotated translation of Huang Di's inner classic – Basic Questions. 2 v. Berkley, Los Angeles: University of California, 2011.
- ______. **Huang Di Nei Jing Su Wen**: nature, knowledge, imagery in an ancient Chinese medical text. Berkley, Los Angeles: University of California, 2003.
- ______. **Medicine in China**: a History of Pharmaceutics. California: University of California Press, 1986.

Para saber mais…

Luis Fernando Bernardi Junqueira

Para a utilização dos medicamentos chineses, especialmente em fórmulas, alguns pontos deveriam ser muito bem analisados. Antigamente, existiam sete aspectos para a combinação dos medicamentos:

- Remédio único DAN XING 单行: utilização de um único medicamento para o tratamento.
- Reforço mútuo XIANG XU 相须: combinação de medicamentos com características e funções semelhantes.
- Assistência XIANG SHI 相使: entre medicamentos com funções e características semelhantes, um é o principal e o outro é o auxiliar que intensifica o efeito do principal.
- Restrição XIANG WEI 相畏: os efeitos tóxicos ou colaterais de alguns medicamentos eram eliminados por meio de associações com outros medicamentos.
- Desintoxicação XIANG SHA 相杀: um medicamento poderia diminuir os efeitos colaterais e tóxicos de outro.
- Inibição XIANG WU 相恶: o uso de dois medicamentos que poderia reduzir ou eliminar o efeito um do outro.
- Antagonismo XIANG FAN 相反: dois medicamentos que, quando combinados, poderiam gerar efeitos tóxicos ou colaterais.[38]

Além disso, haviam proibições de combinação como as "19 restrições", os "18 antagonismos", proibições nas gestantes e proibições alimentares durante o uso de certos medicamentos[39].

Os medicamentos poderiam ser preparados de diversas formas como, por exemplo:

- Decoto TANG JI 湯劑: medicamentos eram cozidos em água e era bebida apenas a parte líquida.
- Pó SAN JI 散劑: trituravam-se ou moiam-se os medicamentos até transformá-los em pó.

38. GUANG, Jiang You. **Curso de farmacoterapia tradicional chinesa**. Trad. Li Shih Min. Florianópolis: Ipe/MTC, 1998, p. 85-87.
39. Ibidem, p. 88-90.

- Pílula WAN JI 丸劑: aos medicamentos moídos acrescentavam-se mel, água, pasta de arroz ou trigo para dar forma à pílula.
- Pasta GAO JI 膏劑: podia ser de uso interno ou externo e havia diferentes modos de preparo como, após o cozimento dos medicamentos, remover os resíduos e, com fogo baixo, acrescentar mel ou açúcar até virar uma pasta.
- DAN JI 丹劑: medicamentos de depuração, poderiam ser utilizados como pílulas, pó ou em pedaços.
- Bebida medicinal JIU JI 酒劑: os medicamentos eram depositados em bebida alcóolica, e o processo poderia ocorrer a frio ou a quente.
- Xarope TANG JIANG 糖浆: os medicamentos eram processados com açúcar.
- Comprimido PIAN JI 片劑: são extraídas substâncias ativas dos medicamentos.
- Liofilizado CHONG JI 沖劑: grânulos feitos com extratos medicinais (xarope ou decoto) e açúcar, para serem dissolvidos em água antes de beber.
- Injetável ZHU SHE YE 注射液: uma preparação obtida por meio de extração, concentração e formulação usada para injeção[40].

Os medicamentos em forma de Comprimido PIAN JI 片劑 e na forma Injetável ZHU SHE YE 注射液 são relativamente recentes, embora se use da teoria médica chinesa para seu preparo e administração. É importante lembrar que, ao contrário de outras formas de medicina antigas que hoje não são mais utilizadas, a medicina chinesa continua sendo o principal método terapêutico na China, por isso sua transformação, assim como inovações na sua prática, são imprescindíveis e necessárias.

A dosagem e a administração dos medicamentos variavam de pessoa para pessoa. Deveria-se levar em conta, entre outras coisas, a idade do indivíduo, sexo, a gravidade da doença, a estação do ano, o ambiente e as características do medicamento. Por exemplo, em regiões frias se poderia administrar uma dose maior de medicamentos que serviam para aquecer; e no inverno, medicamentos de Natureza Fria ou Fresca, usados para eliminar o Calor de Verão e o Fogo, deveriam

40. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **WHO International Standard Terminologies on Traditional Medicine in the Western Pacific Region**. 2007, p. 265-267.

ser usados em doses menores[41].

Os antigos chineses acumularam vasta experiência por meio da prática e melhoraram suas conclusões teóricas estabelecendo diversas regras para a elaboração de fórmulas, o estilo mais usado na farmacoterapia chinesa. As fórmulas eram combinações de diversos medicamentos, e geralmente apresentavam os seguintes componentes:

- Monarca JUN 君: o medicamento que provia o principal efeito curativo em relação as síndromes principais ou sintomas primários.
- Ministro CHEN 臣: o medicamento que reforçava o efeito do medicamento Monarca.
- Assistente ZUO 佐: o medicamento que ajudava a tratar o conjunto das síndromes, controlava os efeitos colaterais ou toxidade do Monarca ou o ajudava a tratar sintomas secundários.
- Guia SHI 使: o medicamento que dirigia a ação da fórmula até o local da doença por meio dos Meridianos JING LUO 經絡, ou que ajudava a regular os efeitos dos demais medicamentos, harmonizando-os[42].

Sobre a quantidade desses componentes em uma fórmula, não havia regra rígida. Geralmente o Monarca era numericamente menor que os outros componentes, mas uma única fórmula podia conter diversos Monarca, Ministro, Assistente e Guia. Na fórmula MA HUANG TANG 麻黃湯 podemos ter uma ideia de como era organizada e qual o papel de cada medicamento nela[43]:

- Monarca JUN 君: MA HUANG 麻黃 (*Herba ephedrae*); Sabor: Picante; Natureza: Morno. Causa sudorese, alivia Síndrome da Superfície, libera o QI 氣 do Pulmão e acalma a falta de ar.
- Ministro CHEN 臣: GUI ZHI 桂枝 (*Ramulus cinnamomi cassiae*); Sabor: Picante e Adocicado; Natureza: Morno. Aquece os Meridianos JING LUO 經絡 e relaxa os músculos. Quando combinada com MA HUANG 麻黃 ela fortalece o efeito de sudorese e de dispersar a Superfície, empurrando o fator patogênico para fora.
- Assistente ZUO 佐: XING REN 杏仁 (*Semen pruni armeniacae*);

41. Ibidem p. 99-101.
42. Ibidem, p. 103-104. OMS, 2007, p. 264.
43. LOBOSCO, Magali. **Fórmulas magistrais da dinastia Han**. Rio de Janeiro: Prol, 2008, p. 185-187. GUANG, Jiang You, 1998, p. 104-105.

Sabor: Amargo; Natureza: Morno. Desbloqueando o fluxo de QI 氣 do Pulmão auxilia MA HUANG 麻黄 a melhorar a respiração e expulsar o fator patogênico.

- Guia SHI 使: GAN CAO 甘草 (*Radix glycyrrhizae uralensis* torrada no mel); Sabor: Adocicado; Natureza: Morno. Harmoniza a ação das outras ervas e modera a ação diaforética de MA HUANG 麻黄[44].

Como podemos ver no exemplo acima, as fórmulas se preocupavam com a combinação dos medicamentos, a fim de desenvolver uma sinergia e aumentar o efeito terapêutico para alcançar um melhor resultado. Assim, em uma formulação, ao se retirar ou acrescentar outros medicamentos, ao alterar sua combinação, dosagem, e modo de preparo, isso tudo poderia modificar função e limite de atuação dos medicamentos[45].

44. LOBOSCO, Magali. Op.Cit, p. 186. GUANG, Jiang You. Op.Cit., p. 104.
45. GUANG, Jiang You. Op. Cit., p. 105-108.

Trabalhando com fonte histórica

SÙ WÈN 素問, cap. 1. In: UNSCHULD, Paul U. (trad). **Huang Di Nei Jing Su Wen**: an annotated translation of Huang Di's inner classic – Basic Questions. 2 v. Berkley, Los Angeles: University of California, 2011. p. 30.

Discurso sobre o QÌ verdadeiro dotado pelo Céu em tempos antigos SHÀNG GǓ TIĀN ZHĒN 上古天真

Agora, ele [Huang Di] pergunta ao mestre celestial, Qi Bo:
"Eu ouvi dizer que as pessoas em tempos antigos, na sequência da primavera e outono, todos excediam cem anos.
Mas seus movimentos e atividades não eram fracos.
Para as pessoas de hoje, depois de cem anos, seus movimentos e atividades enfraquecem.
Isso é porque os tempos são diferentes?
Ou é porque as pessoas perderam essa habilidade?"

Qi Bo respondeu:
"As pessoas dos tempos antigos, aqueles que seguiam o DÀO 道, elas organizavam seus comportamentos de acordo com YĪN YÁNG 陰陽 e eram guiadas pelas artes e cálculos.
Sua alimentação e bebidas eram moderadas.
Elas se levantavam e dormiam com regularidade.
Elas não cansavam a si mesmos com trabalhos sem sentido.
Por isso eram capazes de manter aparência física e Espírito SHÉN 神 juntos, e exaurir os anos dados pelo Céu.
Seu período de vida excedia cem anos antes que elas partissem.
O fato de as pessoas de hoje serem diferentes é porque elas bebem bebidas alcóolicas ordinariamente, e adotam comportamentos absurdos como se fossem comuns.
Elas estão bêbadas quando entram nos quartos das mulheres.
Por meio de seu desejo, elas exaurem suas Essências JĪNG 精, por meio do seu desperdício eles dissipam seu QÌ 氣 verdadeiro.
Elas não sabem como manter plenitude e ocupam seus Espíritos SHÈN

神 quando não é o tempo certo.
Elas fazem muitos esforços para satisfazerem seus Corações XĪN 心, mas se opõe à verdadeira felicidade da vida.
Nas atividades e no descanso perdem suas condições.
Assim, apenas na metade de cem anos e elas já estão fracas.

[...]
[Sobre as pessoas sábias]
Por isso, a mente está relaxada e possui poucos desejos.
O Coração XĪN 心 está em paz e não sente medo.
A aparência física está em atividade, mas não está cansada.
[...]
Assim, elas consideravam sua comida deliciosa,
Aceitavam qualquer roupa, e apreciavam o comum.
Aqueles de altos e baixos níveis não possuíam diferença uns em relação aos outros.
As pessoas, assim, eram chamadas Naturais.

UNSCHULD, Paul U. **Medicine in China**: history of pharmaceutics. Berkley, Los Angeles: University of California, 1986, p. 11

HUÁINÁNZ Ǐ 淮南子
[Sobre SHÉN NÓNG BĚN CǍO JĪNG 神農本草經]

As pessoas da antiguidade consumiam ervas e bebiam água. Eles colhiam as frutas das árvores e comiam carne de moluscos. Eles frequentemente sofriam de doenças e envenenamentos. Então, Shen Nong ensinou-as pela primeira vez como semear os cinco tipos de grãos, e observar se a terra estava seca ou úmida, fértil ou pedregosa, localizada nas montanhas ou nas planícies. Ele testou o sabor de todas as ervas e examinou se elas eram doces ou amargas. Assim, ele informou as pessoas sobre o que elas deveriam evitar e onde deveriam ir. Nesse tempo, Shen Nong encontrou em um dia setenta [ervas, líquidos, animais, minerais...] com efeitos medicinais.

Achilea milleforium

4. Medicina, ervas e cultura na Grécia antiga

Beatriz Pereira Ribeiro e Júlia Pedrollo Albertoni

A antiguidade clássica viveu o florescimento do pensamento racional num mundo até então explicado pelo universo mitológico, mágico e sobrenatural. Novas ideias foram assimiladas pela cultura do período numa dialética entre o mito e a razão, semeando o desenvolvimento de conhecimentos como a filosofia, a política, as artes, a medicina e estruturas de organização social, como as Cidades-Estados. O conhecimento herbalista da Grécia Antiga vai circular nesse campo diverso de particularidades, traduzido por médicos e filósofos, botânicos e curandeiros, entre as camadas populares e elitizadas, em tratados hipocráticos e na literatura mitológica, caracterizado pela experiência de ruptura do homem com seu antigo modo de percepção do real, pois "quando o homem grego vivencia a experiência da razão, ele sobrevaloriza a palavra "logos" e substitui as antigas representações míticas, que balizavam seu modo de agir no mundo, por representações racio nais."[1]

Para entendermos as práticas herbalistas do mediterrâneo clássico, precisamos compreender a cultura, a concepção de saúde e as práticas médicas do homem grego. Para isso, sabemos que é possível em um mesmo contexto a coexistência de homens com diversas características e personalidades, porém, há costumes em comum da vida mediterrânea que valem ser destacados. O mais relevante destes é a relação do homem com a natureza. O mundo natural, para os gregos, era concebido como força vívida e dinâmica, próxima do divino e do mundo humano; sendo assim, o homem se compreendia como parte pertencente do mundo e não algo estranho a este. Como nos esclarece Vernant: "Mas, para o grego, o mundo não é esse universo exterior coisificado, separado do homem pela barreira intransponível que separa a matéria do espírito, o físico do psíquico. O homem encontra-se em uma relação íntima com o universo animado ao qual tudo liga."[2]

Além disso, os deuses do politeísmo grego, diferentemente do deus monoteísta, não eram vistos separados do mundo terreno e sim como criaturas que nasceram dele e vivem por ele. Eram integrantes, como os humanos, do cosmos. O sistema religioso politeísta tinha sua influência constante na vida

---

1. DINIZ, 2006, p.25, apud FONSECA. **A "ciência das doenças" e "arte de curar"**: trajetórias da medicina hipocrática. Dissertação de Mestrado. UERJ, 2006. p. 7-8

2. VERNANT, Jean Pierre. **Entre mito e política**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 179.

diária, pois era no desenvolvimento das várias tarefas sociais que os homens se relacionavam com os Deuses. O que nos traduz essas relações são os mitos, integrantes da cultura pulsante dessa sociedade. Segundo Brandão os mitos "(...) são a linguagem imagística dos princípios. Traduzem a origem de uma instituição, de um hábito, a lógica de uma gesta, a economia de um encontro"[3].

Vamos encontrar no universo mitológico a origem para diversas ações, hábitos e práticas culturais gregas, como os rituais e cultos. Inclusive, faz-nos compreender muito dos usos das plantas medicinais mais frequentes na Grécia Antiga e a relação do homem grego com sua saúde.

Ao decorrer dos séculos, principalmente durante o séc V e VI a.C, os mitos e a relação entre os homens e as divindades foram fonte de análise e de crítica. Os membros letrados da sociedade grega buscaram desmitificar muitos costumes, tendo como exemplo Demócrito (520-440 a.C) cujas críticas eram de cunho racionalista. Contudo, a ruptura racional surge de uma elite letrada: a mitologia permaneceu acesa nos imaginários dos gregos e será influência de muitas práticas culturais futuras.

Mesmo que surgida seio da elite grega, a filosofia racional será amadurecida e traduzida em diversas manifestações socioculturais, sendo a medicina uma destas. O pensamento racional esclarece uma nova maneira de conceber o papel do médico e a relação do homem com a saúde e a doença. Como um dos pioneiros dessa concepção está a figura de Hipócrates de Cós, nascido na segunda metade do século V a.C., cuja existência coincide com a Guerra do Peloponeso e com a efervescência cultural de Atenas. Nessa época, muitos médicos passaram a dar ênfase à especulações teóricas e a procedimentos baseados na observação do doente e da doença, na busca por explicações racionais e de instrumentos mais eficazes. Como está escrito num dos textos antigos atribuídos à Hipócrates: " As doenças tem uma causa natural e não sobrenatural que podemos estudar e compreender"[4]e ainda: "(...) rezar é uma boa coisa mas, mesmo invocando os deuses, é preciso ajudar a si mesmo"[5].

O movimento de dissociação da medicina das práticas mágico-religiosas dos séculos anteriores teve seu início em meados de 500 a.C[6]. O ápice da nova forma de conceber a medicina é sistematizada no Corpus

3. BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega** - Volume I. Editora Vozes, Petrópolis,1997. p 38.
4. BIRLOUEZ, Éric. **La Santé Par L'alimentation**. Paris: Ouest-France, 2013. p. 30.
5. Idem.
6. CAIRUS, Henrique, RIBEIRO, Wilson. **Textos Hipocráticos**: o doente, o médico e a doença. Editora Fiocruz: Rio de Janeiro, 2005.p. 15.

Hippocraticum, uma coleção grega de 66 tratados que inspiraram a cultura medicinal e seu desenvolvimento contemporâneo. Atribuiu-se aos textos, num primeiro momento, a autoria de Hipócrates de Cós; porém, sabe-se que foram desenvolvidos por diversos autores, inclusive discípulos do famoso médico. Da vida de Hipócrates, pouco foi descoberto pelos historiadores: segundo Sigerist "tudo o que sabemos com certeza sobre Hipócrates é que ele viveu"[7]. Conclui-se que ele era também um filósofo, pois buscava a explicação de um sistema global para o corpo humano, e, ainda, era um asclepíade, pois fazia parte de uma comunidade de médicos ligados por laços familiares ou profissionais.

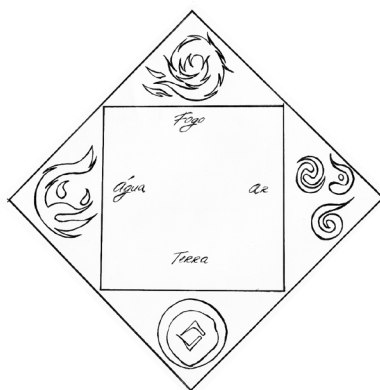
Este termo vai adquirir, na Grécia Antiga, a conotação de "praticante da medicina" e deriva de Asclépio, o herói-deus da medicina mais cultuado de toda a Grécia[8]: "Apolo, na forma de um cisne, relacionou-se com Corônis, uma mortal (...) dessa relação nasceu Asclépio, o deus na medicina que não fazia parte do Panteão das divindades olímpicas"[9]. Asclépio teve duas filhas: Higéia, deusa da saúde, e Panacéia, deusa da cura. Eram a esses três deuses que a civilização grega recorria no caso de uma doença. E é justamente com essa denominação mítica - de asclepíade - que o famoso Hipócrates de Cós vai desenvolver sua medicina racionalista, que vai no sentido de romper com a ideia de curas mágicas e divinas.

Podemos apontar importantes técnicas e conceitos desenvolvidos pela medicina hipocrática que estão entrelaçados com o uso das plantas medicinais no período. Primeiramente, o foco da medicina hipocrática era a prevenção pois buscava-se, antes de mais nada, manter a boa saúde do homem e, em último caso, reverter o estado de desequilíbrio do sistema físico ocasionado por determinadas "doenças".

Sendo assim, a medicina operava em três pilares: a cirurgia (práticas como sangrias e purgações), a farmácia (muito diferente do tipo de medicamentos de nosso tempo) e a dieta (que não se limitava apenas à alimentação). O principal mecanismo de cura hipocrático era um regime em sua totalidade, que envolvia uma dieta alimentar, exercícios físicos, massagens e banhos, sangrias e purgações e ainda remédios à base de substâncias vegetais, animais ou minerais. Muito diferente da concepção de regime que temos atualmente, os médicos hipocráticos propunham para o paciente um regime de vida personalizado, a fim de prevenir possíveis doenças e diminuir

7. Sigerist apud CAIRUS, Henrique, RIBEIRO, Wilson. Op. Cit., p. 24.
8. Ibidem. p. 16.
9. BRANDÃO, Junito de Souza. Op. Cit., p. 132.

determinados sintomas.

Além disso, os gregos desenvolveram um sistema global com vistas a compreender o funcionamento do corpo humano, chamado de teoria dos humores. Assim como os primeiros filósofos da Grécia identificaram a base da matéria do mundo nos quatro elementos água, ar, terra e fogo, o corpo humano possuía, para os médicos hipocráticos, quatro humores: o sangue, a fleuma, a bílis negra e a bílis amarela. Os humores, além de estarem relacionados aos elementos da matéria, também afetavam os temperamentos das pessoas. Por exemplo, a melancolia viria do excesso de bile negra, enquanto a alegria, do excesso de sangue.

A saúde era, portanto, o estado no qual estas substâncias estariam numa proporção correta uma em relação a outra, tanto em força como em quantidade. A doença apareceria quando uma destas substâncias era deficitária, estava em excesso ou se encontrava separada no corpo e não misturada com as outras. Para a manutenção do equilíbrio, a cura implicaria num sistema de compensações avaliadas em função da estação do momento, da dieta e do ambiente do enfermo. O sistema não era único, haviam diversas formas de tratamentos, como indicado no trecho do Tratado "Da Natureza do Homem", texto original do Corpus Hipoccraticum:

> Eu, de minha parte, digo que, se o homem fosse uma unidade, nunca sofreria. (...) Se realmente sofre, é necessário que haja também um único medicamento. Mas há muitos, pois há muitas substâncias no corpo, as quais, quando, contra a natureza, mutuamente se esfriam e se esquentam, e se secam e se umedecem, geram doenças; de tal modo que muitas são as formas de doença e seus tratamentos vários. (...)

Apresentarei provas e apontarei as necessidades graças às quais cada substância aumenta e diminui dentro do corpo.[10]

Vale destacar, a partir deste trecho, a busca do autor pela sistematização dos tratamentos através da observação do corpo humano, com a "apresentação de provas".

Outra característica da medicina racional mediterrânea é a perspectiva de que o homem estava conectado ao seu ambiente externo. O microcosmos, na forma do corpo humano, era ligado ao macrocosmo, o universo. Essa característica evidencia influência e herança da cultura mitológica no que se refere à conexão do homem com a natureza. Os autores Marcel Detienne e Guilia Sissa, na obra "Os deuses gregos", ponderam sobre a saúde, doença e a relação com os deuses, e concluem que "a saúde dependeria principalmente de como os homens governavam suas vidas. A higiene era, portanto, uma das maiores preocupações médicas, nas quais uma série de prescrições dietéticas de origem empírica visavam à manutenção da saúde. Contudo, eram definidas ainda na margem de ideias mágicas e religiosas."[11]

Na recuperação do equilíbrio corporal, os fármacos eram um dos pilares da medicina hipocrática, administrados através da escolha minuciosa de raízes, caules, frutos, folhas e flores das ervas existentes na região a partir dos conhecimentos passados por gerações, seja pela cultura popular, seja pela sistematização dos asclepíades. A Antiguidade estava distante da indústria farmacêutica nos moldes que temos atualmente. As formas mais comuns de utilização das ervas eram em chás, sucos e infusões, maceradas com vinho ou mel, em óleos e na culinária.

Em uma de suas análises médicas, Hipócrates procurou auxiliar o filósofo Demócrito, trocando diversas cartas com o mesmo e com personagens relacionados a viagem que fazia a Abdera, na busca pela cura do filósofo. Na Carta 16 da coleção "Sobre o riso da Loucura", Hipócrates escreve para Cratevas o "melhor dos coletores de raízes":

Agora a necessidade exige que colhas plantas, tantas quantas fores capaz e que depois as envies para mim, pois elas se destinam ao equilíbrio de um homem e de uma cidade: a Demócrito e a Abdera. (...) O uso que fazes da botânica é realmente

10. POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 30.
11. DETIENNE, Marcel, SISSA, Giulia. **Os deuses gregos**. Companhia das Letras: São Paulo. 1990. p.102.

espantoso, quando trata da natureza do todo, da disposição, do templo sagrado da terra, a partir do qual os animais e as plantas crescem, onde nascem os fármacos, a sorte e a própria riqueza. (...) agora tu coleta especialmente as plantas montanhosas e dos lugares mais altos, elas são mais consistentes e mais fortes que as plantas das margens aquosas, pela firmeza da terra e pala sutileza do ar, ao que devem maior vivacidade. Mas não esqueças das plantas crescidas junto aos lagos, bem como das plantas de junto dos rios, das fontes típicas de verão, que são fracas e sem vigor, mas que, estou certo, contém um doce caldo. Traga-nos em recepientes de vidro todos os caldos e sucos, e os caules, as flores e as raízes muito bem vedadas em copos novos de cerâmica, para que não se percam as suas propriedades medicinais devido ao contato com o ar, como uma alma que se esvai de um corpo (...).[12]

Percebemos nessa carta de Hipócrates, a existência da categoria social dos coletores, botânicos da antiguidade clássica, entendidos dos saberes das plantas. Também vemos a relação do conhecimento das plantas com o local as quais eram colhidas, pois o ambiente influenciava a colheita, as propriedades e os benefícios da erva para seus fins. Hipócrates tinha um repertório de 300 remédios que incluiam o alho, especialmente utilizado para o câncer uterino, o cinamomo, o alcaçuz, utilizado como doce e como anti-inflamatório para úlceras na boca e dores no peito, a menta, utilizada para problemas digestivos, o alecrim, utilizado para melhorar deficiências de memória, todas as ervas disponíveis na região mediterrânea.

A produção de óleos essenciais usualmente era com óleo de oliva, visto que a oliveira é símbolo da agricultura mediterrânea. Os óleos mais usados para limpeza tanto pessoal quanto de ambientes eram de rosa, manjerona e basilisco[13] pois sabe-se da importância da higiene para a medicina grega. Além disso, as ervas aromáticas eram utilizadas para fins terapêuticos, tais como o açafrão, gergelim e amêndoas. No século III a.C., Teofrasto escreverá um tratado denominado "Sobre os Odores", no qual são descritos os aromas e propriedades das plantas medicinais de forma detalhada, sendo a base para futuros estudos de perfumaria e botânica.

O reino vegetal entrelaça-se com a literatura grega. As ervas aparecem em epopéias, poemas, peças de teatro, relatos de viagem, nas histórias mitológicas, entre outros. Os mitos, raízes fundamentais da cultura grega, trazem os elementos herbários de diversas formas, ora ocupando o papel principal na narrativa, ora tendo influência na vida de um deus ou herói, ora sendo utilizada com fins terapêuticos, como é o caso de inúmeras plantas

12. CAMPOS, Rogério. **Sobre o Riso e A Loucura**. São Paulo: Hedra, 2011.p. 45.
13. LOMAZZI, Giuliana. **Aromaterapia**. Blumenau : Ekos, 2006.p.8.

consideradas como as "ervas de Aquiles" utilizadas pelo herói durante a guerra de Tróia. Uma dessas ervas é a aquiléia, em grego *achilleios*, *chillea*, *achilleion*, *achilleos*, descrita em um dos mitos gregos como a planta que Aquiles utilizou na flechada que levou na coxa, em seguida da invasão de Tróia quando, e é identificada por Plínio, naturalista romano, em seu compêndido Naturalis Historia.

Muitos textos antigos relacionaram também o louro, em grego chamado de *daphnê* cujas folhas e raízes eram usadas em banhos, chás e comidas, como a "árvore de Apolo". Por isso, era a erva dos heróis e dos vencedores das Olimpíadas gregas, simbolizado na confecção de coroas com suas folhas dadas para os ganhadores dos jogos. Segundo tragédias de Euripide como a Ion (v. 919-922) e a Hécube (v. 456-462) uma árvore de loureiro testemunhou o nascimento de Apolo na ilha de Delos[14]. No entanto, é no mito de Apolo e da Ninfa Dafne que o louro agrega importante significado:

> Eros atirou no deus uma seta que fez nascer o amor e, na ninfa, uma que gerou o sentimento oposto. Dafne rejeitou as investidas de Apolo e fugiu do deus, que foi atrás dela. Quando ele achava que a estava alcançando, a ninfa escapava, e então recomeçava a corrida. Dafne logo se cansou e, temendo não ter mais forças para se esquivar do perseguidor, suplicou ao pai que a ajudasse. Peneu ouviu o apelo desesperado da filha e lhe deus imediatamente outra aparência. No momento em que Apolo ia enfim agarrá-la, encontrou um tronco de árvore rugoso e misturou seus cachos castanhos às folhas escuras de loureiro: a moça havia perdido para sempre sua forma humana. Com o coração partido, Apolo jurou amar eternamente aquela árvore, com cujas folhas fez uma coroa, que pôs na cabeça. Foi assim que a coroa de louros se tornou o símbolo de Apolo[15].

O uso frequente das plantas medicinais maceradas com vinho lembra-nos Dionísio, cujos mitos relacionam o seu convívio com os vinhedos e a fabricação da bebida. Também uma forma muito comum de utilizar a planta era junto ao óleo de oliva. A oliveira é mencionada em muitos mitos e epopéias, como a de Ulisses, sendo o mais célebre entre eles o papel que a árvore ocupou na disputa ente Atenas e Poseidon na dominação da região macedônia. Para conquistar a região, cada um dos deuses deveria oferecer um presente na Acrópole de Atenas. Poseidon fez brotar no local um mar salgado, enquanto Atenas fez crescer uma linda e robusta oliveira, esta escolhida pelos 12 deuses do Olimpio como o mais belo presente, fazendo da oliveira a árvore

---

14. DUCOURTHIAL, Guy. **Petite Flore Mithologique**. Paris: Belin, 2014. p. 11.
15. Ibidem, p.16.

sagrada de Atenas[16].

A importância da medicina hipocrática e do uso de plantas medicinais na Grécia Antiga vai além dos limites de sua temporalidade. Um estudo recente de 257 drogas em mais de 60 antigos tratados gregos ligados ao nome de Hipócrates do Cós afirma que cerca de 90% se encontram nas descrições modernas de drogas.[17]Além disso, a maior parte das usadas ao longo dos tempos na medicina ocidental eram bem conhecidas do mundo greco-romano. Apesar dos traços que a medicina ocidental contemporânea herdou das práticas hipocráticas, há grandes diferenças nas concepções de saúde, doença e relação do homem com seu ambiente.

Para Hipócrates e seus seguidores, o homem se encontrava num estado de conexão permanente com a natureza e os diagnósticos eram realizados a partir do entendimento dos seus hábitos, como dieta e modo de viver. Dessa forma, o ser humano era compreendido em sua totalidade universal, parte integrante do cosmos. Segundo Hipócrates, "a medicina é a arte de curar as enfermidades por seus contrários. A arte de curar , é de seguir o caminho pelo qual cura expontaneamente a natureza"[18].

Essa visão vai ao encontro do imaginário social existente na sociedade grega que também é representado nos mitos e se afasta da medicina aplicada atualmente, mesmo que esta tenha determinado como seu patrono Hipócrates de Cós. A tendência de racionalização das ciências na Antiguidade Clássica vai proporcionar uma ruptura de pensamento, porém, como pudemos perceber, a já enraizada cultura mitológica permanecerá ao longo do tempo nas mentalidades da maioria da população, o que explica a continuidade do uso dos saberes populares sobre plantas medicinais, os quais sustentam muitas crenças nos poderes mágicos das ervas.

Como vemos, a história do herbalismo grego envolve fatores diversos, como mitos, sistemas médicos, concepções de mundo, saberes e fazeres. Uma mistura de histórias que merece a devida pesquisa por ter se desdobrado numa das partes vivas da cultura médica contemporânea.

---

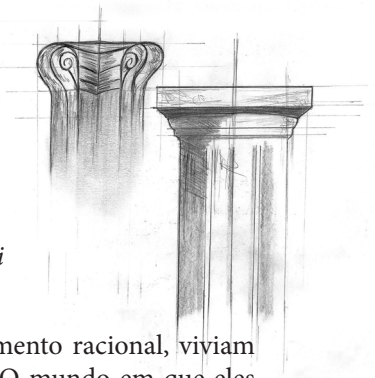
16. CAIRUS, Henrique, RIBEIRO, Wilson.Op. Cit.p.42.
17. CRELLIN, John. Herbalismo, a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina**: a História da Cura. Lisboa: Centralivros,2002.p.72.
18. DUCOURTHIAL, Guy. Op. Cit.p.149

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega** - Volume I. Editora Vozes, Petrópolis,1997.
- BIRLOUEZ, Éric. **La Santé par L'alimentation**. Paris: Ouest-France, 2013.
- CAIRUS, Henrique, RIBEIRO, Wilson. **Textos Hipocráticos**: o doente, o médico e a doença. Editora Fiocruz: Rio de Janeiro, 2005.
- CAMPOS, Rogério. **Sobre o Riso e A Loucura**. São Paulo: Hedra, 2011.
- CRELLIN, John. Herbalismo, a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina**: a História da Cura. Lisboa: Centralivros,2002.p.68-93.
- DETIENNE, Marcel, SISSA, Giulia. **Os deuses gregos**. Companhia das Letras: São Paulo. 1990.
- DUCOURTHIAL, Guy. **Petite Flore Mithologique**. Paris: Belin, 2014.
- FONSECA. **A "ciência das doenças" e "arte de curar"**: trajetórias da medicina hipocrática. Dissertação de Mestrado. UERJ, 2006.
- LOMAZZI, Giuliana. **Aromaterapia**. Blumenau : Ekos, 2006.
- POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- VERNANT, Jean Pierre. **Entre mito e política**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Para saber mais…

Adriano Luna de Oliveira Caetano

Beatriz Pereira Ribeiro e Júlia Pedrollo Albertoni

Os gregos, antes do nascimento do pensamento racional, viviam "a mercê" dos deuses e das vontades divinas. O mundo em que eles viviam tinham apenas uma explicação, a sagrada, tudo era origem divina. Segundo Hesíodo, a noção que os gregos possuíam acerca do mundo era:

> (...) como um conjunto único, uno e múltiplo de teofanias. O mundo, para os gregos hesiódicos, é um conjunto único de inesgotáveis aparições divinas (teofanias); no entanto, é um mundo lógico, em termos míticos e na lógica própria do pensamento mítico - um mundo real e perigoso, que se deixa conhecer através das genealogias divinas, das linhagens e famílias de Deuses ciosos de suas prerrogativas e vigilantes de que elas sejam observadas. (Hesíodo, 1995, pag. 9)

Hesíodo expõe que o mundo grego possuía uma lógica sagrada, diferente da lógica que surgiria séculos mais tarde. Os deuses gregos eram responsáveis por todos os acontecimentos na Grécia e isso incluia os assuntos relacionados à medicina. É importante ressaltar que neste momento a medicina ainda não havia se constituído como um saber racional, o que só ocorrerá por volta do século V a.C. Sobre a medicina grega no tempo dos deuses, é necessário refletir sobre uma das doze divindades do Olimpo, o deus Apolo.

Não é importante para esse texto uma análise mais profunda sobre Apolo, mas sim observar a relação que ele estabeleceu entre o mundo sagrado e o mundo profano. De acordo com Junito Brandão "Apolo, na forma de um cisne, relacionou-se com Corônis, uma mortal (...) dessa relação nasceu Asclépio, o deus na medicina que não fazia parte do Panteão das divindades olímpicas."[19].A partir de Asclépio outras duas deusas surgiram no cenário mitológico grego, são suas filhas Higéia, deusa e saúde, e Panacéia, deusa da cura. Com essa "trindade", a civilização grega tinha a quem pedir socorro no caso de uma doença. Neste contexto, as doenças eram causadas pelos deuses, isto é, a doença

19. BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Volume 1. Editora Vozes: Petrópolis. 1997.p.132.

era sempre vista como um "castigo divino".

Com a saúde humana sob "encargo" dos deuses os gregos, quando adoeciam, buscavam os "médicos" que sempre faziam o diagnóstico com base em premissas mágicas.

Mesmo possuindo o caráter religioso e mítico, a saúde dos gregos dependia das atitudes realizadas por eles e também com a relação que eles estabeleciam com a natureza. A natureza era o espaço por onde os deuses do Olimpo se manifestavam; por isso, qualquer desarmonia com este espaço era motivo para alguma doença, que por sua vez, era sempre "enviada" por algum deus. As formas de tratar as doenças eram variadas, cada caso tinha um tratamento, mas em todos os tipos, é presente o uso das plantas medicinais.

Uma reflexão interessante a ser feita é acerca das plantas medicinais. Segundo o culto de Higéia, a saúde do humano definhava quando ele entrava em desarmonia com a natureza. A forma para tratar as doenças, como já foi dito é através das plantas, e é por este viés que a relação se torna lógica. As ervas medicinais são produzidas na natureza, espaço de manifestação do sagrado, logo, a maneira para se tratar alguma enfermidade é com algo que tem alguma relação direta ou indiretamente com o Sagrado.

Ressalta-se, também, a importância da culinária para a medicina hipocrática, vista pelos gregos como a arte de cuidar do corpo. Nos textos de Platão, um dos seguidores das concepções de dieta da medicina hipocrática, encontramos a arte da culinária como uma das primeiras especializações humanas. A relação das ervas e dos alimentos eram propostos nos tratamentos hipocráticos como parte da teoria dos humores, pois a alimentação poderia ser quente ou fria, seca ou úmida, de acordo com a natureza do alimento. Para curar o excesso de sangue, quente e úmido, dever-se-ia introduzir na dieta do indivíduo alimentos de natureza contrária, como frios e secos. Além disso, a nutrição e os humores dedicados a cada alimento dependiam também da faixa etária dos pacientes: por exemplo, crianças, segundo os hipocráticos, possuíam a tendência de serem quentes e úmidas, enquanto os jovens quentes e secos. Os alimentos ainda dependiam das estações do ano e do clima local. Como descreve Hipócrates no Corpus Hipoccraticum:

Durante o Inverno, deve comer tanto quanto possível, beber o menos possível, podendo a bebida ser vinho, tão pouco diluído quanto possível. Pode comer pão, a carne e o peixe serão assados, deverá comer durante o inverno tão poucos legumes quanto possível. Um tal regime manterá o corpo quente e seco. Durante o verão, em contrapartida, o regime compor-se-á essencialmente de cereais moles, de carnes cozidas. Neste momento tomará maior quantidade de vinho diluído, tendo sempre cuidado para que a mudança não seja rápida, mas feita gradualmente (...) Tal regime é necessário durante o verão para que o corpo fique fresco, porque a época quente e seca torna o corpo ardente.[20]

O conhecimento da origem dos alimentos também era um fator importante na administração de uma dieta hipocrática. Aspectos como clima, estação e forma de abatimento, por exemplo, de uma ave, alterariam o humor para o qual o alimento era indicado. Para os médicos da antiguidade, a ideia de cocção e de conhecimento da nutrição era essencial para uma boa saúde. Uma das frases mais utilizadas pelos movimentos de nutrição contemporânea é atribuída à Hipócrates de Cós: "Deixe o alimento ser o medicamento e o medicamento ser o alimento"[21].

20. HIPÓCRATES. **Aforismos**. São Paulo: Martin Claret, 2003.p.8.
21. No geral, os autores do Corpus Hippocraticum deram poucos conselhos culinários, em compensação, nos séculos que vieram, muitos médicos escreveram receitas e livros de culinária muito famosos.

Trabalhando com fonte histórica

HIPOCRATES. Da natureza do Homem. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR, Wilson A. Textos Hipocráticos. O doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: FIOCRUZ,2005

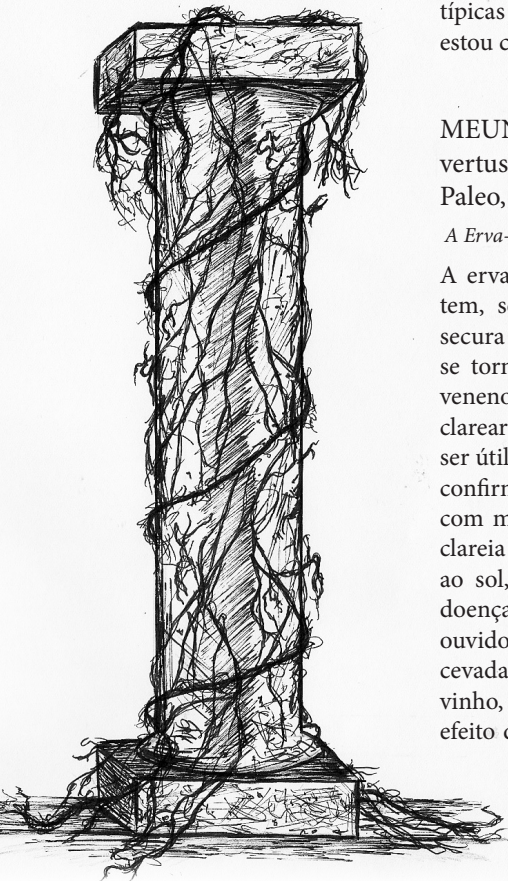
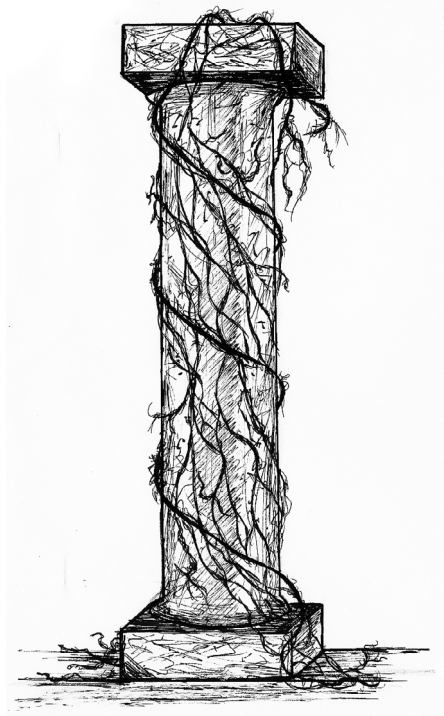
(...)as plantas criadas e semeadas,quando chegam à terra, cada uma delas tira aquilo que estiver mais de acordo com a sua natureza no interior da terra, ácida, amarga,doce, salgada e de todos os outros tipos.

HIPOCRATES. Sobre o riso e a loucura. (org.e trad. Por Rogério de Campos).São Paulo: Hedra,2011.

[à Cratevas] (…) tu coletas especialmente as plantas montanhosas e dos lugares mais altos, elas são mais consistentes e mais fortes que as plantas das margens aquosas,pela firmeza da terra e pela sutileza do ar, ao que devem maior vivacidade. Mas não te esqueças das plantas de junto dos rios,das fontes típicas do verão, que são fracas e sem vigor,mas que, estou certo, contém um doce caldo.

MEUNG, Odon de (Macer Floridus). Des vertus des plantes.(trad. Louis Baudet).Paris: Paleo, 2011.

A Erva-doce (Foeniculum)

A erva-doce, que os gregos chamam de marathon tem, segundo os médicos, uma força de calor e secura do segundo grau. Com o vinho, esta erva se torna um antídoto contra todas as espécies de venenos. As serpentes comem erva-doce para clarear a visão, o que fez pensar que seu uso poderia ser útil aos olhos do homem, e é o que a experiência confirmou. O suco da raiz da erva-doce, misturado com mel e empregado como fomentação (fricção), clareia a visão e o suco de seus grãos verdes, secos ao sol, é um específico excelente contra todas as doenças dos olhos. O suco da planta, injetado no ouvido, mata os vermes. Sua raiz cozida no chá de cevada remedia as dores nos rins. Tomada como vinho, dissipa o inchaço da hidropsia, neutralisa o efeito das mordidas venenosas, remedia as afecções

dos pulmões e do fígado e torna o leite das mulheres mais abundante. Uma decocção de raízes de erva-doce no vinho ou na água dá uma bebida que remedia as doenças dos rins e da vesícula, é diurética, facilita a saída periódica do sangue nas mulheres e, mesmo para obter este efeito, é suficiente aplicá-la esmagada sobre o osso da púbis. Tomada com vinho, ela apazigua a náusea; com água, as inflamações do estômago. Uma decocção da raiz da erva-doce no vinho, empregada em fomentação, dissipa as afecções do membro viril. Ela produz o mesmo efeito se a esfregamos após haver acrescentado óleo. Misturada ao vinagre e aplicada sobre a parte doente, esta planta dissipa imediatamente o inchaço causado por todas as espécies de contusões. Sua semente no vinho dá uma bebida afrodisíaca. Uma decocção semelhante de sua semente ou de suas folhas acalma as violentas dores de lado. Acredita-se que esta erva tem a virtude de rejuvenescer as serpentes e que ela é, pelo mesmo motivo, salutar aos idosos.

Mandragora officinalis

5. Plantas medicinais na Idade Média: o nascimento da Farmácia

João Luiz Fernandes Borghezan

O uso das plantas como um remédio, pelo ser humano, é talvez tão antigo quanto ele próprio. Cedo, as primeiras civilizações de todo o globo perceberam que além de alimentar, algumas plantas auxiliavam na cura das enfermidades que se abatiam sobre eles; todo esse conhecimento empírico inicialmente foi passado, preservado e aumentado de forma oral à gerações posteriores.[1]

Alguns afirmam que o primeiro relato escrito sobre as plantas e suas propriedades medicinais é de autoria do Imperador chinês Sheng Wung, outros alegam serem placas de barro onde se encontram copiados em caracteres cuneiformes, a mando do rei assírio Ashurbanipal, documentos suméricos e babilônicos que fazem referência ao uso de plantas para a cura de doenças datando de aproximadamente 3000 a.C. Temos conhecimento também de um tratado médico egípcio de 1500 a.C. onde são citadas plantas como o tomilho, coentro, anis, alho, papoula; todos esses antigos documentos comprovam o quão importante era a conservação e transmissão desse conhecimento sobre as plantas para essas civilizações orientais e ocidentais.[2]

Antes de tratar da medicina e uso de plantas medicinais no Medievo, precisamos falar um pouco sobre a formulação teórica de Hipócrates sobre saúde e doença que vai influenciar todo o saber ocidental no campo da saúde até o século XVIII. Para o médico grego, todas as substâncias terrestres derivam de quatro elementos essenciais: água, terra, fogo e ar; sendo esses elementos essenciais compostos por um par de qualidades primárias: quente e seco, quente e úmido, frio e seco, frio e úmido. Todos os corpos, então, são formados por quatro humores (que significa, etimologicamente, líquido orgânico): a bílis que deriva do fogo (quente e seco), reside no homem na vesícula biliar; o sangue deriva do ar (quente e úmido), encontra-se no homem no fígado; a fleuma deriva da água (frio e úmido), reside nos pulmões; a bílis negra (atrabílis) deriva da terra (frio e seco) reside no baço.

Nem todos os sujeitos são parecidos (em alguns o quente/calor aparece

---

1. PORTER, Roy (org). **Medicina**: a história da cura. Lisboa: Centralivros, 2002. p. 70.
2. CUNHA, António Proença. **Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia**. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/aspectos_historicos.pdf> Acesso em: 22 ago. 2011.

em excesso, noutros o frio), contemplando essas variáveis, concebeu-se a noção de cinco temperamentos: bilioso, sanguíneo, linfático, melancólico e o temperamento misto. Os humores em equilíbrio (misturados em boa proporção) era sinal de saúde, se um ou outro estava em excesso o sujeito ficava doente. Para curar,o médico teria que "restaurar o equilíbrio"; para tanto, teria que levar em consideração o temperamento do paciente, sua alimentação, doenças anteriores, clima do país, um diagnóstico complexo e que visava "localizar" a causa da doença para obter a cura.[3]

Muitos são os personagens da antiguidade presentes em vários tratados e textos relativos à saúde na Idade Média, alguns desses nomes influenciaram profundamente a maneira como pensamos plantas medicinais e a medicina ainda hoje, como Dioscórides. Este nasceu em Anazarbo (atual Turquia) no século I d.C; acompanhou as legiões romanas, provavelmente como médico, pela Asia Menor, Itália, Grécia, Gália e Espanha, o que o possibilitou escrever sua obra *De materia medica*, dividida em cinco livros onde aparecem cerca de 600 plantas, 35 fármacos de origem animal e 90 de origem mineral. Dioscórides não seguiu nenhum escola, sua obra é estritamente empírica,procurou desenvolver um método para observar e classificar os fármacos testando-os clinicamente. Sua obra foi amplamente traduzida, copiada, compilada e divulgada no período medieval, exercendo grande influência até o século XVIII.

Galeno (129-200) nasceu em Pérgamo que, na época, era colônia de Roma. Foi médico de gladiadores e também do filho do imperador Marco Aurélio, Cómodo. Galeno sistematizou a teoria hipocrática, dando a ela um sentido ainda mais racional, sendo ele também quem vai enfatizar a necessidade de se classificar os medicamentos, para assim utiliza-los de acordo com as propriedades opostas às causas da doença que atingia o indivíduo de maneira mais acertada. Assim, "o temperamento das crianças seria mais sanguíneo e o dos idosos mais fleumático, pelo que os primeiros necessitariam de um medicamento frio em maior grau que os últimos para o tratamento de uma febre."[4]Foram importantes os trabalhos de vivissecção de Galeno e seus tratados sobre anatomia, mesmo este utilizando na maioria das vezes, animais para seus estudos, visto que era proibido a dissecação de

3. MICHEAU, Françoise. A idade de ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história**. Lisboa: Terramar, s.d.. p. 61-63.
4. DIAS, José Pedro Souza. **A Farmácia e a História**: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Disponível em: <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf> Acesso em: 16 ago. 2011.

humanos.[5]

Por volta do século V de nossa era, acontece a dispersão dos povos germânicos e uma crise interna no Império Romano provoca o colapso do mesmo – ao menos sua parte ocidental. Numa Europa dominada pelos dogmas da Igreja, a crença na cura pela fé e relíquias religiosas ganha força. Porém, mesmo a hegemonia dos ritos católicos na Europa medieval não impediu os camponeses de continuarem a cultuar deuses pagãos; camponeses, mas principalmente camponesas, exerciam prática de "curandeirismo" que muitas vezes eram ditas demoníacas, e a mulher então era taxada de feiticeira, principalmente por quem seguia os ditames da Igreja. É curioso notar que nem sempre essas práticas eram consideradas nocivas ou estando relacionadas com o diabo. Em muitos casos, se as curandeiras obtivessem êxito na cura de uma pessoa eram tratadas como mulheres sábias e, como tal, eram importantes para a sociedade, principalmente para a boa parte da população que não tinha acesso aos médicos doutos que atendiam os prelados e nobres. Essas mulheres possuíam uma certa influência entre a população o que incomodava a Igreja que as perseguia por meio da Santa Inquisição.

Porém, havia um lugar onde esses saberes de cura não sofriam perseguição nem suspeitas de serem demoníacos. Os mosteiros foram instituições de grande importância, pois dentro de seus muros guardava-se boa parte do conhecimento escrito, livros, manuscritos, tratados entre outros. Ali se concentravam boa parte das pessoas alfabetizadas da época, os monges, que trabalhavam para adquirir e preservar a sabedoria dos antigos. Nestes espaços, os monges ficavam encarregados de traduzir e copiar boa parte das obras da antiguidade clássica como as de Hipócrates, Dioscórides, Galeno e outros.

Entretanto, não era só dentro dos monastérios que a matéria médica tinha espaço. Os jardins dos mosteiros eram usados para plantar uma gama imensa de plantas medicinais para que os monges pudessem pôr em prática muito do que aprendiam nas bibliotecas, formulando técnicas e novas receitas para melhor tratar as doenças de seu tempo. É, também, pela comunicação existente entre esses mosteiros que se estendiam do sul ao norte da Europa, que plantas do mediterrâneo atravessam os Alpes chegando, assim, a lugares distantes.

Também é interessante observar a importância que tiveram os árabes para a preservação e crítica dos conhecimentos médicos que circulavam

5. Idem.

na Europa medieval. Com a expansão do Islão – fundado por Muhammad por volta de 610-613 – eles foram responsáveis por "guardar" e difundir o conhecimento filosófico, matemático, astronômico, médico, enfim, de todas as áreas do saber antigo greco-romano, assim como escritos orientais da Índia, China e Pérsia.

A importância dos povos árabes para a difusão dos saberes greco-romanos entre os séculos VII-XIII não se dá somente por preservarem saberes mas também por ampliarem a gama de conhecimento com contribuições originais, técnicas de observação médicas e experimentos que, mais tarde, permitirão o desenvolvimento da farmacologia moderna e as interpretações e reformulações de textos clássicos. Essa "redescoberta" dos saberes greco-romanos principalmente, só foi possível por uma característica peculiar do califado islamita: a medida que iam subjugando outros povos não destruíam sua cultura, incorporavam-nas adaptando aos preceitos da fé islâmica e, muitas vezes, permitiam até mesmo o culto de outra religião em seu território. Assim:

> As trocas culturais e científicas entre Oriente árabe e Ocidente cristão tiveram lugar nas regiões que conheceram sucessivamente uma ocupação muçulmana duradoura e uma reconquista cristã: a Sicília e a Itália do Sul, a Espanha, sobretudo. É aí que, graças às numerosas traduções de obras filosóficas e científicas de árabe em latim, o Ocidente redescobriu a herança antiga, até então conservada em trechos esparsos, enriqueceu-se com métodos e técnicas novos, encontrou as bases de um desenvolvimento intelectual decisivo.[6]

Nesse contexto, surgem nomes como Avicena (Ibn Sina, 980 - 1037) que morreu na Pérsia e possuía quase 270 escritos versando sobre filosofia e ciência. Seu Canon (al-Qanun) foi o mais famoso e difundido trabalho, onde a parte farmacêutica encontra-se nos livros II e V. Outro nome árabe com bastante influência na medicina medieval foi Abulcassis (936 - 1013). Al-Zahrawi, Abu'l-Qasim Khalaf ibn 'Abbas, nasceu e viveu em alZahra, perto de Córdoba, no período de maior florescimento intelectual da Andaluzia. Abulcassis exerceu medicina, farmácia, cirurgia, e escreveu uma enciclopédia médica com trinta tratados abrangendo farmácia, química farmacêutica e cosmética, matéria médica que enriquecem esse campo do saber descrevendo a fauna e flora ibéricas e trata da preparação e purificação de várias substâncias químicas medicinais.

---

6. MICHEAU, Françoise. Op. Cit. p. 69.

Abaixo, citarei algumas plantas que vêm sendo usadas para tratamento medicinal desde a antiguidade clássica, sendo amplamente divulgadas no período medieval e chegando até nossos dias. Nota-se que as informações que serão expostas aqui são atuais, fazendo parte do arsenal do conhecimento contemporâneo sobre plantas medicinais:

Erva-doce (Foeniculum vulgare); suas sementes guardam as maiores propriedades medicinais, embora sua folha são também utilizadas na medicina popular. Os usos mais tradicionais são: cólica, diabetes, náuseas, soluços, pedras nos rins, dor de estômago, febre, gases, obesidade, reumatismo, entre outros. Há relatos de que, durante a Idade Média, as sementes do funcho eram mastigadas durante os longos sermões na igreja e nos períodos de jejum para disfarçar a fome.[7]

Coentro (*Coriandrum sativum*); utilizado para cãibras, cistite, colesterol alto, dor de dente, sarampo, indigestão, conjuntivite, cólica, enxaqueca. Possui propriedades antibacteriana, antifúngica etc. O coriandro é um dos mais antigos temperos.[8]

Cominho (*Cuminum cyminum*); seus usos comuns são para celulite, cólica, tosse, inchaços, diarréia, contusões. O cominho é nativo do mediterrâneo, na tradição indiana é utilizado com outras plantas para a cólica infantil.[9]

Sálvia (*Salvia officinallis* L.); é comumente utilizada para amigdalite, asma, caspa, congestão, febre, diabetes, reumatismo, menopausa, laringite, insônia, gripe, dor de garganta. Quando crescia nos jardins medievais, era um sinal de boa sorte; seu nome deriva da expressão em latim *salvere* que significa "estar com boa saúde".[10]

Plantas como a sálvia, cominho, alecrim, erva-doce, mostarda, pepino, beterraba, hortaliças e até mesmo árvores frutíferas como a macieira, figueira, aparecem em um documento emitido por Carlos Magno, primeiro imperador do Sacro Império Romano, coroado em 800 pelo Papa Leão III, denominado *De Villis*. Este tratado serviu como guia para os jardins imperiais, incluindo os dos mosteiros e nele encontram-se listadas 94 plantas medicinais, aromáticas e alimentares que deveriam ser cultivadas em todo o território do Império.[11]

---

7. **Plantas medicinais, Ervas e Fitoterapia**. Disponível em:<http://www.plantasmedicinaisefitoterapia.com/> Acesso em: 22 ago. 2011.
8. Idem.
9. Idem.
10. Idem.
11. LAIS, Erika. **L'ABCdaire des plantes aromatiques et médicinales**. Paris: Flammanrion, 2001.

Importantes nomes da medicina herbária no período medieval são Cassiodoro e Hildegard von Bingen. Cassiodoro (480 – 575) fundou uma escola de medicina monástica onde foram traduzidos vários textos clássicos, estimulou os religiosos a estudar a terapêutica pelas plantas medicinais e escreveu um texto enciclopédico de história natural.

Hildegard von Bingen nasceu na Alemanha em 1098 e foi uma monja beneditina (os monges beneditinos davam muita importância a matéria médica, influenciados por Cassiodoro) muito proeminente em seu tempo, chegando a fundar um mosteiro na Alemanha. Hildegard entendia o ser humano como tendo um papel importante na ordem do mundo e enfatizava sua indissolúvel relação com a natureza. Seu conhecimento das obras de Hipócrates e Galeno se revela na importância dada a alimentação e ao ambiente no tratamento da doença, que era vista como um desequilíbrio na integração criador, natureza e criatura.

Hildegard "tratou com sucesso de casos de febre, epilepsia, laringite, depressão, ansiedade, tumores, problemas de pele e de olhos entre outros"[12]e se destacava, principalmente, no tratamento de doenças de cunho ginecológico. Para aqueles que precisavam conter os impulsos sexuais, a monja sugeria: "Se o homem quer apagar em si os ardores e o prazer da carne, é necessário que colha, no verão,uma parte de aneto, duas partes de menta aquática, um pouco mais de purgo, da raiz de Iris de Iliria: que ele coloque tudo dentro do vinagre e faça um condimento que ele comerá frequentemente com todos os seus alimentos"[13]

Para as mulheres menstruadas, receitava a camomila (*Matricaria chamomilla*) que "prepara doce e tranquilamente a expulsão dos humores fétidos e facilita a saída das regras"[14]. Esta planta também era receitada para problemas intestinais, indicando-se "cozinhar a camomila na água, com gordura ou óleo; acrescentar a flor da farinha; preparar ,assim, um mingau que comemos e que cura os intestinos"[15].

A compreensão de Hildegard sobre a relação entre os humores hipocráticos e as plantas medicinais pode ser observada nesta receita que emprega a melissa (*Melissa officinalis*): " A melissa é quente e o homem que a

---

p.35

12. ALMEIDA, C. C. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. **Revista Aedos**, v. 2, 2009.p 42.
13. LAIS, Erika. Op. Cit., p. 24.
14. Ibdem. p. 64-65.
15. Idem.

consome gosta de rir (é alegre) porque seu calor se comunica com o baço (um órgão frio), o que alegra o coração"[16]. Notamos, em suas receitas, a importância da dieta para a cura das enfermidades bem como a influência que o ambiente e as estações do ano exercem sobre o tratamento do doente, pensamento que em muito se alimenta das formulações de Hipócrates, Galeno da medicina muçulmana.

Outros personagens são importantes de identificar na sociedade medieval. Os herboristas eram comerciantes itinerantes que, se beneficiando da circulação no Mediterrâneo de produtos oriundos do Oriente, comercializavam especiarias e preparados medicinais de origem animal, vegetal e mineral. Plantas como o gengibre, ruibarbo de origem oriental, chegam à Europa por meio dessas rotas abertas para o comércio de especiarias e o herborista possuiu, muito provavelmente, um papel fundamental na difusão destes produtos e suas qualidades medicinais.

Ao longo do tempo, estes comerciantes foram gradativamente especializando-se na preparação técnica e na fabricação dos medicamentos, ao mesmo tempo em que perderam a característica nômade. Os comerciantes de ervas abriam armazéns onde estudavam a manipulação e aplicação dos medicamentos e vendiam seus preparados; estes estabelecimentos podem ser considerados as primeiras boticas ou farmácias e seus profissionais se organizaram em guildas por volta dos séculos XI e inicio do XII.

Concomitante a esse fenômeno, são fundadas na Europa escolas laicas de medicina ou universidades.Além de formação em Medicina, estas instituições ofereciam ensino em Direito e Teologia e no, princípio, mantinham estreita ligação com os mosteiros. Uma importante escola desse tipo foi a escola de Salerno que surge nos séculos XI e XXII e cuja principal contribuição foi a tradução de muitos textos árabes sobre medicina, farmácia, botânica, contribuindo assim para o aprimoramento do conhecimento medicinal. As profissões em saúde sofrem grande extratificação neste momento, tendo os médicos ou físicos um ensino mais teórico ao mesmo tempo em que cirurgiões e barbeiros possuem um treinamento mais prático.[17]

De maneira geral, a Idade Média viveu uma hegemonia da teoria hipocrática e das ideias de Galeno sobre o tratamento dos doentes, preparação e aplicação de medicamentos e uma normatização da medicina.

---

16. Ibdem. p. 66.
17. SAUNIER, A vida quotidiana nos hospitais da Idade Média. In: . In: LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história**. Lisboa: Terramar, s.d.p.205-220.

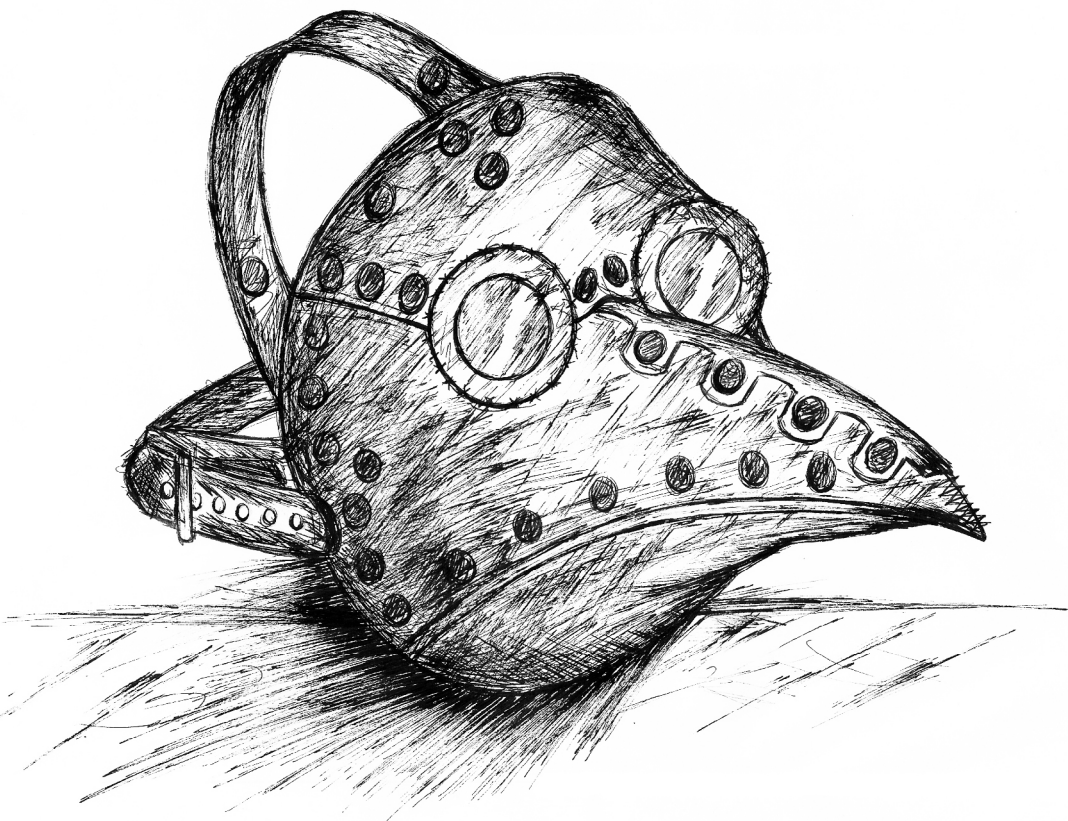
Paralelamente, conhecimento popular e o manuseio empírico com plantas medicinais e cirurgias foram marginalizados, porém nunca esquecidos ou extintos. Mesmo hoje conseguimos perceber uma aproximação relativamente grande entre saber popular e saber "acadêmico", pois para estudar de maneira mais técnica, científica as propriedades medicinais de uma planta, é necessário recorrer aos conhecimentos empíricos populares.

O impulso, nas últimas décadas, em voltarmos nossa atenção às plantas medicinais talvez seja resultado de uma busca - necessidade para alguns – por terapias menos traumáticas, menos agressivas para o tratamento de algumas doenças; um certo tipo de negação, desconforto, questionamento a um estilo de vida caótico e que foge ao controle do indivíduo e que leva o sujeito a uma busca por um conhecimento maior sobre si mesmo, suas capacidades e limites, um anseio por autonomia e por repensar a relação ser humano e natureza.

BIBLIOGRAFIA

- **A Farmácia e a História**: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Disponível em: <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf> Acesso em: 16 ago. 2011.
- ALMEIDA, C. C. **Do mosteiro à universidade**: considerações sobre uma história social da medicina na Idade Média. Revista Aedos, v. 2, p. 36-55, 2009
- CUNHA, António Proença. **Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia**. Disponível em: <http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/aspectos_historicos.pdf> Acesso em: 22 ago. 2011.
- DERMAN, Peter. **O Mundo Muçulmano**. 2. ed; São Paulo: Contexto; 2008.
- FELIPPE, Gil. ZAIDAN, Lilian Penteado. **Do Eden ao Eden**: jardins botânicos e a aventura das plantas. São Paulo: Senac 2008.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História do Mundo Árabe Medieval**. Petrópolis: Vozes 1985.
- LAIS, Erika. **L'ABCdaire des plantes aromatiques et médicinales**. Paris: Flammanrion, 2001.
- LYONS, Albert S et all. **Medicine, an Illustrated History**. New York: Abrams.
- MICHEAU, Françoise. A idade de ouro da medicina árabe. In: LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história**. Lisboa: Terramar, s.d.p.58-77.
- MICHELET, Jules. **A feiticeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Bruxaria e história**: as práticas mágicas no Ocidente cristão. Bauru: EDUSC, 2004.
- **Plantas medicinais, Ervas e Fitoterapia**. Disponível em: <http://www.plantasmedicinaisefitoterapia.com/> Acesso em: 22 ago. 2011.
- PORTER, Roy (org). **Medicina**: a história da cura. Lisboa: Centralivros, 2002.
- RODRIGUES, Icles. Piedade Sangrenta: **A legitimação da Tortura na Caças às Bruxas na Europa**. Revista Alethéia: Estudos sobre a Antiguidade e o Medievo. ISSN: 1983-2087. V. 1 / 2. p.177-194, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://www.revistaaletheia.com/atual_10.html> acesso em: 30 ago.

2011.

- SAUNIER, A vida quotidiana nos hospitais da Idade Média. In: . In: LE GOFF, Jacques (org). **As Doenças tem história**. Lisboa: Terramar, s.d.p.205-220.
- ZORDAN, Paola B. M. B. G. **Bruxas**: figuras de poder. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26885.pdf> Acesso em: 01 set. 2011.

Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

A maior parte da população medieval tratava seus problemas de saúde com medicamentos feitos através de receitas transmitidas oralmente, de geração em geração. Geralmente, as plantas utilizadas eram aquelas que se encontravam nas proximidades, pois os produtos exóticos e caros eram inacessíveis aos pobres. Mattheus Platearius, médico que viveu em Salerno no século XII definia, em seu *Liber iste*, dois tipos de remédios: um para os ricos e outro, para os pobres.[18]

Dentre as diferentes interpretações do uso das plantas medicinais na Idade Média, destaca-se a ideia de que elas continham elementos mágicos que deveriam ser levados em conta por seus usuários, desde o momento de sua retirada do seio da natureza. Alguns ritos de colheita precisavam ser respeitados, como traçar um círculo em torno da planta, estar vestido com determinados tecidos ou mesmo estar nú, purificar-se com água, dependendo da erva a ser utilizada.[19]

A forma de emprego das plantas medicinais também estava ligada aos seus atributos mágicos. Colocar um pedaço de raiz ou galho em torno do pescoço, juntamente com algumas orações declamadas para a planta, seu deus tutelar ou renunciando ao demônio, poderia ser uma maneira de garantir que a cura ocorresse através da mobilização dos elementos mágicos de determinadas ervas. No caso da camomila, por exemplo, Hildegard Von Bingen indicava: "contra dores e doenças dos olhos, é necessário ir até onde a camomila matricária cresce, antes que o sol nasça e dizer sobre ela esta oração: 'eu te tomo, erva, para a doença branca e a dor dos olhos, para que você traga socorro'; depois, colha-a. O paciente deve usa-la pendurada em seu pescoço."[20]

A planta com atributos mágicos mais famosa relacionada ao período medieval é, sem dúvida, a mandrágora. Seu conhecimento data do Egito antigo e seu uso se prolonga até, ao menos, o século XIX.[21]As raízes desta planta lembram o corpo humano e sua origem

---

18. BILIMOFF, Michèle. **Les remèdes du Moyen Age**. Rennes : Éditions Ouest-France, 2011.p.44.
19. Ibdem, p. 65-66.
20. BINGEN, Hildegard von. Apud BILIMOFF, Michèle. Op. Cit. ,2011.p.66.
21. BILIMOFF, Michèle. **Enquête sur les plantes magiques**. Rennes : Éditions Ouest-France,

é explicada, pela cabala, como sendo ligada à semente de Adão: este nascimento, fora do comum, relaciona a mandrágora ao ser humano. Também Hildegar von Bingen explica o motivo desta planta ser muito usada em filtros e poções mágicas:

> A mandrágora é quente e ligeiramente aquosa; ela nasceu da terra de onde Adão foi criado; ela parece com o homem, mas ela permanece uma planta. Por causa desta semelhança com o homem, a presença e as artimanhas do diabo se fazem sentir mais nela do que nas outras plantas. É por isso que, graças a ela, o homem obtém a satisfação de seus desejos, sejam eles bons ou maus, como ele fazia, às vezes, com os ídolos.[22]

A crença no poder da mandrágora se disseminou por toda a Europa, sendo ela conhecida como *Satan's apple* (maçã de satã) na Inglaterra e, na Alemanha, a palavra *alruna* era empregada tanto para a planta quanto para designar bruxa. Em relação às bruxas, acreditava-se que utilizavam os efeitos narcóticos e hipnóticos da mandrágora para se encontrarem nos Sabás, talvez uma alusão à sensação de imaterialidade provocada por seu uso. Um processo de investigação de uma mulher acusada de bruxaria, datado de 1324, relatava: " vasculhando o armário de uma dama, eles acharam uma cânula de pomada que ela aplicava em um bastão do qual ela se servia para galopar e mudar de lugar por onde ela desejasse (...)."[23]

Plantas e seus atributos mágicos eram usados na formulação de medicamentos, mas também outras substâncias inusitadas para nós, como cinzas de chaminé, pedras de benzoar, urina, fezes, pedras preciosas, minerais em geral e animais. Dentre os elementos mais exóticos usados para fazer medicamentos figurava a múmia. Caracterizado pela cor negra e odor forte, o líquido, extraido a princípio das múmias egípcias, era famoso por curar várias doenças. Provavelmente, as verdadeiras múmias foram substituídas, pelos boticários, por cadáveres embebidos em plantas também exóticas como a babosa e o incenso[24].

Poções igualmente insólitas, empregando diversas substâncias

2003.p.41.

22. BINGEN, Hildegard de. **Physica**. Le livre des subtilités des creatures divines. Grenoble: Jérome Million,2011.p.45

23. BILIMOFF, Michèle. Op. Cit., 2003. p 44.

24. Ibdem,p.97.

reputadas de serem medicinais, eram bastante famosas na Idade Média. Dentre ela, destaca-se a Teriaca, que misturava elementos animais, minerais e vegetais. A invenção da Teriaca é atribua Hipócrates e seu aperfeiçoamento à Andrômaco, médico de Nero no século I. A ela era atribuída a virtude de não só curar inúmeras doenças como também conservar a saúde daqueles que não haviam ainda contraído nenhum mal.

Galeno e Ibn Sina desenvolveram a fórmula deste medicamento. A receita de Ibn Sina contava com 56 elementos, dentre os quais 50 eram plantas medicinais. Esta Teriaca foi considerada tão importante que, no século XIII,os boticários deveriam prepara-la em praça pública, a fim de atestar os ingredientes utilizados[25].

25. BILIMOFF, Michèle. Op. Cit., 2011.p 98.

Trabalhando com fonte histórica

BINGEN, Hildegard de. **Physica**. Le livre des subtilités des creatures divines. Grenoble: Jérome Million,2011.p. 64-65

A TANCHAGEM (Plantago)

A tanchagem é quente e seca. Pegar a tanchagem, retirar o sumo, filtrar e misturar com vinho ou mel para dar a beber aos que sofrem de gota e esta desaparecerá. Se temos gânglios inchados, fazer secar no fogo uma raiz de tanchagem, colocá-la quente sobre os gânglios, colocar um pano em cima e ficaremos melhor. Mas não se deve colocar muito pois isto pode fazer mal. Se sofremos de pontadas do lado, cozinhar folhas de tanchagem na água, e colocá-las ainda quentes sobre a região dolorosa e a aflição cessará. Se uma aranha ou qualquer outro inseto te toca ou te pica, esfregue as picadas com o suco da tanchagem e isto o aliviará.

Se um homem ou uma mulher bebeu um filtro de amor maléfico, que ele tome o sumo da tanchagem,com ou sem água; depois, que ele tome uma outra bebida forte e isso o aliviará: ele será purgado no interior e seu estado irá melhorar. Se ocorre a alguém de fraturar um osso, é necessário cortar raizes de tanchagem no mel e comer todo o dia em jejum; podemos também cozinhar lentamente com água em uma panela nova folhas frescas de malva com cinco vezes mais a quantidade de folhas ou raízes de tanchagem: colocá-las ainda quentes sobre a região dolorosa e o osso quebrado será curado.

BINGEN, Hildegarde de. **Physica**. Le livre des subtilités des créatures divines. Grenoble :

Editions Jérome Million,2011.p.45-46.

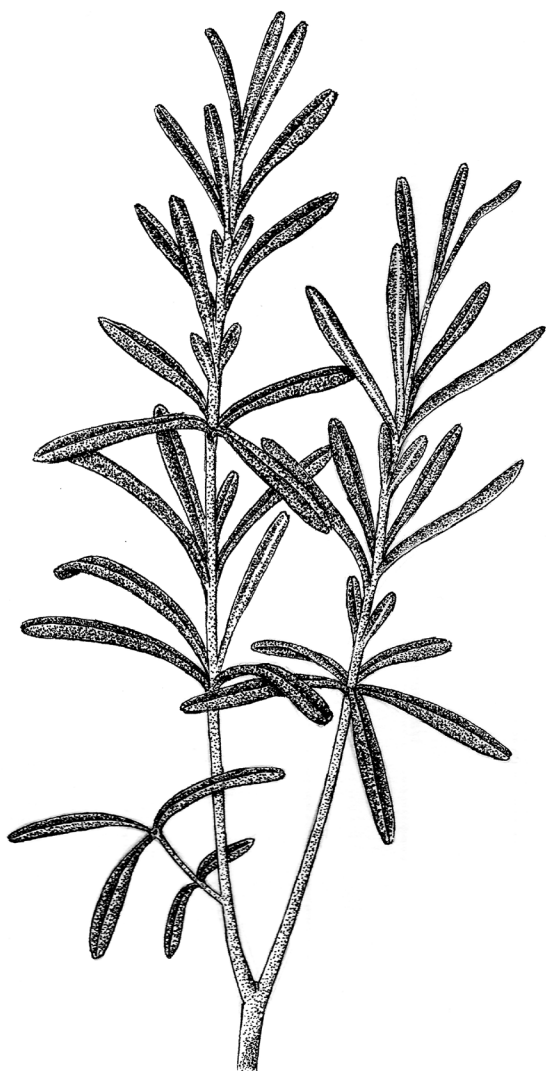
A MANDRÁGORA (Mandragora)

A mandrágora é quente e ligeiramente aquosa ; ela nasceu da terra da qual Adão foi criado. Ela tem algumas semelhanças com o homem, mas permanece uma planta. Por causa de sua semelhança com o homem, a presença e as manobras do diabo se fazem sentir mais nela do que nas outras [plantas]. Este é o motivo pelo qual, graças à ela, o homem obtém a realização de seus desejos, sejam eles bons ou maus, como ele obtém, às vezes, com os ídolos.

Quando a arrancamos da terra, é necessário colocá-la o mais rápido possível em uma fonte, durante um dia e uma noite: assim, todo o mal e todos os humores ruins que estão nela serão retirados, se bem que ela não possua, assim, mais nenhuma virtude mágica ou fantástica. Mas se, quando a arrancamos, a colocamos na terra da qual a retiramos sem a purificar em uma fonte, ela conserva, então, as virtudes perigosas que servem a vários propósitos aos mágicos e produzem visões de tal forma, que às vezes, muitas coisas ruins são feitas com os ídolos.

Se um homem, seja sob o efeito de práticas mágicas, seja por causa de seu próprio ardor, perdeu toda a sua retenção, que ele pegue uma parte da mandrágora em forma de mulher, purificada em uma fonte, como eu disse mais acima. Que ele a mantenha presa, três dias e três noites, entre o peito e o umbigo; depois, que ele parta este mesmo pedaço em duas partes: que ele guarde um preso três dias e três noites sobre cada anca e que ele reduza a pó a mão esquerda desta silhueta. Que ele acrescente a este pó um pouco de cânfora, que ele o coma e será curado.

Se é uma mulher que experimenta os mesmos ardores em seu corpo, que ela coloque entre seu peito e seu umbigo uma planta em forma de macho e que ela faça com ela o que é indicado acima. Mas que ela reduza a pó a mão direita desta silhueta, que ela acrescente um pouco de cânfora, que ela coma este pó, como é dito mais acima e o ardor se apagará nela.

Se sofremos de dores de cabeça, comer a cabeça desta planta, sob a forma preferida; se é no pescoço, comer o pescoço; se é nas costas, comer as costas. A mesma coisa, se é o braço, comer o braço; a mão, para a mão; o pé, para o pé. Para qualquer membro sofiramos, comer o membro correspondente da planta e ficaremos melhor (...).

Rosmarinus officinalis

6. Plantas medicinais na Europa Moderna

Larissa Bernardi e Márcia R. Valério

Neste texto, trataremos de algumas plantas medicinais usadas durante o Período Moderno que já eram conhecidas na Europa e também, de algumas plantas medicinais que foram introduzidas no continente europeu através do contato com outros continentes, como por exemplo, a América do Sul.

Antes de nos voltarmos para as plantas medicinais, é preciso observar que nos estudos históricos é comum uma divisão cronológica do tempo em períodos para entendermos como se deram determinados acontecimentos nas sociedades através dos tempos. Por isso mesmo, é de fundamental importância entender que tal divisão cronológica, tendo se desenvolvido somente a partir do século XIX, normalmente limita-se às características específicas de acontecimentos que se deram na Europa, correspondendo ao calendário cristão.[1]

Como a periodização tradicional leva em consideração fatos históricos importantes para o contexto europeu, torna-se necessário ampliar o olhar para outras sociedades presentes em outros espaços nos mesmos períodos e observar seus processos de desenvolvimento diferenciados. É desta forma que outras culturas marcaram e ainda marcam o tempo e consideram períodos diferentes do calendário ocidental e cristão, como por exemplo, os chineses na Ásia, alguns povos na África e os indígenas nas Américas. Quando consideramos os marcos determinados pela periodização que conta o tempo de cem em cem anos, que são os séculos, estamos considerando o calendário cristão, e também, eurocêntrico.

Esta pequena reflexão indica que um período não começa ou termina subitamente, mas envolve vários acontecimentos que dizem respeito ao campo social, político, cultural e econômico. Ao estudarmos o denominado "período moderno", nos defrontamos com diferentes leituras e mesmo controvérsias quanto à sua periodização, decorrentes das várias transformações que o envolveram. Neste sentido, há vários estudos históricos e vertentes teóricas que consideram datas e acontecimentos diferentes para então denominá-los como "moderno" e, devido a sua complexidade, convenciona-se situá-lo no período da história que corresponde à queda de Constantinopla, ao fim do

1. RAMOS, Fabio Pestana. Periodização e História. In: **Para entender a história**. Ano 1, V.10., Série 20/12, 2010, p.01-07. Disponível em: http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/12/periodiza-cao-e-historia.html.Acesso em: 01 de setembro de 2013.

século XV (1453), estendendo-se até a Revolução Francesa, no fim do século XVIII (1789).[2]Mesmo com a perspectiva de outros marcos para este período, ainda assim, estes se voltam para uma perspectiva eurocêntrica, o que aponta a necessidade de novas leituras.

O Período Moderno foi marcado por significativa expansão territorial, se comparado à Idade Média. Após um intervalo temporal onde as cidades tinham baixa densidade populacional, mudanças expressivas começaram a criar novas condições sociais e econômicas na Europa. Uma dessas modificações foi o crescimento das cidades, gerando outras formas de trabalho e de economia, representados pelas feiras livres, onde se vendia, principalmente, produtos alimentícios e artesanais. Até o século XIV, muitas mercadorias do Oriente chegavam à Europa pelas rotas comerciais através do Mar Mediterrâneo e do Oceano Índico; no entanto, a partir do século XV, com as mudanças ocorridas pelo renascimento comercial, outras rotas começam a ser exploradas, propiciando a circulação e a produção de novos conhecimentos.[3]

Mas estas mudanças não estavam restritas somente ao comércio, profundas transformações ocorreram também no campo cultural. Com a exaltação à cultura antiga (greco-romana), um movimento cultural denominado Renascimento, que teve duração até o final do século XVI, procurou adaptar a cultura antiga ao período, onde o humanismo valorizava o homem, e o naturalismo, a natureza.[4]De certa forma, o conhecimento estava centrado no indivíduo, e essa nova visão de mundo propunha estudos mais elaborados em diversas áreas, como artes, astronomia, línguas e ciências, com forte predominância para a razão como modo de acessar o conhecimento.

Exemplo disso foi o desenvolvimento de tecnologias e a expansão marítima com as grandes navegações. O uso da bússola e de um novo tipo de embarcação, as caravelas, possibilitou a descoberta das novas rotas comerciais através do Oceano Atlântico, fortalecendo a transação de produtos como as especiarias vindas do Oriente, usadas na conservação de alimentos, e também, de plantas medicinais ainda desconhecidas na Europa. Esta expansão foi o que proporcionou o contato com outras sociedades, como na África e na América. Outra novidade foi o aperfeiçoamento e o uso de caracteres móveis

---

2. Idem.
3. RODRIGUES, Joelza Ester. A expansão Marítima e Comercial. In: ______ **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2006. Unidade II, p. 96-115.
4. ______. A Europa Moderna. In: ______ **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2006. Unidade III, p. 150-163;

que resultaram no surgimento da imprensa, até então não utilizada na Europa.

Tantas transformações geraram novas formas de observar o homem e a natureza, assim como uma renovação do pensamento europeu. No entanto, os conhecimentos existentes não foram desconsiderados, conforme bem observa Porter: "Este foi um tempo de avaliação dos conhecimentos existentes, um reexame mais dos antigos ensinamentos dos textos originais gregos que dos latinos, a apreciação da observação direta e um ideal de melhoramento."[5]

Essa avaliação não deixou de envolver, de forma alguma, a medicina e as plantas medicinais. Há, neste sentido, um questionamento quanto à identificação e reconhecimento das plantas nos manuscritos antigos. Começaram, então, a surgir herbários impressos, com descrições e ilustrações de plantas mais próximas do seu estado natural, para melhor identificá-las, e para o uso destas. Os herbários representaram, ao mesmo tempo, a busca de plantas medicinais perdidas, que diziam respeito à antiga medicina grega, e ao reconhecimento e exploração de plantas que eram encontradas no Novo Mundo, correspondendo assim ao grande interesse botânico, comercial e médico das plantas. São exemplos desses herbários o *Herbarum vivae eicones* (Herbário de Imagens Vivas) de Otto Brunfels, de 1530; De *historia stirpium* (Da História das Plantas) de Leonhard Fuchs, de 1542; e *New Herball* (O Novo Herbário) de William Turner, de 1551.[6]

Para desenvolver os estudos e no ensino das plantas medicinais, com expectativas de melhorias em tratamentos e terapias, foram criados, no século XVI, novos jardins botânicos. Eram nesses espaços que se acolhiam as plantas já conhecidas, e também, as novas plantas que chegavam de outros continentes. Os jardins botânicos de Pisa (1543), Pádua (1545) e Leyden (1587), são exemplos desse período.

Antes mesmo do século XVII, muitas plantas medicinais e alguns produtos retirados de plantas vindas do sudeste da América do Norte e do México chegaram à Europa. Entre estas se encontravam a copaíba, bálsamo-do-peru, bálsamo-de-tolu, guaiaco, jalapa, mechoação, salsaparrilha, sassafrás e tabaco. Em um período em que a sífilis causava flagelos, muitas destas plantas despertavam a atenção para a sua cura; no entanto, apenas o sassafrás, a salsaparrilha e o guaiaco das Caraíbas tinham certa fama em seu tratamento, mas tal eficácia não foi comprovada, e estas plantas foram

---

5. CRELLIN, John. Herbalismo: a antiga tradição. In: PORTER, Roy. **Medicina**: a história da cura. Lisboa: Centralivros, 2002. p. 76.
6. Idem.

mais utilizadas "em situações em que se achava ser positiva a depuração do sangue".[7]

Foram bastante variáveis os recursos terapêuticos no que se refere à preparação e uso das plantas medicinais até o século XVII, sendo que o conhecimento destas não se limitava aos médicos e herboristas, mas também, ao uso popular. Em relação aos médicos, surgem questionamentos e pesquisas mais aprofundadas e específicas quanto às propriedades das plantas medicinais, e ainda, diferentes opiniões, principalmente sobre os remédios exóticos e indígenas que chegavam do Novo Mundo. Conforme podemos verificar em Crellin: "As atitudes para com as novas drogas dependiam de vários factores"[8], sendo um deles, as formas de preparação e uso das plantas pelos herboristas e médicos profissionais, e daquelas conhecidas pelos povos dos lugares que chegavam as plantas, como por exemplo, os locais acima citados.

Ainda que existissem diferentes opiniões, as plantas medicinais continuavam como base primordial no tratamento das doenças, conforme verificado em outros momentos. E ainda que o período estivesse passando por várias transformações e se modernizando, eram a elas que os médicos ainda recorriam, mesmo que de formas variadas.

É o caso do médico suíço Paracelso (1493-1541), que buscou nas suas pesquisas químicas a quintessência nas plantas medicinais. O uso de essências através da destilação, que eram as águas destiladas de essências de várias plantas, estava entre seus interesses no tratamento de doenças.[9] Dedicando-se ao conhecimento da física, da química e da astrologia, Paracelso defendia o uso de remédios minerais e metálicos, e neste sentido, suas pesquisas foram valiosas quanto ao uso do mercúrio para o tratamento da sífilis.[10] Sua busca por uma medicina natural resultou na valorização da Doutrina das Assinaturas. Ele considerava que era preciso estudar as virtudes que os vegetais indicavam, procurando uma assinatura nas plantas, estando esta oculta na raiz, nas flores, nas sementes, na casca, no caule. Era preciso prestar atenção também em seu formato, em sua cor, aroma e até mesmo o local que a planta nasce e floresce. Para Paracelso cada planta assina pela sua aparência o órgão ou a doença que pode curar. Além da própria semelhança entre o ser humano e o que lhe é

---

7. Idem.
8. Idem, p. 76-77;
9. Ibdem, p. 78-79.
10. PORTER, Roy. Terapias. In: ______**Das tripas coração**: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 126.

externo, o que é equivale a uma relação entre o microcosmo e macrocosmo

Outro médico a considerar o uso de plantas medicinais foi o inglês Nicholas Culpeper (1616-1654), que também era botânico e astrólogo. Ele criticava os métodos não naturais de cura de seus contemporâneos e procurava conhecimentos nos escritos médicos antigos. Com amplo conhecimento, ele elaborou várias receitas a base de plantas medicinais, tais como unguentos e óleos para massagem, remédios preventivos, e até mesmo, receitas para cuidados femininos.[11] Neste período, a astrologia ainda era usada como parte integrante da medicina e, "ao reconhecer a correspondência entre os planetas, os signos do zodíaco e as partes do corpo humano, o tratamento era tradicionalmente administrado com remédios fitoterápicos baseados em suas afinidades ou diferenças."[12]

Em sua prática como médico e astrólogo, Culpeper não deixou de fazer o uso constante desse conhecimento, associando as qualidades curativas das ervas com os signos e os planetas. Em seu livro Complete Herbal, publicado pela primeira vez em 1653, se encontram várias descrições sobre essa relação das plantas medicinais e da astrologia. Para Culpeper a carta ou mapa astrológico de uma pessoa devia ser traçado assim que aparecessem os primeiros sintomas da doença, para que as ervas fossem escolhidas para o tratamento. Pressupõe-se que, desta forma, se observava a posição dos planetas em cada signo e quais as influências sobre este. Outra característica é o planeta regente de cada planta, que também tinha influencia no tratamento.

Entre as descrições de Culpeper podemos observar essa relação quanto a algumas plantas, planetas e signos: uma erva de Vênus, como o Tomilho (*Thymus vulgaris*), poderia ser utilizada por afinidade para problemas ginecológicos; Neste caso vênus está associado ao feminino.O lírio-do-vale (*Convallaria majalis*), regido por Mercúrio, fortaleceria o cérebro, ativando a memória fraca, sendo recomendado para escritores e filósofos. Sendo Mercúrio o regente do signo de Gêmeos, não é difícil de entender a correspondência da planta com um signo que se relaciona com a escrita e a comunicação.

Outra planta regida por Mercúrio é a lavanda (*Lavandula officinalis*), sendo ao mesmo tempo, uma erva do signo de Gêmeos. A recomendação de Nicholas Culpeper para o uso desta planta era a seguinte:

---

11. TISSERAND, Robert. **A arte da aromaterapia**. São Paulo: Roca, 1993, p.47-49.
12. MARSHALL, Peter. **A astrologia no mundo**: uma visão histórica para entender melhor a personalidade humana. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006, p. 368.

Mercúrio é o regente desta erva. Ela é usada especialmente em dores de cabeça e do cérebro, originadas de friagem, apoplexia, deficiência respiratória, hidropisia ou doença da preguiça, cãibras, convulsões, paralisias e desmaios frequentes. Ela fortalece o estômago e livra o fígado e o baço das obstruções, incentiva os fluxos das mulheres e expele a criança morta e as secundinas. (...)[13]

Outras plantas também se encontram nas recomendações de Culpeper, como o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) regido pelo planeta Sol, recomendada para depressão e tristeza, e a Melissa (*Melissa officinalis* L.), regida por Júpiter, usada para trazer alegria e reanimar o coração. Outro exemplo é a descrição da planta agrimônia (*Agrimonia* L.), que era indicada para males hepáticos, sendo que Júpiter rege também o fígado, e desta forma, Júpiter rege a agrimônia. Uma característica considerada importante por Culpeper era a colheita das ervas em dias e horários que correspondessem ao calendário astrológico, onde os planetas estavam regendo determinado signo, e que também tivesse relação com a planta colhida. Percebe-se desta forma, que o tratamento se tornava individualizado e específico para cada pessoa conforme o seu caso e seu mapa astral.

O conhecimento das plantas medicinais felizmente não estava restrito aos médicos e aos herborista e, neste sentido, as mulheres exerciam, e ainda exercem, um papel fundamental no campo da medicina popular. O uso das plantas medicinais por mulheres anciãs, mulheres do campo e mulheres nobres era um conhecimento que estava fortemente ligado a uma tradição oral e à experiência do ato de recolher e vender as plantas medicinais. Era uma prática tradicional entre mulheres da mesma família ou da mesma comunidade, cabendo lhes atividades importantes, como o parto e a cura através da benzedura, que incluía rezas e fórmulas com ou sem plantas medicinais. O fato das mulheres do campo possuírem conhecimento de plantas que se relacionavam à saúde feminina, inclusive as abortivas, como por exemplo, a arruda, fez com que muitas delas fossem acusadas de praticarem magia ou bruxaria. Uma visão bastante negativa que fortaleceu críticas à prática da medicina popular tradicional e que, ao final do século XVII, passa a ser ainda mais questionada devido a sua falta de conhecimento teórico. No entanto, o conhecimento e o uso de plantas medicinais pelas mulheres nunca foi totalmente suprimidos conservando-se até os dias de hoje[14].

---

13. CULPEPER, Nicholas. Apud In: TISSERAND, Robert. **A arte da aromaterapia**. São Paulo: Roca, 1993, p.47-49.
14. THOMAS, Keith. A cura pela magia. In:_______**Religião e declinio da magia**; crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1991.p.155-182.

Diferentemente do início do pensamento moderno que buscava integrar natureza e ser humano, seja através da astrologia ou da teoria das assinaturas difundida por Paracelso, constantes transformações e troca de informações convergiram na estruturação dos modos de pensar e fazer ciência que regulam os séculos XVIII e XIX, até os dias atuais. Os nomes de maior expressão nessa nova visão de ciência são de dois pensadores e físicos: Isaac Newton e René Descartes. As teorias de ambos invadiram as mentalidades das academias e universidades que na época estavam em expansão, ganhando mais prestígio como centros de pesquisa e desenvolvimento científico.

> A grande construção do pensamento de Descartes se apresentou à cultura europeia como um sistema. E é esta, na verdade, uma das razões de seu sucesso extraordinário. Tal sistema se apresentava como fundado na razão; excluía definitivamente qualquer recurso a formas de ocultismo e de vitalismo, parecendo capaz de conectar ao mesmo tempo (de um modo diferente daquele que havia sido realizado pela Escolástica na Idade Média) a ciência da natureza, a filosofia natural e a religião; propiciava, enfim, em uma época cheia de incertezas que se relacionavam com as grandes viradas intelectuais, um quadro coerente, harmonioso e completo do mundo.[15]

A física newtoniana e a sistematização cartesiana são os princípios que passam a reger o estudo anatômico, da medicina e da farmacopeia. Desse modo, a medicina que anteriormente se baseava nos ensinamentos de Galeno - "Os estudantes de medicina no século XVI (e durante uma boa parte do século XVII) formavam as suas competências em fisiologia com base em uma visão coerente e sólida do organismo humano que remontava ao médico Cláudio Galeno de Pérgamo (ca. 129-200)."[16] - começa aos poucos a romper com essa visão de medicina e adotar o mecanicismo físico, tendo a contribuição de diferentes médicos e anatomistas[17], sendo William Harvey (1578-1657) um representante deste tipo de raciocínio.

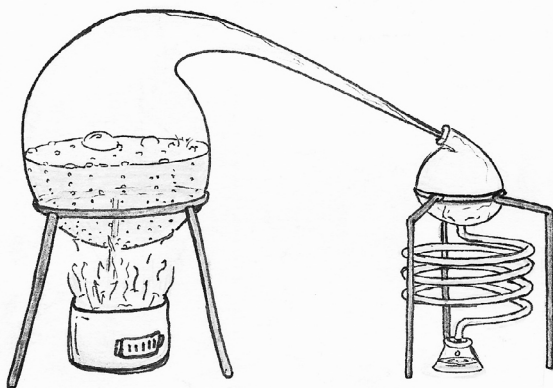
Com o advento do Iluminismo, esse processo é ainda mais legitimado pela elite intelectual da época. O Iluminismo foi um movimento filosófico que valorizava a razão, trazendo o que estava nas "trevas" para a "luz" do conhecimento racional, ou seja, munido do pensamento lógico e sistemático de diversos filósofos, físicos e matemáticos, impunha-se como ideologia máxima.

Considerando, então, todas essas transformações que estavam

15. ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 195.
16. Ibdem, p. 303.
17. Ibdem,p. 303-315.

ocorrendo, é possível compreender que acontecia um cerceamento nas formas e agentes de cura, em especial no final da Idade Moderna, o que levou a uma "caça às bruxas", na qual muitas pessoas simples que praticavam a cura através de meios não científicos e até místicos foram condenados por isso. Assim, a medicina acadêmica e a biologia mecanicista foram se impondo, acontecimento que terá seu ápice no século XIX, com a criação das indústrias farmacêuticas e a estruturação da biomedicina.

Também incluído nesses processos, está o desenvolvimento da taxonomia, a nomenclatura científica para seres vivos. Desenvolvido por Carl Von Linné, a taxonomia pôs fim a um antigo problema dos estudiosos dos seres vivos, em especial as plantas. Linné criou um sistema binômio, adotando o latim como língua padrão, exatamente por sua artificialidade. Sendo assim, uma planta, por exemplo, tem atribuída a ela uma nomenclatura composta de duas palavras em latim na qual ela é identificada em qualquer lugar do mundo. Linné buscou classificar diversas espécies, e a partir dessas foi possível continuar o processo de nomear cientificamente as plantas. Esse sistema é usado até os dias de hoje. É importante enfatizar que a criação dessa forma de identificação é anterior a teoria evolucionista; portanto, Linné não classificou os seres vivos seguindo uma linha evolutiva.

Todas essas transformações que se iniciam no período Moderno, permeiam a passagem para a Idade Contemporânea e suas próprias transformações. Lembrando que essa separação por períodos é apenas uma convenção, muitas vezes fica certa impressão de que a Idade Moderna é apenas um período de transição entre o Medievo e a Contemporaneidade. Porém, a Modernidade tem suas próprias características, sendo um momento constantemente revisitado pela historiografia.

BIBLIOGRAFIA

- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CRELLIN, John. Herbalismo: a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina**: a história da cura. Lisboa: Centralivros, 2002. p. 76-81.
- CULPEPER, Nicholas. **Culpeper's Complete Herbal**. London: Richard Evans, 1816.
- GINZBURG, Carlo. **Andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ________. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MARSHALL, Peter. **A astrologia no mundo**: uma visão histórica para entender melhor a personalidade humana. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
- PARKER, Derek e Julia. Astrologia e Saúde. In: ______**O grande livro da astrologia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1971, p. 28-29.
- PORTER, Roy. Terapias. In: ______**Das tripas coração**: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 126;
- RAMOS, Fabio Pestana. **Periodização e História**. Para entender a história. Ano 1, Volume dez., Série 20/12, 2010, p.01-07. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/12/periodizacao-e-historia.html> Acesso em: 01 de setembro de 2013.
- ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- RODRIGUES, Joelza Ester. **História em documento**: imagem e texto. São Paulo: FTD, 2006. (Coleção história documento: imagem e texto – 6ª série/7º ano).
- TISSERAND, Robert. **A Arte da Aromaterapia**. São Paulo: Roca, 1993.
- THOMAS, Keith. A cura pela magia. In:_______**Religião e declinio da magia**; crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1991.p.155-182.

Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

Ao abordar a medicina no período moderno, precisamos evitar ao menos dois equívocos: o primeiro, é de tentarmos tratar todo este intervalo temporal como se fosse algo homogêneo. O segundo, também decorrente da visão errônea já apontada, está em tentar enxergar na lógica investigativa deste período a mesma racionalidade existente na ciência hoje. Rossi nos chama a atenção, igualmente, para o erro em colocar diferentes áreas do conhecimento no mesmo patamar investigativo.[18]Um personagem, emblemático para a compreensão da interpretação do papel das plantas medicinais no século XVI porém mais conhecido por seus experimentos com metais, pode nos ajudar a entender melhor um pouco do pensamento médico neste período .

Philip Aureolus Theophrast Bombast von Hohenheim (1493-1541), conhecido como Paracelsus, foi o principal construtor da filosofia alquímica do século XVI e teve seguidores bastante atuantes no século seguinte. Joly afirma que, ao estudarmos as ideias dos adeptos da alquimia, não podemos rejeitar seu discurso como irracional ou espiritual, mas devemos compreende-lo como uma forma de racionalidade presente nos textos alquímicos. Esta "filosofia química de inspiração paracelsiana" foi uma importante corrente de pensamento presente no início da modernidade. Química e alquimia, nos séculos XVI e XVII são, em resumo, a mesma coisa.[19]

A obra deste médico suíço despertou interesse de seus contemporâneos e de estudiosos da química e da medicina em períodos bem posteriores à sua atuação. Longe de ter sido um pensamento periférico, a filosofia alquímica e as doutrinas de Paracelso foram importantes na crítica à medicina Galênica e revolucionaram a forma de ensino da medicina nas universidades de então. Rossi coloca a discussão, na Europa, em torno das ideias de Paracelso, no mesmo nível de intensidade causada pelo pensamento de Copérnico e da

18. ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: EDUSC, 2001. p.271.
19. JOLY, Bernard. À propos d'une prétendue distinction entre la chimie et l' alchimie au XII siècle : questions d' histoire et de méthode. **Revue d'histoire des sciences**, Paris, v.60-1, p.167-183. Janvier-juin 2007.

nova astronomia.[20]

Paracelso possuiu muitos adeptos, mas também muitos críticos. Combateu os teólogos por condenarem a magia como feitiçaria e os médicos tradicionais por seus métodos e pelo tipo de formação universitária. Aproximou-se do saber popular através de seu trabalho como médico itinerante, recolhendo o conhecimento sobre plantas medicinais desenvolvido por leigos[21]. Para ele, a medicina estava fundada em quatro pilares: " a filosofia como conhecimento invisível das coisas, a astrologia ou determinação do influxo dos astros sobre a saúde do corpo; a alquimia que prepara fármacos capazes de restaurar o equilíbrio perturbado pela doença; a ética ou virtude e honestidade do médico"[22].

A definição de medicina de Paracelso aponta para uma visão bastante global do que seria a saúde, a doença e a prática médica. O médico suíço ainda definia cinco tipos de terapeutas: os herboristas, que curam através das plantas utilizando o binômio quente/frio; os naturopatas, que tratam pela força de medicamentos específicos, como os purgantes; os xamãs, que curam através de comandos, pela palavra; os homeopatas, que conhecem meios para coagular o espírito de ervas e raízes; os exorcistas, que curam através da fé.[23]Paracelso defendia a ideia de que o médico deveria reunir os cinco tipos, em uma abordagem ampla do exercício da medicina.

Esta interpretação holística do saber e do fazer do médico não poderia estar distante da concepção de corpo contida no pensamento alquímico. O microcosmos/ser humano está indissociavelmente relacionado ao macrocosmos/universo, em uma cosmologia também presente na medicina hipocrática, ayurvédica e chinesa. Na interpretação paracelsiana desta relação, tudo seria composto por substâncias vitais ou espíritos invisíveis que derivariam de Deus, sendo o mundo um processo químico contínuo de aperfeiçoamento. As substâncias concretas nada mais seriam do que o invólucro dos elementos espirituais.[24]

20. ROSSI, Paolo. Op. Cit., p.272-274.
21. SIMMONS, John Galbraith. **Médicos e descobridores**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 80
22. ROSSI, Paolo. Op. Cit., p. 273.
23. LAÏS, Erika. **L'ABCdaire des plantes aromatiques et médicinales**. Paris : Flammarion, 2001. p. 76.
24. ROSSI, Paolo. Op. Cit. p. 274.

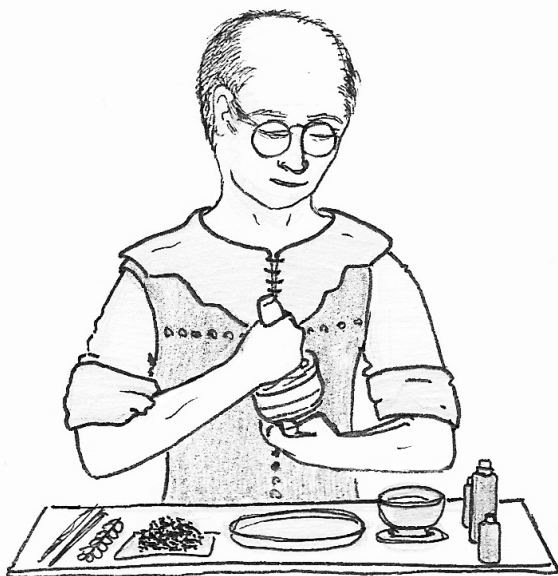
Para Paracelso, existia uma matéria prima que era a matriz de todas as coisas, que tem natureza aquosa. Os outros três elementos, que também eram matrizes, são o fogo, a terra e o ar: estes quatro elementos originam plantas, metais, minerais e animais. Junta-se a esta teoria uma outra, a dos princípios: Sal, Enxofre e Mercúrio que são substâncias espirituais e se identificam com Corpo, Alma e Espirito.[25] O Sal manteria os corpos coesos, o Mercúrio os tornaria fluidos e o Enxofre, combustível. Estes princípios estariam presentes em todos os corpos, em proporções diferentes.[26]

A astrologia também foi fundamental na correspondência entre microcosmos e macrocosmos. O alquimista afirmava que as constelações, estrelas e planetas existentes em nossos corpos e também no céu deveriam estar em harmonia para haver uma boa saúde. Assim, Paracelso fez a conexão entre os principais órgãos do corpo aos sete planetas: "o Sol, governava o coração; a Lua, o cérebro; Vênus, os vasos; Saturno, o baço; Mercúrio, o fígado; Júpiter, os pulmões; e Marte regia a vesícula."[27]Para reequilibrar o organismo enfermo, era preciso reativar a influência do planeta correspondente, através da observação do momento astrológico, medicamento e dosagem corretos.

A interpretação dada por Paracelso da função das plantas medicinais está igualmente compreendida na relação entre ser humano e natureza. A teoria das assinaturas é frequentemente atribuida a ele, embora ela provavelmente já existisse na prática do herbalismo ao menos desde a antiguidade.[28]Como já foi explorado em texto anterior, a teoria das assinaturas se baseia na ideia de que cada planta ou parte dela assinala, por seu aspecto, o órgão ou a doença que pode curar. Esta teoria, em Paracelso, se justifica por sua crença de que tudo o que existe no mundo dos fenômenos provém da mesma substância original. Uma vez partilhando a mesma origem, o ser humano e tudo o que o cerca possuem certa semelhança, de tal maneira que eles "se aceitam" mutuamente. Paracelso, imbuído desta concepção, afirmava que a natureza possuia propriedades autocurativas e que o papel do

25. SIMMONS, John Galbraith. Op. Cit. p. 82.
26. Ibdem, p. 275.
27. MARSHALL, Peter. **A astrologia no mundo**: uma visão histórica para entender melhor a personalidade humana. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.p.352-353.
28. CRELLIN, John. Herbalismo: a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina:** a história da cura. Lisboa: Centralivros, 2002, p.70

médico deveria ser o de não impedir este processo.[29]

Paracelso é um exemplo da circularidade de ideias sobre saúde, doença e medicamento existentes nos séculos XVI e XVII. Mesmo havendo recursos terapêuticos diversos, como médicos, cirurgiões, curandeiros, não se estabeleceu uma linha divisória clara que separasse suas atuações e as pessoas leigas não faziam grande diferença entre os diversos tipos de tratamento, sem separar o uso mágico do material das substâncias medicamentosas.[30]A estreita relação entre o ser humano e a natureza não era concebida apenas pelos leigos, sendo partilhada por alguns membros do universo médico acadêmico, como é o caso do mais famoso alquimista do século XVI.

29. LAÏS, Erika. Op. Cit. p.90.
30. THOMAS, Keith. A cura pela magia. In:_______. **Religião e o declinio da magia**: crenças populares na Inglaterra. Séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1991.p. 155-182.

Trabalhando com fonte histórica

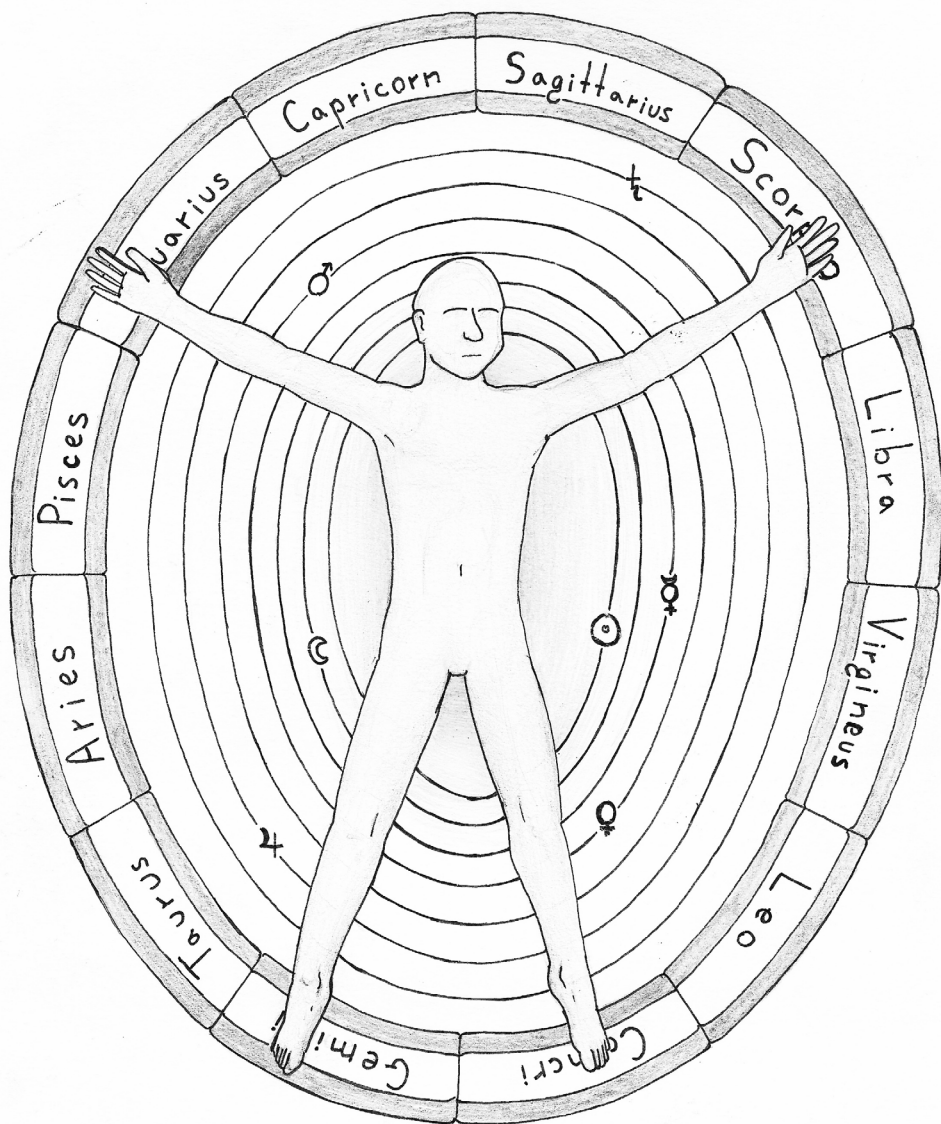
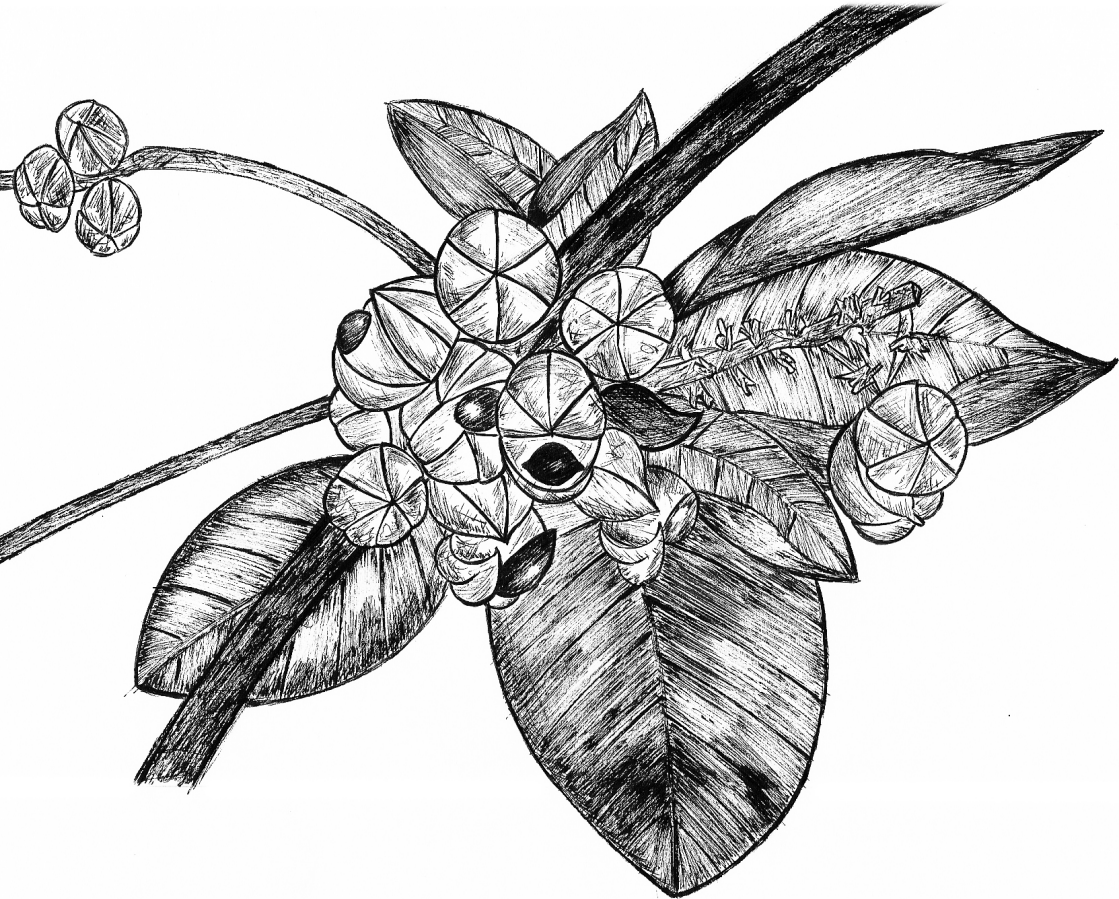
CULPEPER, Nicholas (1616-1654). **Culpeper's Complete Herbal**. London: Richard Evans,1816.p.41.

Cardus Benedictus:

Ele é chamado Cardus Benedictus ou Cardo Abençoado ou Cardo Santo. Eu suponho que o nome foi colocado por pessoas que tinham pouca santidade em si.Vou poupar o trabalho de uma descrição pois quase todos podem fazê-lo a partir de seu próprio conhecimento.

Tempo: Ele florece em agosto e tem suas sementes não muito depois.

Governo e virtudes: É uma erva de Marte e sob o signo de Áries. Agora, ao lidar com esta erva , vou dar um padrão racional para todo o resto e se você desejar vê-lo durante o livro você pode, sobre seu julgamento, achá-lo verdadeiro. Ela ajuda a natação e a vertigem da cabeça, ou a doença chamada de vertigem , pois Áries está na casa de Marte. É um excelente remédio contra a icterícia amarela e outras enfermidades do fel , porque Marte governa a cólera . Ela fortalece as faculdades atrativas no homem e clareia o sangue, porque isso é regido por Marte . O consumo contínuo da sua decocção ajuda as faces vermelhas e vermes porque Marte os causa. Ela ajuda nas pragas , feridas , furúnculos e coceira , nas mordidas de cães raivosos e animais peçonhentos, pois todas essas enfermidades estão em Marte; assim, você pode ver o que ele causa por simpatia. Por antipatia a outros planetas ele curas a sífilis. Por antipatia a Vênus que rege a memória, a fortalece; e cura a surdez por antipatia a Saturno , que tem sua queda em Áries. Ela cura febres quartãs e outras doenças de melancolia e cólera , por simpatia a Saturno, estando Marte exaltado em Capricórnio. Também provoca a urina pois sua suspensão é geralmente causada por Marte ou pela Lua.

Capricorn
Sagittarius
uarius
Scor
Pisces
Libra
Aries
Virgineus
Taurus
Leo
Gemi
ncri

Paullinia cupana

7. Saúde, religiosidade e cura: o uso de plantas medicinais nos primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil

Isaac Facchini Badinelli

[...] antes que houvesse estes Galenos,
Hipócrates e Avicenas,
já se curavam os homens
mais pela experiência,
que por sciencias e artes da medicina [...]
(Nuno Marques Pereira)

Com os primeiros contatos dos portugueses com o que viria a ser conhecido como Brasil, a partir da segunda metade do século XVI ocorreram enormes mudanças na nova terra invadida. Além dos danos causados às populações autóctones que habitavam a América, provocados tanto pelos enfrentamentos como pelas moléstias, passou a existir uma interação muito grande, e na maioria das vezes necessária, entre esses portugueses que aqui chegavam e os habitantes naturais da terra, denominados posteriormente como Índios.

É preciso pensar em um contato agressivo entre esses povos, que realmente existiu e tanto modificou como prejudicou pontos essenciais da cultura dos que habitavam a região. Porém, é importante notar, também, o jogo de relações que se estabeleceram pela necessidade dos colonizadores em encontrar nas terras brasileiras seus meios de sobrevivência. Além dos alimentos imprescindíveis para a manutenção de suas vidas, esses portugueses aqui se depararam com uma série de doenças e outras situações difíceis, que só puderam ser solucionadas com a ajuda dos conhecimentos dos habitantes da chamada "Terra Brasilis".

Ao estudar a entrada das plantas medicinais oriundas do continente americano na Europa, percebe-se o quanto isto modificou relações e teve importância histórica, tanto no campo da medicina e das possibilidades de cura, como também em relação ao universo econômico, social e cultural que estes saberes movimentaram. Não podemos esquecer, ainda, que esse contato trouxe enormes problemas para as populações americanas, afetando inclusive a produção de algumas plantas curativas nesse continente. Muitas plantas

estrangeiras, definidas na Europa como ervas daninhas, avançaram sobre a terra brasileira, assim como muitas das pestes que atacaram as plantas da Colônia tinham desembarcado do continente europeu.[1]

Os habitantes do "novo mundo"[2] eram muitas vezes vulneráveis às doenças trazidas pelos conquistadores. Um exemplo da América não portuguesa que deixa isso claro é o da chegada dos espanhóis a Hispaniola (atual república Dominicana e Haiti), onde grande parte da população indígena morreu em decorrência das doenças trazidas pelos espanhóis[3].

Logo em sua chegada às terras brasileiras os colonizadores passaram a enfrentar algumas dificuldades. Grande parte dos medicamentos que haviam sido trazidos nos barcos com a intenção de manter a saúde dos tripulantes acabou sendo perdido, ou estragando ao longo da travessia. Os primeiros contatos com a terra, que impressionaram os que aqui chegavam com sua beleza, logo foram substituídos pelo medo e desprezo com os "problemas" da região.

No início, os europeus ficaram fascinados com o fato de poderem aqui encontrar na floresta praticamente tudo que necessitavam para sua alimentação e sobrevivência. As plantas despertavam enorme curiosidade, sendo elas de diversas formas, belezas e cores, eram utilizadas como alimento, veneno ou medicamento[4]. Tanto que, já nos séculos XVI e XVII, mesmo sem o auxílio financeiro da coroa portuguesa investindo em viagens de conhecimento muitos desses portugueses passaram a catalogar e apreciar o uso de algumas plantas medicinais do Brasil. O fascínio foi interrompido pelas primeiras surpresas neste "Novo Mundo", pelo aparecimento das doenças.

> A natureza exuberante, rica em frutos saborosos e doces como o mel, os animais exóticos de uma beleza jamais vista, as multidões de pássaros coloridos e as ervas medicinais de singularíssimas virtudes não eram os atributos únicos da colônia. Situado na zona tórrida do globo, e infestado por ares quentes e pútridos, o Brasil, segundo a ótica de alguns cronistas era o lugar ideal a disseminação de doenças.[5]

---

1. CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.93.
2. O termo "Novo Mundo" aparece entre aspas por representar uma visão bastante tendenciosa, uma vez que a América já existia como mundo antes da chegada europeia. Essa denominação, entretanto, permaneceu sendo utilizada na historiografia por muito tempo.
3. PORTER, Roy. **Das tripas o coração**: Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record.2004, p. 27.
4. MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões**: Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista. Campinas-SP: Unicamp. 1999, p. 37.
5. RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**: A arte médica no Brasil do século XVIII. São

As plantas medicinais brasileiras são, até hoje, reconhecidas por seu potencial curativo, sendo o Brasil considerado por muitos autores como a região com maoir quantidade de espécies que curam, embora muitas ainda não tenham sido alvo de conhecimento e pesquisas que comprovem sua eficácia por meio da ciência farmacêutica. Assim, em termos de biodiversidade, a exploração do território colonial o conhecimento da flora brasileira abriu um grande leque de oportunidades e novas descobertas para a metrópole. Vários foram os viajantes que, desde os primeiros contatos com o território, mostraram o poder que as plantas aqui encontradas poderiam exercer.

A notabilidade do poder das plantas medicinais foi exaltada pelos padres jesuítas, que em seus relatos mostravam, como nos novos jardins medicinais, cultivavam essas novas espécies A maior parte desses conhecimentos foi aprendido com as populações locais que utilizavam ervas medicinais e saberes mágicos próprios para a cura de suas doenças. "A utilização de plantas medicinais pelas diversas etnias indígenas, particularmente no Brasil, parece ter seguido sistemas de identificação e emprego prático desconhecidos do colonizador europeu."[6]

Dentro das comunidades indígenas o uso da natureza como fonte para promoção da saúde assume um papel fundamental, levando em consideração a organização social e suas visões diferenciadas de experiência e sobrevivência. Desde sempre, como afirma o historiador Sérgio Buarque de Holanda, os índios tiveram à mata como sua fonte de medicamentos, a chamada "botica da natureza".[7]Sua visão holística do mundo, que enxerga a doença como consequência de uma desarmonia em relação a ordem natural e cósmica, está relacionada ao meio sociocultural no qual emerge a doença. Além disso, todo conhecimento indígena está baseado em uma tradição de cultura oral, que os europeus gradualmente transmitiram através de seus tratados, na maioria das vezes não reconhecendo sua origem.

Várias ervas medicinais foram enviadas da América para Portugal entre o século XVI e XVII, tendo destaque a Ipecuanha, que de tão explorada já era de difícil acesso no final do século XVII, e a quina do Peru, chamada também de pó dos jesuítas. Ambas as plantas eram utilizadas pelos indígenas em seus processos de cura. É importante notar que existiam no Brasil neste período

---

Paulo: Hucitec. 1997, p. 21.

6. SANTOS, Fernando Santiago dos. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil**: História e ciência na Triaga Brasílica (séc.XVII-XVIII), Casa do Novo Autor Editora / São Paulo / 2009 p.22.

7. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

e ainda hoje, uma série de etnias indígenas diversas, falantes de diferentes línguas e praticantes de diferentes hábitos culturais. Os portugueses, em um primeiro momento, mantiveram contato apenas com os índios localizados nas costas brasileiras. Ainda hoje, as técnicas de saúde aplicadas por povos indígenas do Brasil são bastante variadas, sendo impossível abarca-las em um sistema e visão únicos.

De maneira diferenciada do mundo europeu, onde existia uma grande divisão dos agentes de cura, muitas vezes não respeitada, nas comunidades indígenas muitos detinham os conhecimentos para tratar doenças. Era, porém, a figura do Pajé ou líder espiritual que tinha maiores poderes e exercia as propriedades da cura. Durante os rituais o Pajé (Xamã), figura central no ato da cura, com o auxílio de suas entidades protetoras, geralmente vindas da natureza, realizava a expulsão da doença e restabelecia a saúde do doente. Muitas dessas curas eram realizadas através do contato com guias espirituais, que poderiam aparecer em diferentes formas. Pensando na atualidade, podemos citar o exemplo da etnia Kaingang, que constitue atualmente um dos grupos indígenas mais populosos no Brasil, encontrados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo o antropólogo Robert Crépeau:

> As ligações mantidas com esse animal-auxiliar são concebidas e descritas pelo xamã como uma relação matrimonial marcada pelo vivo ciúme do auxiliar. Um xamã não pode revelar a identidade de seu animal-auxiliar sob pena de perdê-lo ou experimentar sua vingança. Antes de entrar em contato com seu auxiliar, o xamã deve, cada vez, se abster de todas as relações sexuais no domínio humano. Em retorno, o auxiliar dá ao xamã um acesso privilegiado aos animais de caça – que são descritos como vindo literalmente a ele – e ele o assiste no tratamento dos doentes indicando-lhe as plantas, sua preparação, a posologia e a duração da dieta que o paciente deve respeitar.[8]

Em relação ao início do contato entre indígenas e europeus, o século XVI assistiu a uma grande proliferação dos saberes sobre plantas. E nisto se tem grande papel as cátedras que se dedicavam ao estudo da história natural, onde cada vez mais floresciam estudos sobre as classificações das plantas e o desenvolvimento de herbários e jardins botânicos[9], embora estes só tenham sido mais frequentes no Brasil no fim do século XVIII e principalmente no século XIX. Essa atmosfera naturalista com certeza influenciou de

8. CRÉPEAU, Robert R. A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional: uma breve comparação com o xamanismo Bororo. Porto Alegre, **Horizonte antropológico**,v.8 n.18. Dec. 2002.
9. MARQUES, Op. Cit., p.41.

sobremaneira os colonizadores e viajantes que se deslocaram para o novo mundo.

Os primeiros estudos da flora local foram feitos pela necessidade e sem muitos métodos. A verdade é que acabavam sendo revelados pelos acontecimentos do dia-a-dia e alguns mais curiosos faziam pequenas expedições. Muitos desses estudos estão relacionados à Companhia de Jesus, que nos fins do séc. XVI e início do XVII possuiu alguns representantes importantes no que diz respeito a observação e análise das plantas brasileiras. Sua participação no desbravamento das plantas medicinais no Brasil foi considerável, pois no seu contato direto com os indígenas estabeleceram relações de grande absorção de conhecimentos e divulgação da farmacopéia indígena. Quem indicava aos portugueses as novas plantas que serviriam como tratamento foram os índios e, em grande parte, através do contato com os jesuítas. Apesar da influência nociva que exerceram junto às culturas nativas, foram eles os maiores responsáveis pela preservação de parte de seus hábitos e conhecimentos.[10]

Os novos acontecimentos que fazem parte do contexto de maior investimento português em pesquisas neste campo surge apenas no século XVIII, onde acontece a formação dos gabinetes de pesquisa em ciência natural e o incentivo cada vez maior de envio de plantas brasileiras a Portugal, muitas dessas plantas destinadas a compor jardins botânicos na Europa. Outro fator importante foram os agentes de cura enviados à colônia, que exerceram suas funções em um intercâmbio com os conhecimentos silvícolas. É necessário pensar que mesmo com essas trocas, os conhecimentos dos índios não deixaram de ser criticados, considerados por muitos como inferiores. Muitos viajantes consideravam a medicina exercida pelos indígenas como atrasada e inoperante: "d'elles se conta o mesmo que de outras muitas nações d'America [...] chegando ou a envelhecer, ou apadecer d'aquellas enfermidades, que sua grosseira medicina não sabe remediar [...]"[11] .

Interessante é também observar que algumas das teorias sobre doença e cura oriundas do período do Renascimento tem relação com as concepções coloniais, que partem principalmente de uma necessidade de significação da moléstia assumida pelas sociedades. A "doutrina dos sinais" ou "teoria das assinaturas" é uma forma de tratamento das doenças que foi bastante utilizada

---

10. MONTEIRO, Paula. **Da doença à desordem**. Rio de Janeiro: Graal. 1985, p.24.
11. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica ao Rio Negro**, s.l., s.ed., 1783-1792; reimpressão fac-similiar, Pará,Museu Paraense Emílio Goeldi, s.d.3 apud SANTIAGO, Fernando. Op. Cit. P.31

por indígenas habitantes das Américas e foi registrada por muitos viajantes que aqui estiveram.

As plantas curativas apresentariam marcas indicadoras de seus usos terapêuticos, de tal maneira que vegetais cujas folhas tivessem forma de coração, por exemplo, estariam indicadas para as doenças decorrentes de problemas relacionados ao músculo cardíaco. A cor das plantas também seria um importante orientador de virtudes. As amarelas serviam para os males provenientes do fígado, as vermelhas para as disfunções sanguíneas e assim sucessivamente.[12]

Assim, a partir do século XVI, houve um intuito cada vez maior de alguns curiosos para se dedicarem ao primeiro momento do estudo da flora americana e as plantas denominadas "exóticas". São estudos de pessoas como Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza, Magalhães Gândavo entre outros. Muitos desses, como Cardim, Nóbrega e Anchieta eram padres da Companhia de Jesus e tiveram papel muito importante no contato com o povo da terra. Através de suas farmacopeias e coleções de receitas, eles divulgaram os segredos do receituário indígena não só na colônia, mas também na Europa.

A despeito do fato de combaterem o misticismo dos curandeiros, Gilberto Freyre aponta a vontade dos jesuítas em absorver os conhecimentos botânicos dos índios recorrendo às palavras de Frei Caetano Brandão:"É provável que nas mãos de um curandeiro indígena estivesse mais segura a vida de um doente, no Brasil dos primeiros tempos coloniais, do que nas de um médico do reino estranho ao meio e à sua patologia".[13]

Mais nem só de interesse foi formada a opinião daqueles que viam a maneira como curavam os índios: muitos olhavam essas práticas com grande descrença e má impressão. Esse povo, que tinha "a mata como sua farmácia", como diria depois o naturalista Von Martius quando esteve no Brasil em 1844, era considerado inferior segundo os discursos europeu dos séculos XVI e XVII. "Sem fé, lei, religião e nem civilização alguma" [14], os índios americanos eram tratados como "seres irracionais", por não serem letrados e por não cultuarem um deus cristão. Porém, se os saberes indígenas foram desacreditados no nível discursivo, no nível prático é bem diferente,

12. Ibidem. p.42.
13. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: Formação da Família Brasileira sob regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olimpo. 1934, p.254.
14. SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil (1587)**. São Paulo: Nacional 1987, p. 79. Apud MARQUES, Op. Cit. p.61.

como nos mostra o relato de Guilherme Piso, naturalista que esteve no Brasil entre 1637 e 1644: "Uma vez conhecida a natureza do veneno, colhem nas selvas mais depressa do que se poderia dizer, ervas eficacíssimas que moídas subministram aos doentes sob o modo de poção, e suscitam o alento quase extinto"[15].

Muito embora algumas dessas práticas indígenas tenham desaparecido, em alguns casos por guerras entre as nações indígenas, em outros por causa da catequização, essa cultura de cura do "novo mundo" foi perpetuada por esses próprios europeus. Um grande passo para essa divulgação na Europa do poder das plantas da América foi a publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa, em 1794, que continha vários conhecimentos sobre a flora brasileira.

Outras farmacopéias já haviam sido organizadas anteriormente, mas esta ganha destaque por ser oficial e ter o intuito de servir como livro didático para os estudantes de botânica do reino português. Essa nova farmacopeia e as posteriores tinham ainda o objetivo claro de padronizar um conhecimento que antes parecia disperso e muito suscetível a interpretações consideradas equivocadas. Esse trecho do Alvará concedido por D. Maria para a Farmacopeia Geral para o Reino e Domínios de Portugal nos mostra bem esse interesse na padronização:

> [...] desordem, com que nas boticas de meus reinos, e domínios se fazem as preparações, e composições, por falta de uma farmacopeia, que sirva para regular a necessária uniformidade das ditas preparações, e composições; e sendo certo, que sem que haja esta uniformidade, é impossível que a medicina se pratique sem riscos de vida, e saúde de meus fiéis vassalos, deixando-se à vontade, e capricho de cada um dos boticários adotar diferentes métodos de compor, e preparar os remédios[...][16]

É importante falar de dois personagens extremamente relevantes na vida da colônia: o boticário e o cirurgião barbeiro. A importância deles é ainda mais relevante ao se pensar que a formação das primeiras faculdades de medicina no Brasil só aconteceu no século XIX, e que ainda após essa formação, o médico não teve tanta popularidade entre o povo. Mesmo assim, o boticário muitas vezes esteve à margem da medicina, sendo considerado um mero executor das tarefas do médico. A arte médica era considerada nobre e o boticário faria a parte mecânica. Ele era o "cozinheiro dos médicos":

15. PISO, Guilherme. **História natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Nacional. 1948, p.8. Apud MARQUES, Op. Cit. p. 66.
16. ANRJ. Códice 441. Alvarás da Rainha. Documento nº 17. Apud MARQUES, Op. Cit., p. 78.

Boticário – O que tem botica, vende drogas medicinais, e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos; cozem e temperam quando nas receitas lhe ordenam. [...] Boticário quando faz as mezinhas que o médico ordena, se houvera de chamar propriamente medicamentarius.[17]

O boticário nem sempre foi retratado com uma visão tão negativa, mas um dos fatores que possibilitou esse rebaixamento da profissão foi o crescimento, em grande proporção, do número de profissionais desta área. Havia, ainda, o fato de não conseguirem manter os costumes da nobreza, por sua situação econômica e também por exercerem um trabalho mais manual, muito pouco prestigiado entre os nobres portugueses.

Em terras brasileiras, o número desses profissionais cresceu a curtos passos. No século XVI, eram boticários no Brasil alguns poucos padres jesuítas em seus colégios e integrantes de ordens religiosas. Várias das descobertas que se tornaram posteriormente recursos terapêuticos na Europa surgiram a partir das práticas desses boticários jesuítas que, no contato com os indígenas, desenvolveram remédios utilizando produtos desconhecidos como a quina, a ipecuanha, a copaíba, o guaco, entre outros. As Ordens Religiosas já tinham grandes ressalvas com relação aqueles que poderiam ou não exercer essa profissão na colônia e isso se deve em grande parte ao fato de muitos que fugiam da inquisição portuguesa se estabeleceram como boticários no Brasil, atuando também como curandeiros: "Os que houverem de ser admitidos ao partido da medicina, não hão de ter raça de judeu, cristão-novo, nem mouro, nem proceder de gente infame, nem ter doenças contagiosas; hão de ser de habilidade, e esperanças, e sendo possíveis honrados, e de boa graça e pessoa"[18].

Outro fator que fazia com que sofressem com desdém da sociedade é o fato de serem acusados muitas vezes de vender os remédios a preços acima do estabelecido, ou utilizarem fórmulas erradas com certa displicência: "[...] É preciso haver grande cautela e vigilância com estes boticários, por serem todos ladrões que só cuidam em roubar a real fazenda, carregando-lhe sempre os remédios por maior preço do que manda o regimento [...]".[19]

O longo período em que os boticários são os responsáveis pela venda de medicamentos no Brasil e a constante briga destes com mercadores

17. Verbete pesquisado em BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1712 – 1728. 8 v., p.169.
18. MARQUES, Op. Cit., p.170.
19. Carta do governador de Santa Catarina, Francisco de Souza Meneses ao vice-rei, em 27 de maio de 1711. Apud MARQUES, Op. Cit., p. 174.

locais, levaram a Coroa a criar regimentos para a venda de medicamentos. E os boticários, embora marginalizados, tinham que estar de alguma forma inclusos nestes regimentos, pois muitas vezes acabavam exercendo todas as artes da cura sozinhos, sendo difícil até o século XIX, encontrar-se uma equipe completa de peritos na arte de curar no Brasil, ou seja, composta por médico, cirurgião, boticário e barbeiro na mesma comunidade.

Muitas dessas atividades atribuídas aos boticários, embora não fosse por decreto de sua responsabilidade, eram desenvolvidas por barbeiros. Segundo Lycurgo Santos Filho, as lojas de barbeiros da colônia eram locais de reunião de homens da época. Embora esses barbeiros necessitassem de carta de habilitação para exercerem suas atividades, poucos as obtiveram; mesmo assim, além de fazerem a barba e cortarem o cabelo dos clientes, ainda realizavam pequenas cirurgias e a aplicação de ventosas, sanguessugas e clisteres.[20]

A história do contato não tem, de qualquer maneira, só um lado. O contato português com o Brasil no campo da medicina é vasto. É de grande exploração, mas é motivado, também, pela necessidade eminente que aqui encontraram nos primeiros tempos da chegada, em conseguir na natureza os remédios que suprissem os problemas com saúde que estavam enfrentando nessas novas terras. As causas econômicas neste primeiro momento parecem secundárias, e é principalmente a partir do século XVIII que irão se desenvolver de uma maneira mais intensificada. Pelo menos em relação à história da saúde e da medicina, o contato português com o Brasil foi permeado por essa necessidade inicial.

Conforme procurou se demonstrar neste artigo, a religiosidade, a busca pela cura na colônia e na metrópole e a necessidade de sobreviver nos primeiros momentos da vida colonial não podem estar separados. A intensa busca de Portugal por novos meios de progresso econômico encontrou barreiras naturais, como também estabeleceu novas necessidades e introduziu grandes perdas em determinados momentos. O intercâmbio de produtos medicinais neste momento não tinha um incentivo oficial da coroa portuguesa; porém, o homem sempre encontrou a necessidade de buscar a cura de suas moléstias.

Abordando o período colonial, podemos ver a importância de estudar as transformações pelas quais as práticas médicas passaram. O intercâmbio

20. SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **Historia geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC. 1977, p.340.

ecológico fez parte da organização deste novo mundo conhecido. A história das práticas médicas foi, por muito tempo, um campo afastado dos estudos de historiadores, estando reservado a médicos, que quase sempre realizavam uma história factual, que pouco dava voz aos pacientes e a temáticas consideradas periféricas, exaltando a figura do médico como provedor da cura e do bem estar social.

Torna-se necessário explorar uma história da saúde que parta também de um estudo da história das mentalidades e das sensibilidades corporais dos participantes do corpo social. O uso dos fármacos locais e sua difusão pelo mundo nos conta um pouco mais dessa história. "Cada sociedade reconhece doenças específicas. Além disso, a doença constitui sempre um estado com muitas implicações sociais: Estar doente ou em boa condição física são coisas muito diferentes socialmente".[21]

21. ADAM, Philippe; Claudine Herzlich. **Sociologia da doença e da Medicina**. Bauru, SP: EDUSC,2001. p.21

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, Philippe; Claudine Herzlich. **Sociologia da doença e da Medicina**. Bauru, SP: EDUSC,2001.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1712 – 1728. 8 v.,
- CRÉPEAU, Robert R.. A prática do xamanismo entre os Kaingang do Brasil meridional: uma breve comparação com o xamanismo Bororo. **Horiz. antropol**. vol.8 no.18 Porto Alegre Dec. 2002
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem filosófica ao Rio Negro**, s.l., s.ed., 1783-1792; reimpressão fac-similiar, Pará,Museu Paraense Emílio Goeldi, s.d.3.
- FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/** Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões**: Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista. Campinas-SP: Unicamp,1999.
- MONTEIRO, Paula. **Da doença à desordem**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- PISO, Guilherme. **História Natural do Brasil ilustrada**. São Paulo: Nacional. 1948
- PORTER, Roy. **Das tripas o coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**: A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo. Hucitec, 1997.
- SANTOS, Fernando Santiago dos. **As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil**: História e ciência na Triaga Brasílica (séc.XVII-XVIII), Casa do Novo Autor Editora / São Paulo / 2009.
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil** (1587). São Paulo: Nacional 1987

Para saber mais…

Isaac Facchini Badinelli

As farmacopeias, durante a história do conhecimento médico e farmacêutico, tiveram importante papel na difusão do conhecimento sobre o uso de substâncias de origem vegetal, animal e mineral pelo homem, tentando garantir uma maior qualidade nos medicamentos e a organização de um sistema completo que tratasse dos produtos utilizados por médicos, boticários, mezinheiros, entre outros. Na Europa do século XVII e XVIII, os mais diversos tipos de medicamentos eram utilizados. Os chamados "simples", encontrados na natureza, eram empregados em forma de emplastos e chás, juntamente com práticas terapêuticas como as sangrias, as purgas e os clisteres. Uma definição possível para as farmacopeias seria:" Um livro oficial que normaliza os diversos aspectos relacionados com a produção medicamentosa, as matérias primas necessárias a essa produção bem como um conjunto de ensaios diversos fundamentais na dinâmica de produção de medicamentos. É editada para servir em um país ou uma zona territorial" [22]

A necessidade de escrever sobre os "simples" conhecidos e sobre as novas descobertas, fez com que fossem surgindo as primeiras farmacopeias não oficiais em Portugal, quase no mesmo período em que estas eram também produzidas na Espanha. Esta era divulgada sem o amparo do Estado português.

Data de 1704 uma das primeiras farmacopeias conhecidas durante o período da colônia que, portanto, já apresentava saberes trazidos da região: era conhecida como "Pharmacopeia Lusitana" e era de autoria de D. Caetano de Santo Antônio. No início, o intuito maior destas obras foi uma orientação regional, sendo que mais tarde, com o avançar do século XVIII, um século onde se produziu grande número de farmacopeias, elas foram se espalhando por todo o reino.[23]

Ao longo do século, outras farmacopeias foram surgindo, com destaque para a *Pharmacopeia Ulyssiponense*, de João Vigier, onde

22. PITTA, João Rui. Um livro com 200 anos: A farmacopeia Portuguesa (Edição Oficial) - A publicação da primeira farmacopeia oficial: Pharmacopeia Geral (1794). **Revista de História das Ideias**. Coimbra, v.20,p.48.1999.
23. Idem.

já aparecem formulações químicas. A *Pharmacopeia Tubalense*, considerada a de maior divulgação em território português entre as não oficiais foi publicada em 1735, pelo boticário Manuel Rodrigues Coelho. Também foram importantes a *Pharmacopeia Lisbonense*, do boticário Manuel Joaquim Henriques de Pádua, de 1785 que, juntamente com os apontamentos feitos no livro " Instituições e elementos da Fármacia", do Médico e lente da Universidade de Coimbra José Francisco Leal, ajudaram a dar origem a primeira farmacopeia oficial do Reino Português de 1794.

Alguns aspectos fizeram com que, em 1794, fosse necessária a publicação da *Pharmacopeia Oficial Portuguesa*. Existiu, no momento, levando em consideração os tratados não oficiais, uma necessidade de formalizar e padronizar o conhecimento que seria praticado em todas as regiões do reino, além de facilitar a fiscalização por parte das instituições médicas portuguesas, como a atuação do Físico-Mor, que tinha como função licenciar as boticas[24].

Outro ponto se dava em relação ao interesse mais amplo que o conteúdo abarcava, sendo o tema importante para um maior desenvolvimento das práticas sanitárias e das normas delas advindas. Isso dizia respeito, principalmente, às colônias portuguesas onde a preocupação com a propagação de doenças, que prejudicavam a exploração econômica, era cada vez maior. Além desses fatores, a própria expansão e conquista de novos territórios como o Brasil, e a formação de um maior número de vilas e povoados no século XVIII, foram motivos que levaram a formulação de uma farmacopeia oficial.

A publicação da Farmacopeia Oficial em Portugal acontece em um momento de modificação na arte médica e no ensino da medicina na Metrópole, que passava por transformações impulsionadas pela Reforma no ensino universitário Português surgida com o Marques de Pombal, além da introdução dos conhecimentos químicos no preparo de medicamentos. Desta maneira, a publicação destas farmacopeias foi fundamental para a divulgação dos conhecimentos sobre as plantas medicinais e a arte da cura em todo o reino português, definindo regras mais claras, que foram, entretanto, comumente burladas durante o século XVIII e XIX.

24. FURTADO, Júnia Ferreira. A Medicina na Época Moderna apud STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; MARQUES, Rita de Cássia Marques (org). **Medicina**: História em exame. Belo Horizonte: ed. UFMG. 2011. p. 42.

Trabalhando com fonte histórica

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia,2001.p.161.

CAPÍTULO LXIII

Em que se declara a virtude de outras ervas menores.

Há outras ervas menores,pelos campos, de muita virtude, de que se aproveitam os índios e os portugueses, das quais faremos menção brevemente neste capítulo, começando na que o gentio chama tararucu, e os portugueses de fedegoso. Esta erva faz árvore do tamanho das mostardeiras, e tem as folhas em ramos, arrumadas como folhas de árvores, as quais são muito macias, da feição das folhas de pessegueiro, mas têm o verde muito escuro, e o cheiro da fortidão da arruda; estas folhas deitam muito sumo, se as pisam; o qual de natureza é muito frio, e serve para desafogar chagas; com este sumo curam o sesso dos índios e das galinhas, porque criam nele muitas vezes bichos de que morrem, se lhe não acodem com tempo. Estas ervas dão umas flores amarelas como as da páscoa, das quais lhes nascem umas bainhas com sementes como ervilhacas.

Pelos campos da Bahia se dão algumas ervas que lançam grandes braços como meloeiros, que atrepam se acham por onde, as quais dão umas flores brancas que se parecem até no cheiro com a flor de legação em Portugal; cujos olhos comem os índios doentes de boubas, e outras pessoas; e dizem acharem-se bem com eles, e afirma-se que esta é a salsaparrilha das Antilhas.

Capeba é uma erva que nasce em boa terra perto da água, e faz árvore como couve espigada; mas tem a folha redonda, muito grande, com pé comprido, a qual é muito macia; a árvore faz um grelo oco por dentro, e muito tenro e, depois de bem espigada, lança umas candeias crespas em que dá a semente, de que nasce. Esta erva é de natureza frigidíssima, com cujas folhas passadas pelo ar do fogo se desafoga toda a chaga e

inchação que está esquentada, pondo-lhe estas folhas em cima; e se a fogagem é grande, seca-se esta folha; de maneira que fica áspera, e como está seca se lhe põe outras até que o fogo abrande.

Eugenia uniflora

8. Ewé, cura e magia: o uso das plantas medicinais no candomblé

Diego Schibelinski

Toda desigualdade socioeconômica de longa duração, existente entre diferentes grupos de uma mesma sociedade, apresenta elementos históricos fundadores, mecanismos responsáveis por sua propagação e transmissão, bem como processos de sustentação desta assimetria ao longo do tempo. No Brasil, a origem das atuais desigualdades raciais são bem fáceis de serem identificadas; afinal, por muito tempo nosso país adotou um regime escravagista de trabalho, uma das formas mais radicais de exclusão sociais já vistas.

A escravidão negou, durante séculos, a homens, mulheres e crianças, não só a remuneração por seu trabalho e o livre arbítrio, mas também toda e qualquer possibilidade de aquisição e de acumulação de riqueza, de propriedade, de educação e outros ativos. Essas pessoas tiveram seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais cerceados, não sendo reconhecidas nem sequer sob o status jurídico de pessoa, mas sim vistas apenas como um bem, uma propriedade[1].

Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), referentes ao censo populacional realizado no ano de 2010[2], apontou que a população brasileira era de 190.755.799 habitantes. Dentre estes, 97.171.614, ou seja, cerca de 50,9% da população, se autodeclarava preta ou parda, superando aqueles que se autodeclaravam brancos. Com relação aos dados obtidos no campo da religião adotada pelos brasileiros, a pesquisa aponta que 574.694 pessoas declararam pertencer a algum tipo de religião de matriz africana – umbanda ou candomblé. A maior parte da população ainda é católica, 64,6%. A Organização das Nações Unidas (ONU), em parceria com a UNESCO, declarou em 2013 que o Brasil possui a terceira maior população negra do mundo.

O que se percebe, ao analisarmos estes dados, é que a ideia de uma cultura de miscigenação, tão difundida ao longo das primeiras décadas do século XX – e que teria permitido que brancos, negros e índios convivessem

---

1. MARTINS, Roberto Borges.Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente. **Revista CEPAL**, Santiago de Chile, n.82, p.13. abr. 2004.(Série Políticas sociais)
2. Disponivel em : http://censo2010.ibge.gov.br/. Acesso em: 28 de outubro de 2013.

de forma harmoniosa, em um intercâmbio de valores e culturas de forma a garantir uma democracia racial – parece não ter ocorrido da maneira esperada. Afinal, o que os números apontam é que, ainda como ocorria nos tempos da escravidão, o preconceito e a discriminação tem feito com que comunidades e etnias não hegemônicas continuem ocupando lugares secundários na sociedade brasileira.

Isso fica muito claro se levarmos em consideração que mais da metade da população de nosso país é formada de afrodescendentes ou tem descendência indígena, quando não os dois e, no entanto, a religião hegemônica ainda é o catolicismo, a religião do homem branco e colonizador. Os números apontam um baixíssimo número de pessoas que se autodeclararam ligados ao cultos das religiões de matriz africana, um claro reflexo do processo de marginalização sofrida por estes grupos que, talvez mesmo fazendo parte dessas religiões, preferem se declarar católicos, evitando assim situações discriminatórias.

As religiões de matriz africana ainda sofrem muito preconceito em nosso país, seus membros são perseguidos, seus templos destruídos, tudo isso em prol de um preconceito religioso, social e cultural fundamentado na mais pura intolerância e abastecido por um sem fim de estereótipos e inverdades que são fruto de um desconhecimento da própria história do povo brasileiro.

Apesar disso tudo, muito da cultura dos primeiros homens e mulheres que foram trazidos ao Brasil, sobre o julgo da escravidão, ainda resiste e se mantem. Nesse texto, vamos falar sobre o candomblé brasileiro e alguns de seus aspectos. Buscaremos compreender, de forma breve, um pouco de sua constituição e manutenção e como esse de como essa religião construiu um saber médico-religioso sobre as plantas que utiliza.

O Brasil foi a maior nação escravista do "Novo Mundo", recebendo cerca de um terço de todos os escravos trazidos para a América. Foi, também, o mais ativo participante do tráfico atlântico de escravos e o maior importador de africanos, em todos os períodos[3]: acredita-se que, no total, o Brasil tenha recebido cerca de 3.600.000 escravos[4].

No entanto, infelizmente, ainda conhecemos muito pouco sobre a experiência dos homens, mulheres e crianças das diferentes etnias africanas que colonizaram nosso país por mais de 300 anos. Apesar de serem reconhecidas

---

3. MARTINS, Roberto Borges. Op. Cit. p.15.
4. CURTIN, Philip D. **The Atlantic Slave Trade. A Census**. Madison: University of Wisconsin, 1969. Instituto Brasileiro Geografico de Estatística (IBGE).p.88. Disponível em : www.ibge.gov.br. Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

características genéricas de uma "herança africana" na mestiçagem cultural brasileira, as informações que reconstroem a imagem dos africanos da primeira geração que viveu no Brasil se diluíram rapidamente na memória popular ao longo do século XX[5].

Porém, conhecer a experiência dos grupos africanos na diáspora tem sido o objetivo de um novo campo da historiografia que, ao lado de um projeto da UNESCO intitulado "a rota dos escravos", vem buscando traçar o tempo da trajetória dos grupos étnicos através do Atlântico e observar sua dispersão geográfica nas Américas. Esse novo campo tem buscado ver o escravo não mais como uma massa uniforme, mas levando em conta a variedade de relações dentro do sistema escravista, através da identificação das rotas atlânticas e terrestres[6].

Já se sabe que o tráfico era abastecido por três regiões principais: a Costa Ocidental da África, onde se destaca principalmente a região da Costa da Mina; a África Centro Ocidental, principalmente os grandes portos de Angola e do Congo; e a Costa Oriental, com destaque para a região de Moçambique[7].

Ao longo de todo o processo de trafico negreiro, o que se percebe é que muitas regiões do país acabaram por construir fortes relações com regiões do continente africano que eram a origem da maior parte dos escravos recebidos. Pierre Verger chamou esse processo de "refluxo" e ele pode ser claramente observado no caso das relações construídas ente Salvador e o Golfo do Benin, na Costa Ocidental da África. Relação similar também foi construída entre o Rio de Janeiro e a Costa Centro Ocidental, de onde os escravos vinham principalmente das cidades de Luanda, Cabinda e Benguela. Tal fenômeno é responsável pela formação de diferentes manifestações do candomblé ao longo do território brasileiro: o candomblé praticado no Rio Grande do Sul, por exemplo, era diferente daquele praticado na Bahia, fortemente influenciado pelo alto número de africanos vindos da costa ocidental africana, como os iorubas, tapas, haussás e jejes[8].

Quanto à influência que cada um desses grupos teve sobre a formação do candomblé, o que podemos constatar é que dos sudaneses e bantos veio a influência politeísta, a ideia dos deuses como controladores das forças da

5. MAMIGONIAN, Beatriz G. África no Brasil: mapa de uma área de expansão. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro ed. 9, v. 5., p. 33-53.2004.
6. Idem.
7. Idem.
8. Idem.

natureza, o ritual do transe como mecanismo de comunicação entre homens e as divindades, o uso do oráculo na decifração dos mistérios do futuro, o culto a ancestralidade e o sacrifício ritualístico. Dentre os sudaneses, dois grupos destacam-se: os iorubás, que chamavam seus deuses de orixás e os jejes ou ewe-fons, que trouxeram consigo a religião dos voduns, pouco difundida em território brasileiro, tendo tido êxito em sua disseminação apenas na Bahia e no Maranhão.

Com o tempo,o culto dos jejes e dos iorubas acabaram se misturando e assumindo novas formas. Os bantos chegaram ao Brasil um pouco antes e perderam a prática de adoração a seus deuses que, fundamentalmente enraizados a terra geográfica onde viviam, não resistiram à diáspora. Seus deuses eram chamados de *inquices* e, dentre todos ele, apenas um sobreviveu e teve seu culto absorvido pelos outro modelos de candomblé: Tempô, o *inquice* ligado ao tempo cronológico. Apesar disso, os cultos bantos foram capazes de incorporar divindades presentes nas religiões indígenas, dando origem assim ao candomblé de caboclo[9].

O Brasil teve a escravidão como principal fonte de mão de obra desde o inicio de sua colonização; ao longo dos séculos, negros e índios sofreram o julgo do trabalho forçado. A propriedade de escravos era largamente disseminada na sociedade brasileira e, ao chegarem aos principais portos do país, os escravos vindos da África eram tratados como mercadoria. Podiam ser comprados, vendidos, alugados, taxados, penhorados, legados como herança ou sequestrados como pagamento de dívidas.

A economia nacional era altamente dependente do trabalho escravo e, ao contrário do que apontou uma ideia por muitos anos aceita, o escravo não servia apenas ao trabalho braçal repetitivo, sob estreita supervisão, tão comum nas regiões onde predominava a plantation exportadora (de açúcar, de café ou de algodão) ou a mineração em larga escala. O escravo foi trabalhador braçal das minas, engenhos, foi carregador e o estivador. Mas também exerceu inúmeras outras funções, como músico, escultor, artesão, pedreiro, marceneiro, pintor, ferreiro, alfaiate, tropeiro, ourives, mecânico, gerente, administrador, marinheiro, soldado, vaqueiro, exercendo todos os tipos de ocupação urbana e rural, tendo sido empregado, inclusive, sistematicamente e com sucesso, na indústria[10].

---

9. PANDRI, Reginaldo. **Herdeiros do Axé**: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: HUCITEC, 1996.p.59.
10. MARTINS, Roberto Borges. Op. Cit.p.16.

É importante também considerarmos, que apesar de toda a rigidez do sistema escravista e do trabalho forçado, essas pessoas de certa forma também desenvolviam uma vida social, mesmo que restrita a localidade de trabalho ou diretamente a ele ligada. Existem evidências que sobreviveram até os nossos dias e que demostram isso, como por exemplo, cantigas de trabalho, a capoeira, a culinária, idiomas ainda falados, as religiões, entre outros. O escravo não abandonou completamente seus costumes, suas crenças, sua língua, e tudo aquilo que o cercava em sua terra. Ele buscou formas, ao longo dos séculos, de garantir a manutenção destas culturas, mecanismos estes que muitas vezes foram auxiliados pelo grande fluxo de chegada de novos africanos.

Fosse como uma forma de resistência a uma cultura totalmente desconhecida e que agora lhes era imposta, ou fosse pelo fato de que ao garantirem a sobrevivência de suas culturas garantiam também que a terra que lhes foi tirada sobrevivesse dentro deles, esse processo de resistência cultural se deu de diferentes formas e por maior sucesso que obtivesse, jamais foi capaz de evitar influências externas.

Foi na área da antropologia que surgiram os primeiros trabalhos que se destinavam ao estudo dos afro-brasileiros e de sua cultura: Nina Rodrigues foi um dos pioneiros nessa área. É nesta área, também, que existem divergências com relação as consequências desse processo de assimilação, de transformação desse africano em latino, ou, no nosso caso, em brasileiro. Melville J. Herskovits afirma que, apesar de todo o flagelo causado, a escravidão permitiu a manutenção e a sobrevivência de redes inteiras de cultura que eram úteis e que preenchiam uma função indispensável na organização social desses grupos. Já E. Franklin Frazier, ao analisar a práxis em oposição a teoria, é categórico em afirmar que a escravidão destruiu completamente a cultura negra pois, ao readaptar-se construindo novas interpretações,trouxe para si valores de uma sociedade ocidental, contaminando seus costumes, dissolvendo sua estrutura[11].

A fragmentação das estruturas sociais nativas, dos grupos familiares, a existência de um novo ritmo de trabalho, as novas condições de vida agora impostas pela escravidão e toda uma ordem social destruída e impedida de se reproduzir, foram elementos que contribuíram para que ruíssem as bases que fundamentavam e davam sustento a essas religiões. Isso ocorreu porque,

11. BASTIDE, Roger. **As américas negras**: as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.p.07

em sua maioria, elas eram ligadas ao culto de ancestrais e à terra: a estrutura social onde o negro se encontrava agora inserido não tinha mais nada a ver com aquela de sua origem. Ele perdera sua família, fora afastado seu grupo e de sua terra, perdendo seu status social e tendo seus costumes totalmente ignorados ao ser considerado apenas como uma propriedade.

Mudanças tão drásticas exigiram uma reformulação dentro do campo religioso, que o tornasse independente de sua linhagem e de seus laços com sua terra de origem. Isso fez com que houvesse apenas um desenvolvimento parcial das religiões negras no Brasil mantendo-se, assim, os rituais mais importantes para a vida cotidiana. Foi abandonado todo culto ligado aos antepassados, que antes ocupavam lugar de destaque e era responsável por toda manutenção da ordem e equilíbrio do coletivo, que não mais existia.

Um culto genérico foi construído, direcionado as divindades mais diretamente ligadas a forças da natureza e a manipulação mágica do mundo. Esta nova religião voltava-se agora muito mais para a construção das identidades pessoais do que para o controle da vida social, uma vez que agora em condição de escravidão, os indivíduos não possuíam o menor controle sobre esse aspecto[12]. Condenados a uma condição servil, esses grupos tinham frequentemente aspectos culturais impostos por seus senhores desde, por exemplo, o uso da língua portuguesa – que se apresentava como a única maneira de comunicação entre o senhor e seu escravo – até a influência religiosa.

Desta forma, desde sua formação no Brasil, as religiões africanas tem sido tributárias do catolicismo. A grande maioria dessas pessoas recém-chegadas do continente e que davam início a uma vida de escravidão, eram batizadas dentro dos costumes católicos e recebiam novos nomes, comuns na sociedade luso-brasileira. A partir de muito cedo, o escravo via a imposição do catolicismo pelo homem branco como uma maneira de atenuar sua condição. Assim, o sincretismo religioso acaba por assumir um papel muito mais complexo e importante dentro da manutenção das religiões de matriz africana uma vez que, mais do que proporcionar uma camuflagem que permitiria sua prática livremente, elas acabaram sendo responsáveis, como já vimos, pela ocidentalização das mesmas[13].

A aproximação com o catolicismo modificou e inseriu importantes

---

12. PANDRI, Reginaldo (1996). Op. Cit, p. 56.
13. PANDRI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 2005. p.76

aspectos dentro destes complexos religiosos, como a introdução de novos dogmas e valores ou a adesão de conceitos antagonistas como bem e mal, virtude e pecado, tão comuns nas religiões judaicas-cristãs, mas pouco praticadas nas de origem africana mais habituadas a ideia de tabu e suas especificidades e variabilidades. Essas transformações criaram, de certa maneira, uma espécie de código de ética universalizado e que permeará as religiões de matriz africana, desenvolvidas em território brasileiro, em diferentes formas e proporções. Desta forma, aspectos antes tidos como naturais, passaram a ser demonizados: isso ocorreu com os orixás que acabaram por sofrer processos de divinização e demonização, como no caso de Oxalá e Exu[14].

O catolicismo abriu-se como única alternativa possível de ligação do escravo com o mundo coletivo projetado fora do trabalho escravo e da senzala. Assim, apesar da reformulação de uma religião negra, mesmo que feita de maneira fragmentada mas que era capaz de dotar o escravo novamente de certa identidade, era apenas no catolicismo que se abriam as oportunidades que possibilitariam seu transito e sua inserção naquela sociedade branca e dominadora. Livrar-se da condição escrava significava tornar-se cidadão; assim, construíram-se mecanismos de apagamento de traços que remetessem à condição superada, sendo a religião a porta de entrada deste processo. Afinal, esse foi um momento em que ser brasileiro e ser católico eram duas coisas que estavam demasiadamente imbricadas[15].

Resultante desses intercâmbios entre diferentes grupos e religiões, o candomblé desenvolveu-se em território brasileiro sob diversificadas facetas. As principais delas foram o Candomblé, praticado na Bahia; o Xangô, popular na cidade do Recife e no estado de Alagoas; o Batuque, no Rio Grande do Sul; e nos estados do Maranhão e do Pará, o Tambor de Mina Nagô. Foi somente após a década de sessenta do século XX, com a popularização e a crescente adesão das classes mais abastadas ao culto, que o termo candomblé se generalizou[16].

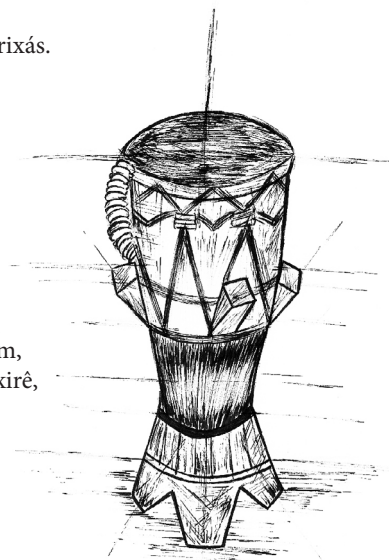
Nos dias de hoje, o candomblé caracteriza-se por ser uma religião animista e que apresenta forte ligação com o culto de ancestrais. O candomblé é uma religião monoteísta, apesar de muitos a consideram como politeísta pelo fato de cultuarem diversas divindades; porém, todas essas divindades, assim como os homens, foram criadas por um deus supremo. Conhecido

14. Ibidem, p.77.
15. PANDRI, Reginaldo (1996). Op.Cit. p.57.
16. Ibidem,p. 59.

como “povo de santo”, seus praticantes reúnem-se nos templos de candomblé que são conhecidos como casas, roças ou terreiros, e ali prestam cultos a um panteão de divindades. As divindades adoradas nos templos de candomblé podem variar segundo a nação a qual aquele templo pertence, uma vez que, como já vimos, desenvolveram-se diferentes tipos de candomblé a partir de diferentes grupos africanos. Essas divindades são conhecidas como Orixás, Inquices ou Voduns e recebem homenagens regulares, com oferendas de animais, vegetais e minerais, cânticos, danças e roupas especiais.

Na obra *Mitologia dos orixás*, Reginaldo Pandri, ao realizar um estudo que busca pesquisar, reunir e preservar a mitologia no candomblé brasileiro e cubano, nos oferece a chance de conhecer um dos mitos de criação do mundo segundo o candomblé, e que pode nos ajudar a compreender melhor sua dinâmica:

No começo não havia separação entre o Orum, o Céu dos orixás,
e o Aiê, a Terra dos humanos.
Homens e divindades iam e vinham,
coabitando e dividindo vidas e aventuras.
Conta-se que, quando o Orum fazia limite com o Aiê,
um ser humano tocou o Orum com as mãos sujas.
O céu imaculado do Orixá fora conspurcado.
O branco imaculado de Obatalá se perdera.
Oxalá foi reclamar a Olorum.
Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo,
irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais,
soprou enfurecido seu sopro divino e separou para sempre o Céu da Terra.
Assim, o Orum separou-se do mundo dos homens
e nenhum homem poderia ir ao Orum e retornar de lá com vida.
E os orixás também não podiam vir à Terra com seus corpos.
Agora havia o mundo dos homens e o dos orixás, separados.
Isoladas dos humanos habitantes do Aiê, as divindades entristeceram.
Os orixás tinham saudades de suas peripécias entre os humanos
e andavam tristes e amuados.
Foram queixar-se com Olodumare,
que acabou consentindo que os orixás pudessem
vez por outra retornar à Terra.
Para isso, entretanto, teriam que tomar o corpo material de seus devotos.
Foi a condição imposta por Olodumare.
Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres, dividindo com elas sua formosura e vaidade,

ensinando-lhes feitiços de adorável sedução e irresistível encanto,
recebeu de Olorum um novo encargo:
preparar os mortais para receberem em seus corpos os orixás.
[...]
Os orixás agora tinham seus cavalos,
podiam retornar com segurança ao Aiê,
podiam cavalgar o corpo das devotas.
Os humanos faziam oferendas aos orixás,
convidando-os à Terra, aos corpos das iaôs.
Então os orixás vinham e tomavam seus cavalos.
E, enquanto os homens tocavam seus tambores,
vibrando os batás e agogôs, soando os xequerês e adjás,
enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam,
convidando todos os humanos iniciados para a roda do xirê,
os orixás dançavam e dançavam e dançavam.
Os orixás podiam de novo conviver com os mortais.
Os orixás estavam felizes.
Na roda das feitas, no corpo das iaôs,
eles dançavam e dançavam e dançavam.
Estava inventado o candomblé.[17]

Outra característica do candomblé, mas também das demais religiões de matriz africana, é o frequente uso das plantas. O candomblé apresenta um longo e tradicional conhecimento sobre uma imensidão de plantas que, além de serem usadas em caráter ritualístico, estão inseridas dentro da prática de consumo dessas ervas como forma de terapia.

As plantas utilizadas hoje nas casas de candomblé, ou em todas as religiões de matriz africana, são resultado de um processo de intercâmbio cultural vivido ao longo de anos pelos afrodescendentes. Afinal, o estabelecimento dos povos africanos no Brasil, ao chegarem sob condição de escravos, os inseriu em uma nova realidade cultural, induzindo-os a um sistema de trocas recíprocas dos saberes, práticas e crenças, referentes às plantas, entre os negros e aqueles que aqui viviam – os índios e os europeus. Neste caso, a contribuição indígena se destaca no processo que substituiu, por espécies nativas, as plantas antes usadas e que aqui não eram encontradas.

Esse sistema de trocas gerou um novo conhecimento que englobava o reconhecimento de espécies tropicais e que existiam em comum nos dois continentes, a assimilação de novas plantas indicadas pelos povos ameríndios

17. PANDRI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.p.524-528.

e que substituiriam determinada planta africana devido a similaridade de seus efeitos ou a adoção de novas espécies utilizadas pelos índios e até então desconhecidas pelos africanos. A prática da importação de plantas africanas para o território brasileiro também foi muito comum, gerando até mesmo certa africanização da paisagem natural em determinados locais. Também houve a assimilação daqueles conhecimentos tidos como coloniais, vindos da Europa e já disseminados e incorporados pelos que aqui viviam, inclusive os índios. Esses processos proporcionaram substituições importantes e que permitiram à manutenção de práticas e rituais de caráter essencial a sobrevivência destes grupos.

A adaptação de elementos da flora africana ocorreu de maneira muito variável uma vez que, tanto a África quanto o Brasil, são regiões de grande heterogeneidade de ecossistemas. Assim, as plantas que acabaram por compor a farmacopeia de determinado grupo de candomblé, em determinada região do país está diretamente relacionada a questões regionalistas, permitindo a existência de diferenças.

Em basicamente todo o sistema de crença das religiões de matriz africana que se desenvolveram no Brasil, as plantas exercem um papel mediador entre os dois planos da existência: o *aiê* – mundo natural – e o *orum* – mundo sobrenatural. É através das plantas que são construídos canais que ligam os homens aos orixás e espíritos antepassados e vive e versa. Dentro do costume ioruba, por exemplo, as plantas são sagradas, pois nelas estão concentradas as forças vitais dos orixás. Desta forma, a ligação construída entre as plantas e os ritos sacros praticados nas religiões afro-brasileiras é de grande importância[18].

Para o candomblé, essas plantas assumem um caráter sacro uma vez que muitas delas são moradas de divindades e todas elas pertencem aos orixás, possuindo peculiaridades, segredos e poderes. Pois, mais do que curar, as plantas no candomblé também possuem um caráter afetivo, são elas quem conectam homens e orixás[19]. Existe um ditado na cultura ioruba, muito comum, que diz: "cosi ewê, cosi orisá", ou seja, "sem folha. sem orixá": esse ditado expressa a extrema importância que assumem as plantas em todo o processo ritualístico existente no candomblé.

---

18. ALBUQUERQUE, Ulysses P. de &ANDRADE, Laíse de H. C. As plantas na medicina e magia dos cultos afro-brasileiros. In.: ___________ ALBUQUERQUE, Ulysses (Org.). **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p.51.
19. Ibdem, p.53.

As plantas são utilizadas nos rituais de iniciação, de consagração e instalação dos deuses e santuários. Todos os objetos utilizados em todos os ritos são banhados por preparados à base de plantas. As festividades, sejam elas destinadas aos espíritos antepassados ou aquelas ligadas especificamente a um orixá, se utilizam também das plantas. Os trabalhos, ebós, banhos, proteções, celebrações, cantos, danças, alimentação, até mesmo o sacrifício, todos estão intimamente relacionados às ervas.

Como já vimos, as plantas são dos orixás e todos tem sua erva correspondente, mas é Ossaim o orixá das folhas. A mitologia do candomblé conta que Ossaim era o senhor das folhas, das ciências e das eras e o único que conhecia seus segredos, sendo que todos os orixás dependiam delas na luta contra as moléstias. Até que um dia, Xangô julgou que todos os orixás deveriam compartilhar do poder de Ossaim, ordenando que Iansã soltasse um forte vento a fim de arrancar as folhas das florestas de Ossaim. Porém, Xangô constatou que as folhas haviam perdido seu *axé*, seu poder, e que não mais funcionavam. Nesse momento, ele reconheceu a exclusividade de Ossaim sobre o segredo das plantas. Entretanto, Ossaim deu uma folha a cada orixá, ensinando-os seus *ofós*, seus encantamentos. Desta forma, eles agora também podiam realizar proezas com as ervas, mas somente Ossaim conhecia os segredos mais profundos e ele jamais os contou a ninguém[20].

No candomblé, a prescrição das receitas é feita pelo *babalaô*, a partir do ritual divinatório fundamentado no *ifá* – o jogo de búzios – onde, por meios da revelação dos orixás, a plantas corretas são indicadas para o tratamento corporal e espiritual do enfermo[21]. Porém, são apenas os filhos de Ossaim que sabem como realizar a colheita e conhecem os segredos dos preparos[22].

Como já vimos, o candomblé organizou-se a partir da comunhão de diversos aspectos religiosos e de diferentes grupos. Vimos, também, que dos grupos que tiveram suas práticas mais assimiladas, destacam-se os iorubas. De certa forma, a maneira como as plantas são utilizadas no candomblé, em muitos lugares de nosso país, está intimamente relacionado às práticas desse povo, tendo sido grandemente influenciada por seus usos e saberes. Porém, variações são comuns, resultado da influência de outros grupos , de forma a modificar a praticas em determinados grupos de candomblé. As informações que apresentaremos a seguir estão diretamente relacionadas a tradição ioruba

---

20. PANDRI, Reginaldo (2001). Op.Cit. p.153-155.
21. OLIVEIRA, Maria Flores S. de & OLIVEIRA, Orlando J. R. de. **Na trilha do caboclo**: cultura, saúde e natureza. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.p.83.
22. ALBUQUERQUE, Ulysses P. de &ANDRADE, Laíse de H.Op. Cit. p.64.

e sua contribuição na construção do candomblé brasileiro.

Na relação que o candomblé estabelece com o uso das plantas, seja para fins medicinais ou mágico-religiosos, existem diferentes critérios de classificação e utilização. Muito diferente do modelo ocidental atual que é baseado nos estudos de Lineu, a classificação das plantas dentro desta tradição afrobrasileira assume uma frequente relação entre o nome dado a planta e suas qualidades. Sua sistematização geralmente é feita levando em consideração elementos como o cheiro, a cor, a textura das folhas, a reação causada ao toque, a sensação provocada por seu contato, entre outras.

É comum que, nesse sistema de classificação, o nome dado a uma planta possa corresponder a diferentes espécies ou, até mesmo, que uma mesma espécie seja reconhecida por diferentes nomes. Isso ocorre porque ao utilizar-se de características da planta como padrão classificatório é criada a possibilidade de que plantas que compartilhem de determinada característica sejam reconhecidas pelo mesmo nome. Assim também, ao relacionar uma planta com diferentes funções e característica, atribui-se a ela a diferentes formas de reconhecimento[23].

Para que o uso das plantas, principalmente quando empregadas como medicação, seja feito de forma correta, é de crucial importância que seu uso seja acompanhado pela declamação do *ofó*. Os *ofós* "são frases curtas nas quais muito frequentemente o verbo que define a ação esperada, o verbo atuante, é uma das silabas do nome da planta ou do ingrediente empregado"[24]. Também conhecidas como cantigas de folhas, elas são dadas pelo *babalaô* junto da indicação das plantas a serem usadas e desempenham um papel muito importante. Elas podem expressar as folhas escolhidas, a maneira correta de prepara-las e de utilizá-las, mas, acima de tudo, elas são responsáveis pela ativação do axé existente na planta. A palavra é o veículo do *axé*.[25]

A palavra ganha muita importância, uma vez que essas práticas tiveram sua origem em um universo cultural baseado na oralidade: nas religiões africanas, os principais valores e conhecimentos são transmitidos de maneira oral. Desta forma, a importância da transmissão oral assume caráter diferenciado se comparado com aquelas que baseiam seus ensinamentos em documentos escritos. É como se, ao recitar o *ofó*, aquele ensinamento estivesse

---

23. VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.29.
24. Ibdem,p.35.
25. ALBUQUERQUE, Ulysses P. de &ANDRADE, Laíse de H.Op. Cit. p.65.

sendo perpetuado toda vez que aquela planta é utilizada[26].

Segundo o candomblé, o corpo deve ser tratado física e espiritualmente de modo simultâneo, pois a doença é percebida como maleficio de contaminação mágica ou espiritual. Assim, as plantas assumem diferentes usos, apresentando uma difícil separação entre o campo medicinal e mágico, que estão profundamente interligados[27].

As plantas podem ser empregadas em fórmulas que combinam diferentes espécies por meio de banhos, unguentos, óleos, chás, refeições, entre outros. Podem, ainda, ser usadas para curar doenças e ferimentos causados por acidentes, para pedir chuva, para afastar maldições, para evitar o mal ou até mesmo afastar a morte. São usadas como estimulantes, tranquilizantes e tônicos que garantam virilidade e força física ou apenas para que tragam tranquilidade, além de seus usos ritualísticos.

O que podemos perceber é, que, apesar de um inegável processo de branqueamento social, a cultura afrodescendente tem sobrevivido ao longo da história brasileira, com destaque para as religiões de matriz africana que, mesmo tendo passado por anos de sincretismos e assimilações de outras influências religiosas, ainda são capazes de apresentar aspectos e preservar conhecimentos vindos de além-mar resistindo, bravamente, assim como seu povo, à opressão colonizadora.

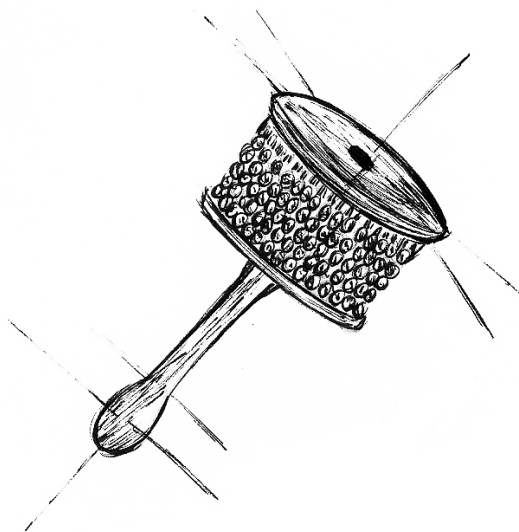
As religiões de matriz africana contribuíram largamente para a construção de um patrimônio mágico e religioso dentro da cultura brasileira. Nossas músicas, nossas lendas, nossa língua, as cantigas e mitos existentes até hoje estão fortemente influenciados pelas práticas de homens e mulheres que, desde o inicio de sua colonização, fazem parte desta terra. Aliás, a própria construção da identidade nacional brasileira utiliza-se de aspectos produzidos pela cultura afro-brasileira.

Apesar de todo preconceito e discriminação com relação às religiões de matriz africana, ainda muito fortes em nosso país, em 15 de dezembro de 1975 foi criada a lei federal nº 6.292, que protege os terreiros de candomblé no Brasil contra qualquer tipo de alteração de sua formação material e imaterial. Atualmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é responsável pelo tombamento dos terreiros, considerados patrimônio histórico e cultural brasileiro.

---

26. VERGER, Pierre Fatumbi. Op. Cit. p.19.
27. Ibdem,p.60.

A própria historiografia tem se renovado ao longo dos anos e buscado analisar, através de outra perspectiva, a trajetória de homens e mulheres que chegaram a essas terras sob o terrível processo da diáspora africana. É mais do que sem tempo que a renovação adentre a porta de nossas salas de aula; afinal, a lei 10.639/3 estabeleceu, em 2003, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de ensino fundamental e médio. Como apontou o último censo, falar sobre esse assunto é falar sobre a história da grande maioria dos cidadãos deste país, que através da miscigenação construiu uma população com múltiplas descendências.

Precisamos compreender que abordar a escravidão não é apenas analisar o tráfico, o trabalho forçado e os ciclos econômicos: é também falar sobre culturas, crenças e saberes. Mas, acima de tudo, falar sobre escravidão é falar sobre vidas roubadas. E a grande questão é: em que medida elas foram algum dia devolvidas?

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Ulysses P. de &ANDRADE, Laíse de H. C. As plantas na medicina e magia dos cultos afro-brasileiros. In.: ___________ ALBUQUERQUE, Ulysses (Org.). **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 51-76
- BARCELOS, Mario César. **Os orixás e o segredo da vida**: lógica, mitologia e ecologia. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.
- BASTIDE, Roger. **As américas negras**: as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- ________________ **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das Interpretações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1985.
- CURTIN, Philip D. The **Atlantic Slave Trade**. A Census. Madison: University of Wisconsin, 1969.
- **Instituto Brasileiro Geografico de Estatística (IBGE)**. Disponível em : www.ibge.gov.br. Acessado em: 20 de janeiro de 2014.
- MAMIGONIAN, Beatriz G. **África no Brasil**: mapa de uma área de expansão. Revista Topoi, Rio de Janeiro ed. 9, v. 5., p. 33-53.2004.
- MARTINS, Roberto Borges. **Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial**: um sumário da experiência brasileira recente. Revista CEPAL, Santiago de Chile, n.82, p.3-72, abr. 2004. (Série Políticas Sociais)
- OLIVEIRA, Maria Flores S. de & OLIVEIRA, Orlando J. R. de. **Na trilha do caboclo**: cultura, saúde e natureza. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.
- **Organização das Nações Unidas (ONU)**. Disponível em: www.onu.org.br. Acessado em: 17 de outubro de 2013.
- PANDRI, Reginaldo. **Herdeiros do Axé**: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- ___________________. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- ___________________. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Para saber mais…

Isaac Facchini Badinelli

Quando falamos em agentes de cura no século XVIII, de quem estamos falando? Médicos, boticários, raizeiros, barbeiros e outros personagens da vida colonial, alguns mais presentes nas pequenas vilas, outros de menor atuação, como os médicos que eram raros neste lado do Atlântico. A medicina, por mais que insistissem os regulamentos e as recomendações vindas de Portugal, era exercida por pessoas das mais variadas origens: dentre estes se destacam os escravos[28].

Não é difícil imaginar que em uma região como a Capitania de Minas Gerais, onde se explorava tanto a mão de obra escrava durante o período aurífero, os escravos tivessem papel importante também na área da saúde. A partir da década de 1980, quando as pesquisas no campo da história da escravidão se expandiram e abarcaram o uso de novas fontes que buscavam evidenciar uma maior dinâmica nas relações no mundo escravocrata é que foi possível iniciar pesquisas que mostrassem essa participação.

Segundo a historiadora Laura de Mello Souza, os negros africanos eram os principais curadores na região de exploração das minas no Brasil setecentista.[29]Suas práticas de cura, no entanto, eram comumente condenadas, sendo relacionadas à feitiçaria. Tanto nas Minas, como por exemplo, na comarca de Vila Rica, como em outras regiões da colônia, os negros que praticavam a cura eram considerados perigosos e estavam à margem das regulamentações da coroa.

Nos livros de denúncias contra não licenciados na região de exploração das minas, que incluíam as devassas eclesiásticas e os cadernos do promotor do Santo Ofício, estes recebiam a estigma de "feiticeiros" e "curadores", sendo sua prática de cura imbuída de visões mágicas e ligadas a "malefícios". Por mais que justificassem em sua defesa que procuravam promover a cura, e muitas vezes os próprios

28. Para saber mais sobre a atuação dos escravos nas profissões de saúde no século XIX, consultar: PIMENTA,Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney (org). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.307-330.
29. SOUZA, Laura de Mello E. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

pacientes assim confirmassem, eram condenados. As mesmas alcunhas não eram conferidas e não aparecem nos processos de brancos não licenciados.[30]

Vários dos relatos contidos no tratado médico Erário Mineral são provenientes dos conhecimentos desses curadores não licenciados, que eram conhecedores das "ervas do mato", o que mostra uma reciprocidade e relação entre os representantes da medicina oficial e os "práticos", que exerciam a medicina nas diversas regiões da colônia. Essas indicações podem ser encontradas não somente no Erário, mas em outros tratados médicos da época.[31]Como observou Luis Felipe Allencastro, houve um intercâmbio intenso entre a Europa e o "Novo Mundo", que dizia respeito não só a troca de mercadorias, mas também na chegada de uma série de novas doenças.[32]Isso fez com que o conhecimento da realidade local para o tratamento das doenças fosse fundamental.

Muitos desses negros eram escravos ou forros que contavam com a autorização de seus senhores para realizar a prática curativa. Utilizam, para isso, seus dias de folga, recebendo pagamento que, muitas vezes, era bastante significativo. Nos tratados de medicina produzidos principalmente por cirurgiões e cirurgiões-barbeiros que estavam em contato constante com outros agentes de cura não licenciados , esses conhecimentos aparecem mesclados com os da medicina acadêmica:.

> Contrariando a especialização das funções definida na legislação sobre a prática da medicina no mundo português, esses cirurgiões faziam prognósticos e curas, teciam teorias sobre as doenças e receitavam medicamentos – todas atribuições exclusivas dos médicos – e até produziam os próprios remédios – atividade restrita aos boticários. Serviam-se não só dos medicamentos tradicionais, que com muito custo chegavam as serras mineiras depois de uma longa travessia marítima, como também de ervas que a natureza local dispunha, cujos usos aprendiam, muitas vezes, com os índios e mestiços.[33]

Uma característica importante das curas efetuadas por esses

30. NOGUEIRA, André Luís Lima. Saberes Terapêuticos nas Minas Coloniais. Diálogos entre medicina oficial e as curas não licenciadas (séc. XVIII). **História Unisinos**,. v. 18. n1. jan/abr.2014.
31. Ibidem. p.20
32. ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI E XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
33. FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.XLI, p.88-105. 2005. p.90.

escravos era a utlização além das ervas como a pacacuanha, butua e paratudo, de orações e uso de "bençãos" que, ditas juntamente com as ervas, poderiam proporcionar a cura. Percebe-se a relação feita entre as práticas das religiões africanas e as crenças católicas, o que pode ser explicado também pela necessidade de burlar as acusações das quais eram alvo. Além disso, utilizavam banhos, vomitórios e emplastros. Embora recorressem a orações católicas, esses negros eram acusados de feitiçaria, pois se acreditava que essas orações eram apenas disfarces para a prática da magia.

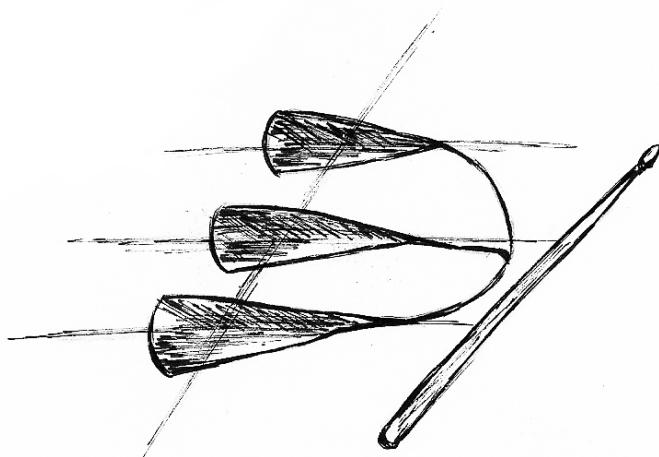
Esse tipo de prática da devoção ligada à cura de determinadas doenças é uma característica que vai permanecer no século XIX e até posteriormente. Hoje, é possível encontrar, mesmo nas grandes cidades, mulheres e homens que, ao recomendar o uso de ervas para males, como as chamadas "trisas" e "mau-olhados", juntamente proferem palavras que fazem parte de várias formas de religiosidade.

Uma série de tratados médicos foram também produzidos para tratar dos males que atingiam os escravos. Identificavam-se, nestas obras, características que fariam com que alguns tipos de doenças tivessem maior predisposição a atacar os negros, expostos ao trabalho e a outras intempéries. Um trecho do tratado Governo dos Mineiros, do cirurgião José Antonio Mendes, aborda a questão:

> Segundo o cirurgião José Antônio Mendes, os negros tinham predisposição ao tétano, por andarem descalços e serem mordidos por animais e feridos por instrumentos: a doença tinha características como "espasmos tônicos dos músculos voluntários". Em parte, explica por que os escravos sofriam desse mal: " Caminhavam descalços pela imundice da cidade, realizavam trabalhos braçais em que os ferimentos eram prováveis e recebiam punições com instrumentos que perfuravam a pele[34].

Assim, a prática médica no Brasil Colônial, não só na região de exploração aurífera mais também em outra regiões da colônia, foi marcada pela atuação de pessoas não licenciadas e mal vistas na sociedade, que no entanto, no momento da necessidade da cura, eram requisitadas por seu reconhecido conhecimento médico, não só entre as camadas populares, mas também entre as elites locais. A despeito

34. MENDES, José Antônio apud VIANA, Kelly Cristina Benjamim. **Mágicos Doutores**: A arte médica entre a magia e a ciência nas Minas Gerais Setecentistas (1735 – 1770). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

das iniciativas oficiais em combater essas práticas, a cura de doenças com ervas, rezas, bênçãos e práticas de origem popular, e sobretudo com origens africanas, foi uma constante que permaneceu mesmo após a reforma do ensino médico em Portugal, a formação das primeiras universidades de medicina no Brasil e as campanhas difamatórias que as consideravam como charlatanismo e obra de feitiços.

Trabalhando com fonte histórica

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.171.

93- RECEITA PARA TRATAR PÉS INCHADOS

Folha de DALBERGIA LACTEA, Leguminosae Papilionoidae

Folha de EHRETIA CYMOSA, Boraginaceae

Ferver. Desenhar o *odu* em *ìyèròsùn*, pronunciando a encantação. Misturar. Tomar a preparação e lavar os pés com ela.

Ìwòrì kòrìǹkan, deixe-o caminhar com ambos os pés.

Òjíjí diz que seus pés devem acordar.

Jásókè diz que os seus pés devem se esticar.

94- RECEITA PARA OSSOS FORTES

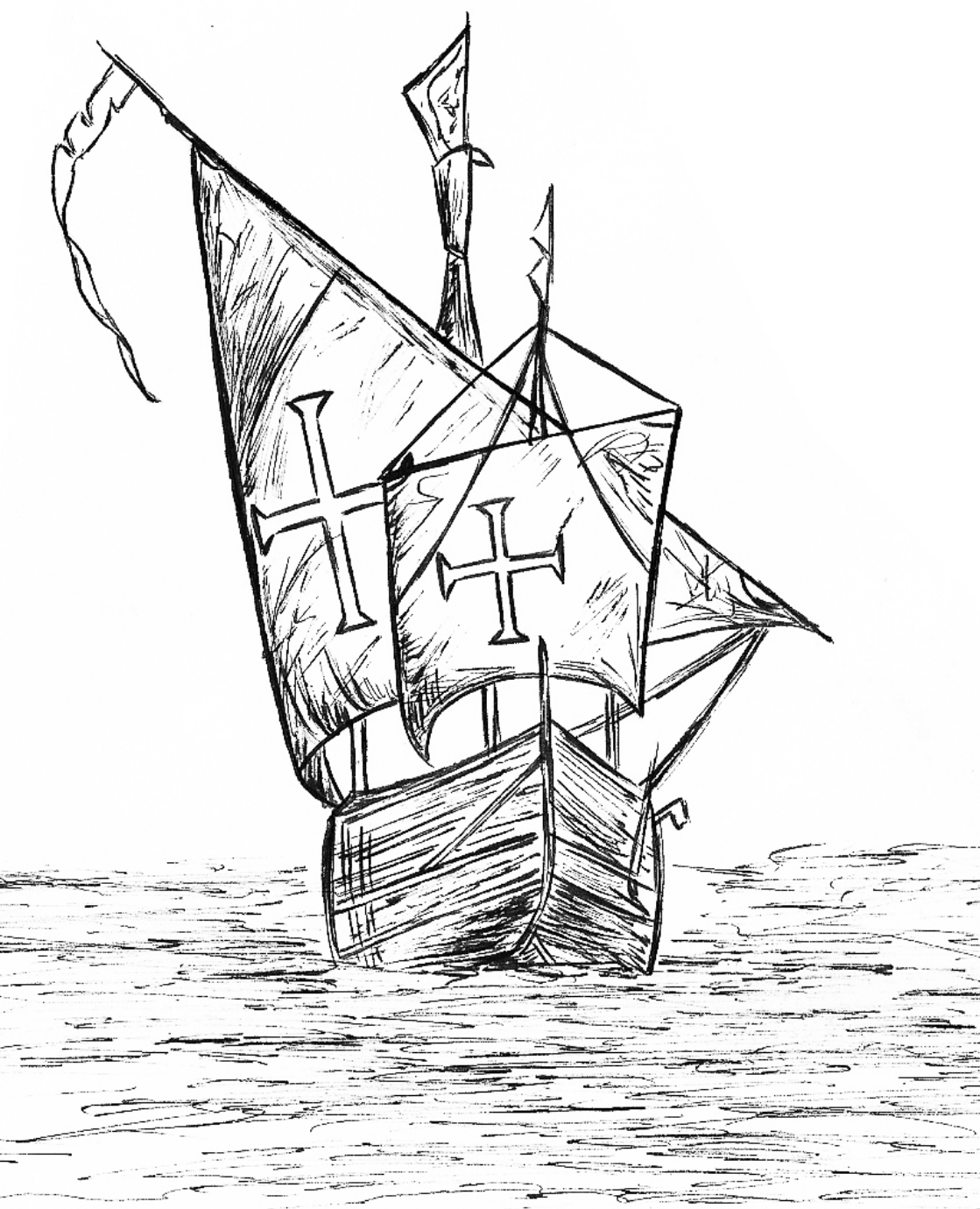
Folha de MALVASTRUM COROMANDELIANUM, Malvaceae

Casca de amêndoa de ELAEIS GUINEENSIS, Palmae (dendezeiro)

Sabão-da-costa

Torrar a folha. Desenhar o odu no pó preto. Moer a casca da amêndoa do dendezeiro. Misturar com sabão-da-costa, pronunciando a encantação, e lavar-se com a preparação.

Ọlówònràn sánsán diz que os meus ossos devem ficar fortes.

O corpo de *eésan* é sempre muito forte.

9. Usos e circulação de plantas medicinais nas navegações portuguesas

Isaac Facchini Badinelli e Luis Fernando Junqueira

Em um período de transformações, o império português, favorecido pelo conhecimento relacionado às navegações e pelo investimento feito por empréstimos e financiamento de judeus portugueses, pode fazer sua expansão e invadir novos territórios. Isto lhe proporcionou novas possibilidades comerciais e uma posição de destaque no comércio internacional de especiarias. A partir da abertura do que ficou conhecido como Rota da Índia, em 1497, pelo explorador Vasco da Gama, Portugal passa a ter um papel fundamental no comércio marítimo. A chegada às costas brasileiras também contribuiu para uma maior interação e entrada neste mercado, muito embora, em um primeiro momento, não tenha existido uma exploração sistemática da nova colônia.

O objetivo deste texto é analisar como o comércio que emergiu nestas novas expansões, influenciou as trocas de plantas medicinais entre os territórios envolvidos. É importante pensar, também, como foram essas trocas entre os países europeus e suas novas colônias. Foram trocas unilaterais, ou existiu uma rede de trocas mútuas entre a metrópole e suas colônias? Como a situação de saúde nas próprias colônias influenciou essa rede de trocas e descobertas? São questões que precisam ser analisadas e propiciam uma reflexão a erca do sistema colonial.Para conseguirmos compreender a trajetória deste comércio e também as diferenças ocorridas entre a exploração exercida pela Companhia das Índias Orientais e, posteriormente, a exploração do território na colônia brasileira, dividiremos este capítulo em partes que contemplam os diferentes períodos de exploração do Império Português.

Depois do estímulo causado pelo comércio da pimenta malagueta africana, o infante D. Henrique passou a intensificar as expedições terrestres com o objetivo de construir um império lusitano da pimenta, visando participar especialmente do lucrativo comércio da pimenta indiana, mais cara e de melhor aceitação na Europa do que a malagueta.[1] Para isso, era necessário descobrir uma rota marítima para a Índia através do mar, contornando o continente africano.

Em 1494, dois anos após a chegada de Cristóvão Colombo na América,

1. RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. São Paulo: Contexto, 2006, p. 101

foi firmado entre Portugal e Espanha o tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo entre estas duas nações mediante um meridiano imaginário para 370 léguas a leste das ilhas de Cabo Verde. Os territórios a leste deste meridiano pertenceriam a Portugal e os territórios a oeste, à Espanha, o que assegurava aos portugueses a exclusividade de comércio via Atlântico com a África e a Índia.[2]

Em 1497, o rei D. Manuel escolheu Vasco da Gama para guiar a rota marítima até à Índia. Em 1498, os portugueses aportaram em Moçambique, ameaçando seu sultão com a artilharia. De lá, partiram rumo a Calicute, na costa indiana, onde depois de diversas dificuldades com seu governante - o Samorim- conseguiram, enfim, permissão para negociarem suas poucas mercadorias: o que os indianos queriam era ouro e isso os portugueses não tinham o suficiente para causar boa impressão.

Passadas tantas dificuldades – especialmente fome e doença – em 18 de setembro de 1499, a frota de Vasco da Gama volta para Lisboa levando muito gengibre, pimenta e canela, gerando lucros de 4000% sobre o valor investido na viagem, o que estimulou ainda mais os portugueses a ir em busca das especiarias. Depois de alguns anos, a pimenta-do-reino tornou-se o produto mais exportado por Portugal para os demais países europeus.

Ao chegarem ao Oriente, os navegadores lusitanos se depararam com civilizações altamente desenvolvidas, cujas origens remontavam ao segundo milênio AEC[3], e que já dominavam o comércio das especiarias há milênios por meio das Rotas da Seda. Devido à intolerância cultural e religiosa por parte dos portugueses, estes constantemente entravam em disputas e conflitos com os indianos – a Índia, neste período, estava dividida em diversos estados –, sendo muitas vezes massacrados por estes ou os ameaçando por meio das armas. Para os portugueses, todos os que não acreditassem em sua religião eram considerados infiéis e deveriam ser convertidos à força, o que dificultava muito a relação deles com os demais mercadores orientais e os reinos indianos.[4]

Goa foi uma das cidades mais importantes tomadas pelos portugueses na costa indiana. A cidade há muito tempo era um dos centros de comércio, tanto por terra quanto por mar, que distribuíam as mercadorias vindas de outras regiões para várias partes do mundo. Com a criação de feitorias e

---

2. Ibidem, p.103.
3. Antes da Era Comum.
4. RAMOS, Fábio Pestana. Op. Cit., p. 116.

fortificações nesta cidade, o comércio das especiarias cresceu muito, gerando altos lucros a Portugal.

Na China e no Japão, a situação foi muito diferente. Ambos os países eram bem organizados e fortemente armados, e os portugueses precisavam negociar por meio da diplomacia. Contudo, devido à má fama destes com os conflitos na África a na Índia os chineses, apenas depois de muito tempo, aceitaram que eles se instalassem em um único ponto do território, em Macau, em 1557, jamais conseguindo penetrar no Império Chinês.

Na China, ao contrário do que aconteceu com outros povos, os portugueses ficaram fascinados com a organização social e a tecnologia chinesa, que em muitos aspectos superavam não apenas Lisboa, mas até o que havia de melhor na Europa:

> Relatos que chegavam até Portugal descreviam as obras de arquitetura como preciosas e engenhosas, fazendo notas que as ruas, nas cidades e aldeias, eram empedradas e pavimentadas, construídas de forma a ser possível enxergar o caminho do começo ao fim [...]. As casas eram baixas e sem andares, com interior muito espaçoso e cheias de todo o gênero de curiosidades e ornamentos, rodeadas por imensos jardins para passeio.[5]

Porém, enquanto os portugueses ficaram admirados com a cultura chinesa, os chineses não compartilhavam desta admiração: para estes, os estrangeiros eram bárbaros e de classe inferior e deveriam sujeitar-se ao Imperador chinês.

Os principais produtos levados para a China pelos portugueses foram especiarias e plantas medicinais indianas, e a prata japonesa, enquanto da China sairam a seda e a porcelana. Dentre as principais e mais lucrativas especiarias estavam a pimenta, o cravo, o gengibre, a noz-moscada, a canela e o cominho.

A partir da segunda metade do século XVI, além da má reputação dos portugueses no Oriente, o número de piratas e saqueadores estava crescendo cada vez mais e passando a gerar preocupações aos comerciantes lusitanos. Holandeses e ingleses estavam se interessando pelo lucrativo comércio e a porcentagem de naus perdidas chegou a quase 50%.[6] Doença, fome, naufrágios estavam se tornando cada vez mais frequentes.

---

5. Ibidem, p. 136.
6. Ibdem, p. 184.

Durante a primeira metade do século XVII, a decadência das rotas asiáticas controladas por Portugal se tornou ainda mais evidente, enquanto que a Carreira do Brasil passou a despertar maior interesse. Os que ainda continuavam defendendo a manutenção da rota, em geral, eram nobres que permaneciam lucrando com as especiarias e demais artigos de luxo asiáticos. Contudo, os portugueses não haviam desistido do comércio das especiarias. Em 1683, foi introduzido no Brasil o plantio de pimenta e canela, obtendo ótimos resultados, tornando inútil a manutenção de feitorias e fortalezas na Índia[7] e ao mesmo tempo inserindo estas e outras especiarias – como o gengibre, trazido pelos holandeses – na alimentação e medicina brasileira.

Citações sobre o uso das especiarias como medicamento são muitas e estão em diversos tratados. No Erário Mineral, por exemplo, Luís Gomes Ferreira recomenda a raiz de gengibre "mastigada e engolida seu suco [...] ou também pisada e dada em água quente ou aguardente [...]" como um grande remédio para dores de barriga e cólicas.[8] O Dicionário de Medicina Popular, de Napoleão Chernovitz, recomenda a canela como estimulante, tônica, para provocar o fluxo mensal das mulheres, e contra dores reumáticas.[9] O mesmo Dicionário cita, ainda, os usos do óleo de cravo-da-Índia para dores de dente e como excitante.[10] O uso destas especiarias como medicamento e como alimento está relacionado, além da sua natureza, com os quatro humores . No caso da citação a seguir, as qualidades da noz moscada são quente e seca, relacionadas à bílis amarela:

> Esta amêndoa é oval, dura, unetuosa, de côr cinzenta avermelhada, com veios cinzentos; cheiro suave e forte, sabor quente. [...]A noz moscada é um estimulante poderoso; empregá-se principalmente na arte culinária; facilita a digestão. A infusão de raspas de moscada, feita em vinho quente, é muito empregada entre a gente dos campos, durante o parto, como tônica e estimulante.[11]

Outras plantas vindas do Oriente foram introduzidas no Brasil, graças a uma série de fatores que fizeram com que um maior fluxo de embarcações e o aumento de explorações comerciais passassem a ter como foco o território

7. Ibidem, p. 192.
8. FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002 p. 364.
9. CHERNOVITZ, Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accesorios para uso das famílias**. 6ª ed. Pariz, 1880, livro 1, p. 448.
10. Ibidem, p. 748.
11. Ibidem, p. 457-458.

brasileiro. O crescimento no número de voluntários para as expedições no Brasil se deve, em parte, ao fato de que, se as condições de viagem ao Brasil não eram melhores do que as condições precárias encontradas nos navios que partiam com direção à Índia, ao menos o tempo de viagem era abrandado. Enquanto uma viagem para a Índia durava em média um ano, as viagens entre Lisboa e o Brasil duravam quatro semanas ou menos.[12]

Incentivando ainda mais este empreendimento, a partir do século XVIII, a Coroa portuguesa passa a dar importância cada vez maior em explorar economicamente as plantas originárias da colônia brasileira, além do maior investimento na produção de espécies exóticas em território de além-mar. Uma das hipóteses para esse interesse é a decadência da exploração das minas de ouro no centro do Brasil, gerando a necessidade de uma nova fonte econômica na colônia. Os investimentos nos produtos da terra e no campo agrário passam a ser marcantes a partir desse período.

O aumento desses contatos gerou grandes passos na divulgação, no continente Europeu, do poder das plantas encontradas na América, que juntamente ao potencial produtor já conhecido incentivou ainda mais a exploração do território. A publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa, em 1794, que continha vários conhecimentos não só sobre a flora brasileira como de outras farmacopeias, além de livros e tratados que já haviam sido organizados anteriormente, tinham o objetivo claro de padronizar um conhecimento que antes parecia disperso e muito suscetível a interpretações consideradas equivocadas. Esta farmacopeia oficial citada ganha destaque por ter intuito de servir como livro didático para os estudantes de botânica do reino português.

Além deste conhecimento propalado por viajantes e pelo interesse econômico, muito do que ficou conhecido a respeito das plantas utilizadas na colônia está ligado à busca constante por compreender e tratar as principais doenças que atingiam a população local. Como é possível notar em vários estudos sobre a medicina do período colonial brasileiro, havia na colônia uma grande conjunção de culturas, onde a aplicação da religiosidade e das crenças populares influenciava substancialmente a arte de curar.

No século XVIII, a medicina colonial parecia conviver com novos e velhos paradigmas. Além de possuir poucos profissionais legitimados pela

---

12. RAMOS, Fábio Pestana. Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: Fator de abandono Gradual da rota das especiarias. **Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 137 , p.75-94.1997

coroa para exercer as artes da cura e possuir um vasto território, com inúmeras porções de terra inabitadas não existia, neste lado do Atlântico, uma concepção de ciência e cura separada do mundo religioso, existindo verdadeiras "Misturas do Humano com o Divino"[13]. As doenças eram encaradas como males enviados por Deus ou pelo Diabo, e a sua concretização era muitas vezes encarada como uma punição. "Considerado um pai irado e terrível, Deus afligiria os corpos com as mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados cometidos, salvando, assim, suas almas."[14]Esses saberes mágicos só passam a ser mais criticados no fim do século XVIII.[15]

Uma série de agentes da cura são identificados neste período mas suas funções não estão bem definidas, sendo motivadas em grande parte pelas necessidades locais. Médicos (em número reduzido), barbeiros, boticários, raizeiros, parteiras e curandeiros se revezavam na tentativa de melhor contribuir para as populações locais, que misturavam o maior número de crenças. Os padres jesuítas, vindos em grande número para o Brasil desde 1549, exerceram enorme atividade na medicina das comunidades mais afastadas até o período, trazendo uma bagagem de saberes da Europa e a ela mesclando novos conhecimentos, principalmente indígenas.

> As boticas dos colégios jesuítas foram inigualáveis, em qualquer parte onde estivessem. A do Colégio do Pará, segundo inventário datado de 1760, além de 20 tomos de medicina, continha recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, alambiques, almofarizes de mármore,ferro e marfim, armários, frascos e potes de várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes, enfim, todo um aparato técnico para a confecção dos medicamentos.[16]

O número reduzido de médicos e a falta de um controle mais rígido por parte da metrópole, fez com que na colônia esses profissionais exercessem livremente a arte da cura. Muitos deles deixaram escritos sobre a forma como procediam e como tratavam seus pacientes em terras brasileiras, sendo que

---

13. NAVA, Pedro apud SILVA, Lenina Lopes Soares."As Misturas do Humano com o Divino" na Medicina Popular do Brasil Colonial. **Mneme** – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, set/out. 2008. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL.
14. DEL PRIORE, Mary apud RIBEIRO, Daniela Baptista Medicina e Práticas Mágicas na Cura de Enfermidades Tropicais no século XVIII. **Revista UNIABEU**. v.6. n. 13. maio-agosto 2013.
15. Para uma análise mais aprofundada sobre o assunto consultar RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**: A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo. Hucitec, 1997.
16. CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil Colônia. **Revista Tempo**, Rio de Jeneiro, v. 10. n 19. p. 61-76. Jul.2005. p. 65

estes relatos revelam a circulação entre conhecimento erudito e popular.

Uma obra de grande importância para os pesquisadores do período colonial, já citada aqui, é o Erário Mineral do cirurgião português Luís Gomes Ferreira. O Erário Mineral foi publicado em Lisboa em 1735, após o autor deste compêndio ter vivido na colônia, mas precisamente na região das minas de ouro, passando pelas localidades de Vila Rica, Sabará e Mariana e participando por alguns anos das campanhas auríferas na região. Luis Gomes Ferreira chegou pela primeira vez no Brasil em 1707, vindo de Lisboa, desembarcando na Bahia, sendo inclusive proprietário de terras e de escravos. A obra reúne diversas experiências do autor, que escreveu apontamentos sobre as especificidades do clima, dos moradores, das doenças, dos tratamentos ministrados, aos quais incorporou diversas ervas locais.[17]

Ferreira foi influenciado por uma lógica das práticas de cura que tem como base a teoria dos humores, originária da tradição médica grega e baseada nos escritos de Hipócrates, sendo posteriormente ampliada por Galeno. O corpo humano seria preenchido por quatro elementos básicos que deveriam estar em perfeito equilíbrio e manteriam a vida humana. São os quatro humores: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, que estariam ligados respectivamente às funções do coração, sistema respiratório, fígado e baço. A cura passava por manter o equilíbrio entre esses humores, que por algum motivo tinha se perdido. Essa teoria perdurou por um longo espaço de tempo, sendo utilizada no Erário de maneira particular, resignificando práticas que remetem ao período medieval. É importante notar que o significado da palavra humor adquire uma conotação diferente no período, servindo para designar matérias liquidas e semiliquidas no corpo humano.[18]

O atrativo do humoralismo, que dominou a medicina clássica e formou a herança dela, estava em seu esquema explicativo, que se calçava em arquétipos conflitantes (quente/frio, úmido/seco etc.) e abarcava o natural e o humano, o físico e o mental, o sadio e o patológico[19].

Essa obra se faz muito importante para a divulgação dos saberes da cura colonial no século XVIII, sendo publicada antes mesmo da farmacopéia

---

17. FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e Segredo: O licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit.p.03-30.
18. MACHLINE, Vera Cecília. Teoria e conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.C.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds.). **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**: 3 º encontro. Campinas: AFHIC, 2004. p. 471 – 478.
19. PORTER, Roy. **Das tripas o coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004. p. 44.

oficial padronizadora da medicina portuguesa. O tratado mostra como eram feitos os principais tratamentos das doenças neste período, evidenciando algumas de suas características, como o uso das panacéias (remédios que serviam para a cura de diversos males): "Em seis libras de água comum, cozam uma onça de cevada descascada e solta na panela, ferva até gastar duas partes e depois se coe; doses é de seis onças, adoçadas com açúcar ou lambedor de violas; virtudes: refresca, tira a sede, tempera as febres e tira os ácidos dos humores"[20].

O fato do Erário Mineral ter sido publicado em Lisboa reforça, em solo europeu, seu papel divulgador dos conhecimentos adquiridos no Brasil. É possível imaginar o quanto a leitura de tratados como o de Luis Gomes Ferreira despertou a curiosidade e o interesse nas plantas nativas brasileiras. Nota-se como os complexos ensinamentos presentes no livro juntam "produtos estercoários, ensinados pela medicina popular ibérica, às ervas medicinais da tradição indígena, transmitidas pelos sertanejos paulistas"[21]. Várias são as passagens da obra em que o autor exalta as propriedades de diversas plantas aqui encontradas e que posteriormente enviadas à Europa sem que, no entanto, seus destinatários estivessem livres de falsificações. As virtudes da Ipecuanha, por exemplo, são reforçadas pelo autor:

> a raiz do cipó chamada pacacuanha [sic] ou por outro nome poalha [sic] nome que lhe deram os gentios carijós e por eles descoberta é uma raiz delgadinha e com muitos nós, enoseada e torta. São estas raízes o único e certo remédio para curar cursos [diaréias]; ou seja de sangue ou sem ele... E também é remédio contra venenos.[22]

Este período da história brasileira assistiu a uma grande transformação da paisagem natural. Novos recursos agrícolas foram implementados, espécies silvestres nativas passaram a ser classificadas e houve uma considerável aclimatação de espécies exóticas. No caso das plantas vindas da Europa, " a cosmopolitização foi pantropical. As plantas que se aclimatavam mais facilmente eram, geralmente, de origem africana ou sul-asiática".[23]

É no século XVIII, também, que passa a haver um investimento

20. FERREIRA, Luís Gomes. Op. Cit. p. 319.
21. WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul – Conhecimento médico e terapêutica nos círculos do tráfico e da escravidão (séculos XVII – XIX). **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.
22. FERREIRA, Luís Gomes. Op. Cit. p.463.
23. DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: A introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218, 1991.

cada vez maior na abertura de jardins botânicos e herbários nas metrópoles europeias. Foram nestes locais que grande parte dos conhecimentos a respeito das plantas de todo o mundo passaram a ser desenvolvidos, buscando-se pesquisas e uma classificação que pudesse sistematizar o conhecimento buscado no novo mundo. A reformas promovidas por Marques de Pombal em Portugal, principalmente no que diz respeito às universidades e a criação da Junta do Protomedicato em 1798, são marcos importantes deste maior investimento da coroa na exploração dos produtos de suas colônias.

Domenico Vandelli foi um dos naturalistas contratados pela Universidade de Coimbra para melhor explorar esses conhecimentos botânicos. Foi auxiliado inclusive por naturalistas brasileiros, que indicavam muitas vezes que uma boa forma de adquirir conhecimento sobre as plantas locais era o aprendizado com os povos indígenas. Através dessas pesquisas várias plantas brasileiras foram enviadas à Portugal.

Foi a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, que eram criados os primeiros jardins botânicos em solo nacional. No mesmo ano foi criado um jardim Botânico no Rio de Janeiro, com o objetivo de produzir novas espécies e plantar madeiras que viriam a ser utilizadas na construção naval[24]. Várias espécies foram trazidas, objetivando aproveitar da terra considerada fértil e propícia à produção de espécies europeias. Vários foram os viajantes que estiveram pesquisando e conhecendo as plantas brasileiras neste período, inclusive o botânico Auguste de Saint- Hilaire que, durante sua viagem, colecionou grande número de plantas consideradas medicinais. Em 1818, Dom João VI criou, no Rio de Janeiro, um museu de história natural, o que representa a importância que passa a ser dada ao tema.

A história do contato entre os europeus e as regiões do planeta por onde passaram e estabeleceram suas colônias é marcada pela exploração e pelo comércio que geraram enormes lucros e sem dúvida alguma, pela dor e sofrimento de muitas populações, incluindo europeias. As mudanças perpassam transformações ocorridas dentro do sistema capitalista, que a partir do momento de desenvolvimento das grandes navegações se desenvolveu de forma cada vez mais incisiva.

A exploração dos recursos naturais encontrados nestas colônias nunca ficou de fora da expansão pretendida. Percebe-se o quanto foi importante para o Império Português o entendimento da natureza nas regiões na qual esteve mantendo contato comercial ou em territórios que se tornaram propriamente

24. Ibidem. p. 218

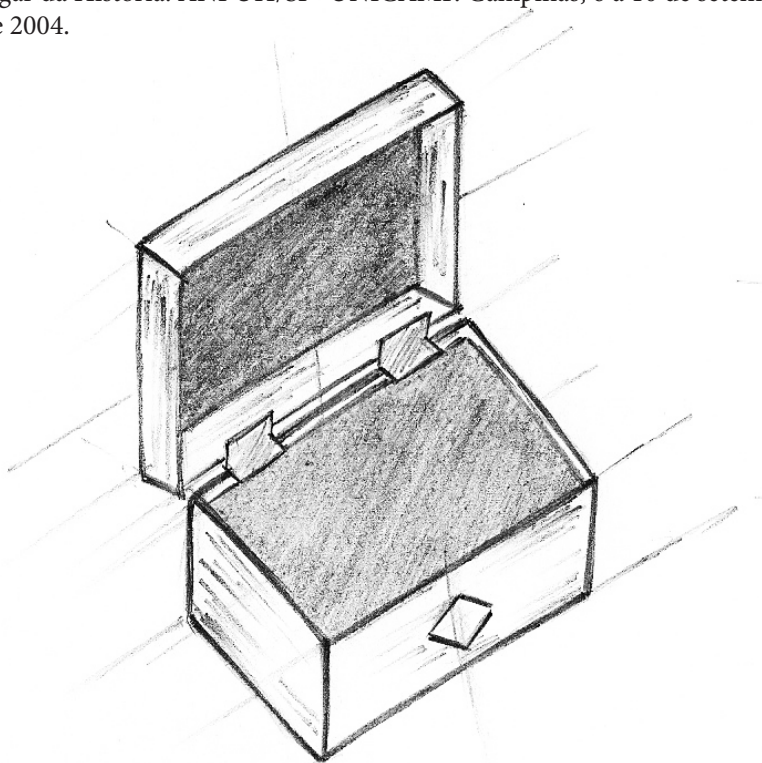
suas colônias. Portanto, é possível observar que em nenhum dos locais onde se estabeleceram colônias de exploração existiu um domínio completo e uma via de mão única: desde os primeiros momentos foi necessária uma interação cada vez mais frequente com os habitantes locais, o que gerou conflitos e fez com que fosse necessária a construção de alianças.

A compreensão destas transformações e a mudança no "foco" do observador levam a uma ampliação em caráter prático do objeto de estudo. No campo de ensino da história, por exemplo, o estudo da utilização e o conhecimento a respeito das plantas medicinais em diferentes períodos, e temas relacionados à história da saúde, oferece a possibilidade de estabelecer um contato que parta de conhecimentos prévios, da vivência, além da busca de suas raízes familiares. A escolha das fontes e da metodologia a ser aplicada influencia muito no resultado a ser alcançado. Diversas fontes sobre o período colonial e monárquico no Brasil podem nos auxiliar na análise e na formulação de atividades que sejam utilizadas dentro da sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e medicina no Brasil Colônia. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10. n 19. p. 61-76. jul/2005.
- CHERNOVITZ, Napoleão. **Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accesorios para uso das famílias**. 6ª ed. Pariz, 1880.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**. A expansão biológica da Europa: 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: A introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-218. 1991.
- FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e Segredo: O licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.) **Erário Mineral**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- GURGEL, Cristina. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 2010.
- MACHLINE, Vera Cecília. Teoria e conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? In: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.C.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds.). **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**: 3 º encontro. Campinas: AFHIC, 2004.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Boiões**: Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista. Campinas-SP: Unicamp,1999.
- MONTEIRO, Paula. **Da doença à desordem**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia São Paulo, : Ateliê Editorial: Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003
- PORTER, Roy. **Das tripas o coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004.
- RAMOS, Fábio Pestana. **No tempo das especiarias**: o império da pimenta e do açúcar. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAMOS, Fábio Pestana. Os problemas enfrentados no cotidiano das navegações portuguesas da carreira da Índia: Fator de abandono Gradual

da rota das especiarias. **Revista de História**, Rio de Janeiro, n.137, p. 75-94. 1997.

- RAMOS, Fábio Pestana. **Por mares nunca antes navegados**: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, Daniela Baptista Medicina e Práticas Mágicas na Cura de Enfermidades Tropicais no século XVIII. **Revista UNIABEU**,. v.6. número 13. maio-agosto 2013.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**: A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo. Hucitec, 1997.
- SILVA, Lenina Lopes Soares. "As Misturas do Humano com o Divino" na Medicina Popular do Brasil Colonial. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. **Mneme** – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, set/out. 2008.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cirurgiões do Atlântico Sul – Conhecimento médico e terapêutica nos círculos do tráfico e da escravidão (séculos XVII – XIX). **Anais do XVII Encontro Regional de História** – O lugar da História. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

Para saber mais...

Renata Palandri Sigolo

Pode ser bastante tênue, às vezes quase inexistente, a linha que separa alimento de medicamento. Se observarmos algumas racionalidades médicas –como a medicina humoral de Hipócrates, o Ayurveda e a Medicina Tradicional Chinesa – percebemos como esta separação é artificial. Isto é particularmente válido quando o assunto são as especiarias.

Os conceitos se mesclam ainda mais quando comparamos ervas e especiarias. Não há uma regra geral para definir as diferenças entre ambas, mas uma das definições esclarece que ervas são mais comumente originadas de folhas frescas ou secas e as especiarias provém de flores, frutos, sementes, caules, raízes ou seivas desidratadas.[25] Também nos deparamos com múltiplas funções de uma especiaria: a canela, utilizada na cozinha e na medicina egípcia, era igualmente empregada como um dos ingredientes dos embalsamamentos[26]. A noz moscada, especiaria cobiçada por portugueses e holandeses, também é alucinógena se utilizada em altas doses (o consumo acima de uma noz inteira), podendo provocar efeitos colaterais indesejáveis.[27]

Como já foi abordado no texto anterior, a importância das especiarias para a economia européia foi enorme e impulsionou a busca de rotas para seu comércio. No período medieval, Gênova e Veneza, principalmente esta última, detinham o controle de comércio com o Oriente, principal fonte de especiarias na época. Veneza estabeleceu um monopólio em 1380, mas seus preços cada vez mais altos impulsionaram Portugal e Espanha a pesquisarem outras rotas.[28]

Portugal iniciou suas buscas no século XIV, com expedições na costa da África Ocidental. Bartlomeo Dias de Novaes foi enviado, entre 1487 e 1488 para abrir as rotas para as Indias e conseguiu passar pelo Cabo da Boa Esperança, mas morreu em 1500 em uma segunda

25. LINGUANOTTO NETO, Nelusko; FREIRE,Renato; LACERDA, Isabel. **Misturando Sabores**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.p.10.

26. MONTET, Pierre. **O Egito no tempo dos faraós**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.p.327.

27. CARNEIRO, Henrique. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**. Rio de Janeiro: Elsevier,2005. p.125.

28. BRUET, Isabelle. **Trésors d'épices**. Une approche ethnobotanique de quelques épices connues, tombées dans l'oubli ou mal connues. Mirabel : Savoirs de Terroirs,2011.p.14.

expedição, devido a um naufrágio. Em 1497, Vasco da Gama partiu de Portugal e alcançou Calicute na India, onde descobriu um intenso e já estabelecido comércio entre árabes e chineses. Em 1502, partiu a expedição de Alfonso de Albuquerque que facilitou, entre outras coisas, o domínio português sobre Goa, Ceilão e Malaca.[29]Neste circuito, o Brasil não ficou ausente: a colonização portuguesa em terras brasileiras teve como objetivo a troca de vegetais entre os continentes.[30]

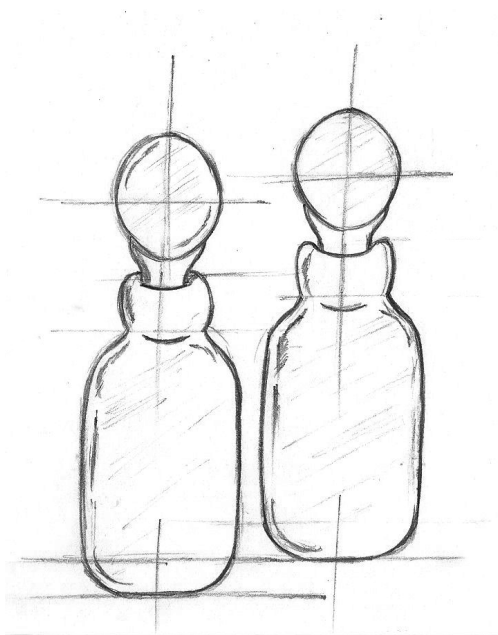
Uma das especiarias mais utilizadas e que bem representa esta circulação é a pimenta. Na Europa, as importações deste produto aumentaram 50% durante o século XV e apenas 27% durante o século seguinte, provocando a diminuição de seu consumo. A baixa de preços e a ampliação do mercado da pimenta ocorreu no século XVII, com a concorrência entre ingleses e holandeses sendo que seu consumo voltou a crescer no século XVIII, com o fim do monopólio de Inglaterra e Holanda das Companhias das Indias Orientais.[31]

Existem vários tipos de pimenta, originadas de diferentes continentes. No Brasil, Sérgio Buarque de Holanda cita dois tipos de pimenta: a pimenta da India, que foi aclimatada em nosso país em 1680[32] e a pimenta da terra, usada como remédio pelos sertanistas do século XVIII[33]. Quando a pimenta preta (*Piper nigrum*) se tornou escassa devido à queda de Constantinopla, em 1453, foi necessário buscar um substituto, encontrado em 1490, com a pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*). Estes exemplos mostram a variedade de plantas denominadas popularmente de "pimenta", nativas de diferentes partes do globo: estima-se cerca de 3 mil variedades de pimentas ao todo.[34]

Diferentemente da pimenta negra (*Piper nigrum*) que é originária do sul da India[35], a pimenta malagueta (*Capsicum frutescens*) é nativa da América Central e do Sul e pertence ao gênero *Capsicum* ao qual pertencem outras pimentas e os pimentões. A generalização do nome pimenta - que vem do latim popular *pigmentum*, em referência ao seu

29. Ibdem,p.15-16.
30. MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri (org.). **Flora Brasileira**. História, arte & ciência. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.p.19
31. FLANDRIN, Jean-Louis ; MONTANARI, Massimo(org.). **História da Alimentação**. São Paulo: estação Liberdade,1998.p.543-544.
32. HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.p.237.
33. Ibdem, p. 86.
34. LAWS, Bill. **50 plantas que mudaram o rumo da história**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.p.38.
35. BRUET, Isabelle. Op. Cit. p.127.

gosto acentuado[36] - se iniciou quando a expedição de Colombo chega ao Caribe, em 1492 e experimentam cápsicos picantes nativos.[37]

As pimentas deste gênero eram cultivadas pelos astecas por suas virtudes medicinais, mais tarde conhecidas pelos europeus. O médico inglês Nicholas Culpeper descreveu a pimenta-malagueta em sua obra Complete Herbal (1653), denominando-a de pimenta-da-guiné, pimenta-da-caiena ou pimenta dos pássaros. Ele interpretava a planta como tendo a influência do planeta Marte, advertindo aos seus consumidores que a pimenta poderia emitir vapores que atravessavam o cérebro, indo até as narinas e provocando fortes espirros, tosse e vômitos. Segundo Culpeper, seu consumo poderia até provocar a morte; porém, se fossem neutralizadas suas qualidades maléficas, a pimenta era indicada para expelir pedras nos rins, curar a hidropsia, mordidas de animais venenosos, halitose, dor de barriga e "doenças femininas"[38].

36. BOISVERT, Clotilde ; HUBERT, Annie. **L'ABCdaire des épices**. Paris: Flammarion, 1998. p.90.
37. LAWS, Bill. Op. Cit. p.38.
38. Ibdem, p.41.

Trabalhando com a fonte histórica

FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.v.2.p.556-557.

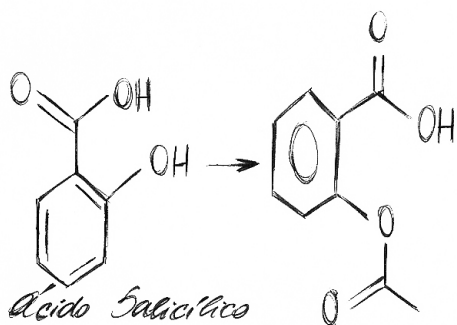
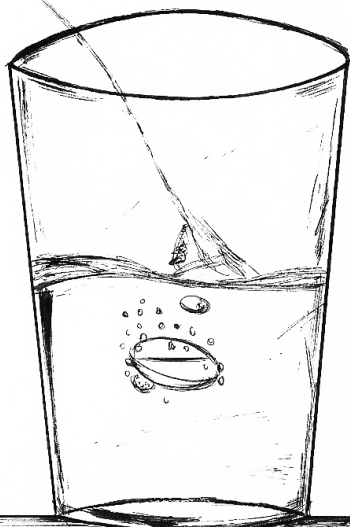
CAPÍTULO VII

De uma receita particular para os defluxos asmáticos que da cabeça caem no peito, remédio único para os curar, e quem não sarar com ele, escuse fazer mais; é segredo dos padres da Companhia de Jesus, do qual não têm ainda notícia ainda médicos, nem cirurgiões; consta de umas águas, que se farão de forma seguinte:

1.Flor de laranja azeda, raízes de malvas com algumas folhas, não muitas, raiz de manjericão, raiz de arruda e raiz de alfavaca; de cada coisa destas uma mão cheia, deite-se tudo em panela nova vidrada, na qual se lançarão também duas libras deágua comum e uma de vinagre branco, com o que há de ficar a panela cheia; ponha-se a ferver com os ditos simples até diminuir a metade e, tirada do fogo, estando morna, se coe e deite em um frasco, e nele se lançarão duas frutas reladas de nome pepes que vêm de Angola e não faltam na Bahia na mão de quem é curioso, e os angolistas costumam trazer, e outras coisas de préstimo, e é cada uma do tamanho de uma azeitona grande; e se vascolejará o frasco por tempo de meia hora, o que se fará uma vez por dia, por discurso de cinco, e, ao mesmo tempo que se vascolejar com ele, estará mal tapado, de sorte que lhe fique por onde respire para não rebentar. Esta é a primeira água.

2. Ajuntem urina de meninos de idade de três ou de quatro anos, até que façam duas libras, e se deite em panela nova vidrada, e se lhe lançará dentro uma mão cheia de raízes de malvas e algumas folhas; tudo bem lavado e pisado, se ponha a ferver até gastar a metade; ao depois se deixe esfriar e se coe, e guarde; esta é a segunda água.

3. Em uma vasilha de cobre, e não em outra, se deitarão duas colheres do remédio da urina, e da outra água uma colher; estando tudo misturado e mexido, se ponha a amornar, e, estando o doente de costas, se mandará

esfregar com esta água desde o pescoço até o fim das costelas por todo o peito, e o mesmo se fará pelas costas abaixo, fio do lombo e costelas, esfregando sempre para baixo por bastante tempo; isto se fará de manhã, estando o doente em jejum e bem agasalhado na cama, e nela estará depois de esfregado duas horas; e depois se poderá levantar bem enroupado com muita cautela do ar e, à noite, depois da ceia; e depois de se deitar na cama, passado algum tempo, se fará a mesma esfregação, continuando-se por tempo de um mês, duas vezes ao dia; e com o regimento seguinte ficará o doente são.

ácido Salicílico → ácido acetilsalicílico

10. As plantas medicinais no Período Contemporâneo: entre saber científico e popular

João Luiz Fernandes Borghezan
Márcia Regina Valério

É conhecida a sentença que diz que o homem usa plantas para tratamento medicinal desde os tempos mais antigos. Durante as várias oficinas elaboradas pelo projeto "Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias", compreendemos um pouco da história do uso dessas plantas em algumas sociedades humanas tais como: China, Índia, Egito, Grécia - apresentando a lógica no uso de plantas medicinais na antiguidade; Europa Medieval e Moderna – traçando alguns dos caminhos que a medicina e as plantas medicinais tomam nesse recorte temporal; chegamos então ao Período Contemporâneo. Este texto tem por objetivo expor uma história geral da medicina do período, com foco no uso das plantas medicinais e a apropriação dos saberes populares pela lógica científica/ mecanicista emergente.

O século XIX é marcado por um movimento onde o laboratório supera cada vez mais a natureza como fonte de medicamentos: um exemplo deste novo olhar pode ser encontrado na história de um remédio de uso bastante popular em nossos dias. Em 1838, cientistas isolaram o ácido salicílico da casca do salgueiro-branco (*Salix alba*), ácido que será sintetizado em laboratório em 1860[1] e em 1899, reformulado na Alemanha com o carboneto anidrido acético[2], transformando-se na aspirina. Essa reformulação foi bem vinda por quem usava o ácido salicílico para tratar a febre, pois reduzia as dores estomacais que eram provocadas na ingestão do ácido em pó, bem como a mudança no seu sabor.

Como dito, o laboratório encontra na casca do salgueiro-branco o princípio ativo que será utilizado para a fabricação da aspirina (ácido acetilsalicílico); porém, já era sabido que os nativos norte-americanos se serviam da casca desta planta para curar a febre. Antes de citar mais alguns exemplos de apropriação dos saberes populares e a ressignificação do uso das plantas medicinais, perpetrada por cientistas do século XIX, gostaríamos de falar sobre a lógica mecanicista que regeu a maioria dos trabalhos e

1. CHEVALLIER, Andrew. **The encyclopedia of medicinal plants**: A practical reference guide to more than 550 key medicinal plants &their future. United Kingdom: DK; 1996.p.24.
2. **A Incrível história da droga maravilha**. Disponível em:http://www.qmc.ufsc.br/qmcweb/artigos/aspirina.html Acesso em 08 out. de 2012.

pensadores deste período.

Para entendermos como foi possível para pensadores e cientistas do século XIX conseguir manipular substâncias e sintetizar medicamentos em laboratórios, devemos voltar alguns séculos para entender a mudança na percepção do mundo que acontece com a expansão das ideias iluministas do século XVII e XVIII. Para muitos, o iluminismo representa o "berço da liberdade moderna", enquanto para outros, o "fascismo e o totalitarismo"[3].

Em síntese, os pensadores iluministas propunham uma mudança na maneira de ver o mundo no século XVII e XVIII, preconizando que o homem deveria buscar respostas para os fenômenos naturais através da razão e da observação, comprovando suas teorias com bases empíricas e matemáticas, e não mais justificar tais fenômenos pela religião, pela ideia de manifestação direta de uma vontade divina ou pela magia. Neste período, ganham força áreas do conhecimento humano como a Matemática, Física e a Química.

Não podemos pensar que esse afastamento da linguagem da Igreja para a explicação do mundo natural significava uma negação da existência de um Deus. As teorias eram muitas, percorrendo vários caminhos do pensamento e do comportamento humano e social da época, dificultando uma assertiva simples onde a investigação da natureza está totalmente afastada da investigação de Deus. Tão pouco essas ideias foram formuladas de forma regular e ordenada, nesse sentido:

> Como é enfatizado por John Brooke (2003), seria imensamente anacrônico colocar uma enorme distância entre a investigação da Natureza e a investigação de Deus, assim como seria simplista afirmar uma transição preordenada entre um cosmos religioso, no qual um Deus pessoal intervinha, para um mais naturalista, governado por leis naturais. Portanto, esta transição de percepção sobre a natureza, introduzida pela revolução cientifica no século XVII, desenvolvida e consolidada no século dezoito, além de gradual, foi não uniforme e regular.[4]

Segundo Carvalho, o pensamento mecanicista - tendo dois de seus principais expoentes René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1643-1727), de modo amplo no que se refere à filosofia natural, consistiria em integrar na explicação de fenômenos naturais os conceitos e métodos da

3. CARVALHO, Cynthia S. **A medicina iluminista e o vitalismo**: uma discussão do Nouveaux Éléments de la Science de l"Homme de Paul-Joseph Barthez (1734-1806). Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.p.11.
4. Ibdem,p.12.

matemática formal da época. O principal objetivo seria, portanto, estabelecer por meio da comprovação na análise matemática a realidade do mundo natural, transformando assim o pensamento incerto da filosofia teológica vigente no período em verdade certa e comprovada por métodos racionais. Notamos essa vontade da procura pela verdade matemática na crítica do pensamento hipotético feita por Newton, que:

> Propôs o que foi mais tarde chamado de "método experimental", defendendo uma correlação estreita entre experimento e procedimentos explanatórios. Embora Newton não "forjasse nenhuma hipótese", seu método dependia do poder organizador da lógica matemática. Uma descrição matemática da realidade era vista como a maneira de se escapar dos horrores do conhecimento contingente e incerto. Na hierarquia do conhecimento, o lugar ocupado por qualquer conhecimento específico era estabelecido pelo grau que seu conteúdo pudesse ser traduzido em princípios matemáticos .[5]

Juntamente com certa hegemonia deste tipo de pensamento filosófico mecanicista, um debate se desenvolveu sobre a matéria em si: se era esta inerte, ou possuía uma força interna inerente, ou era animada por uma alma divina. Talvez seja nesse ponto do pensamento mecanicista sobre a filosofia natural que temos mais ramificações explanativas teóricas, aparecendo com relativa força e importância a ideia sobre a força vital da matéria universal, pensamento que será abordado logo mais neste trabalho. Antes, percebemos que, juntamente com o desenvolvimento de conceitos sobre o mundo visível – que não foi homogêneo, tampouco ordenado, como já observado acima – há o desenvolvimento dos aparatos tecnológicos que possibilitaram então no século XIX os cientistas montarem laboratórios, manipularem e sintetizarem medicamentos.

O mais importante talvez foi a invenção do microscópio em 1590, que literalmente mudou o modo como o mundo passaria a ser visto, ganhando nova dimensão O que não era visto ou nem mesmo existia "passa" a existir de uma maneira irrefutável, pois era possível enxergá-lo com os próprios olhos. Para a medicina, por exemplo, isso representou a comprovação e/ou a criação de novas teorias sobre a composição do corpo humano, saúde e doença.[6] Portanto, temos que ter em mente que o desenvolvimento da tecnologia e

---

5. Ibdem,p.17.

6. **A ascensão da medicina científica: o século XIX**. Disponível em: http://www.planetseed.com/pt-br/ascens-o-da-medicina-cient-fica-o-s-culo-xix Acesso em 10 out de 2012. MEDICINA do século XIX. Disponível em: http://www.facime.xpg.com.br/aulas/SecXIX.pdf. Acesso em 10 out de 2012.

do pensamento se interligam possibilitando as várias teorias e a mudança na percepção e compreensão do mundo natural dos séculos XVII e XVIII, promovendo a forte emergência da indústria farmacêutica e dos laboratórios no século XIX.

De certa maneira, o pensamento mecanicista que colocava o mundo biológico natural em uma ordem definida e classificada, encontrava correspondência na ideia da criação divina. Paradoxalmente, o corpo humano e sua fisiologia foram comparados a uma máquina, como um relógio ou algo similar, com engrenagens e tudo mais. Mas não era apenas a teoria mecanicista que perpassava os círculos filosófico-científicos da época; dentre as muitas teorias que pensavam o homem e o mundo natural no período, destacamos o vitalismo.

Em meados do século XVIII, um grupo de pensadores critica o modo de pensar o mundo natural mecanicista, passando a negar a "necessidade da coerência formal matemática nas explicações para o mundo natural e instaurou-se um ceticismo crítico que revalorizou a contingência sobre a coerência"[7]. Para muitos desses pensadores, principalmente na França, a filosofia natural mecanicista estava ligada a monarquia absolutista, ou seja, a

7. CARVALHO, Cynthia S. Op.Cit. p.27.

regimes políticos elitistas e opressores. Ganham força ideias que reformulam o conhecimento sobre a matéria, centrando interesse nas ciências da vida, química, história natural e medicina. Portanto:

> A discordância básica dos vitalistas em relação ao mecanicismo foi em relação à matéria, que estes consideraram inerte, e "cuja separação entre mente e corpo, ou alma e corpo, apenas Deus poderia curar". (REILL, 2005, p. 7). Segundo Reill, os vitalistas da segunda metade do século dezoito, que ele denominou de 'vitalistas iluministas', procuraram dissolver a dicotomia entre matéria e mente, ou corpo e alma, propondo a existência de uma matéria animada por forças ou poderes que se auto- ativavam, e que era auto-organizada, em um ciclo de relações e interconexões, que foi denominado de princípio ou força vital[8].

A força vital, por conseguinte, não poderia ser vista diretamente nem mensurada, pois não era nem determinada pelo corpo (matéria), nem animada pela alma (intervenção divina), podendo no máximo ser anunciada por sinais perceptíveis através da semiologia e observação. A matéria seria então ativada por essa força vital propondo uma nova teoria da matéria[9].

Seguindo esta descrição, podemos refletir sobre o uso das plantas medicinais a partir da segunda metade do século XVIII, já que o princípio ativo das plantas estava cada vez mais sendo utilizado para a produção de medicamentos em laboratórios. Embora o discurso científico e as tantas transformações sugerissem o uso de medicamentos produzidos em laboratório, os saberes populares e as plantas medicinais continuaram a ser utilizados. Todavia, por mais que no discurso, essa "nova ciência" se distanciasse do conhecimento popular, era por meio deste que normalmente a ciência chegava a compreensão dos princípios ativos de uma planta.

Um exemplo já citado é a aspirina que foi sintetizada a partir da casca do Salgueiro-branco (*Salix alba*), pois o que levou os cientistas a pesquisarem essa planta foi justamente a observação do uso feito popularmente. Outros exemplos são as plantas Quinquina ou quina (*Cinchona officinalis*), pequena árvore da família das Rubiáceas, originária da América do Sul (Peru), utilizada para o tratamento da malária, e a Dedaleira (*Digitalis purpurea*), nativa da Europa, utilizada para o tratamento da hidropsia, ambas utilizadas por práticas tradicionais locais.[10]

---

8. Ibidem,p.28.
9. Ibidem,p.30.
10. CRELLIN, John. Herbalismo, a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina**: a História da Cura. Lisboa: Centralivros,2002.p.83-84.

Ao cuidar da saúde das pessoas alguns médicos não recusavam esses conhecimentos, dedicando-se às formas de tratamento que tivessem como base o princípio da Força Vital e as plantas medicinais:

> Uma característica notável dos cuidados de saúde no século XIX foi o surgimento de terapeutas botânicos "alternativos". Ainda que sempre tenha existido uma grande diversidade de terapeutas a usar plantas medicinais, e embora muitos deles fossem médicos, o movimento alternativo pouco conflito gerou com a medicina convencional até 1800. A partir de então, vários grupos de terapeutas começaram a promover o uso das plantas medicinais de formas diferentes das da medicina convencional.[11]

O médico alemão Samuel Hahnemann, que viveu entre os anos de 1755-1843, foi um desses médicos que propôs um novo sistema de medicina como alternativa às práticas médicas convencionais. "Rejeitando a polifarmacologia dispendiosa, Hahnemann formulou seus novos princípios"[12]. Na redescoberta de um princípio expresso originalmente pelo médico Hipócrates no século V a.C., *similia similibus curantur* (os semelhantes curam os semelhantes), ele criou a homeopatia.

De acordo com o fundador da homeopatia, duas abordagens de cura prevaleciam naquele momento: o tratamento alopático e o homeopático. O primeiro tratava das pessoas por opostos (remédio diferente da doença), o que para ele era um equívoco, pois este tratamento, em muitos casos, debilitava mais os enfermos do que a própria doença. Segundo Hahnemann,"para curar a doença, devemos buscar medicamentos capazes de provocar sintomas no corpo humano sadio"[13]. Ao eleger a lei da similaridade - Os semelhantes curam os semelhantes - e a lei dos infinitesimais – a menor dose do remédio torna-se mais eficaz, com substâncias naturais altamente diluídas - Hahnemann utiliza da força vital dos medicamentos –muitos dos quais advindos da flora- para reestabelecer o equilíbrio da força vital do doente, que é tratado a partir de uma abordagem holística. A homeopatia, portanto, concentra-se no tratamento da pessoa como um todo – aspectos mentais, emocionais, espirituais e físicos, procurando restabelecer o equilíbrio natural do corpo[14].

Uma das experiências que levou Hahnemann a construir os preceitos da homeopatia foi a observação de:

---

11. Ibdem, p. 86.
12. PORTER, Roy. **Das tripas coração**: Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004.p.66.
13. Idem.
14. MARINS, Alvaro et alii. **Dicionário de Medicina Natural**. Seleções Reader's Digest, 2000.p.214.

> […] que um remédio à base de uma planta medicinal para a malária, a casca da quina, provocava sintomas da doença, como dores de cabeça e febre, se fosse tomada por uma pessoa sã. Concluiu que os sintomas eram o modo como o organismo lutava contra a doença e que os remédios que provocavam os mesmos sintomas que a doença poderiam ajudar na cura.[15]

Outro médico que compartilhou da mesma busca por uma medicina que não desconsiderasse o uso de plantas medicinais e da força vital foi o médico inglês Edward Bach, que nasceu no ano de 1886 e viveu até 1936. Acreditando que a doença resultava da desarmonia interna e de pensamentos e sentimentos negativos se manifestando no físico, Bach procurou tratar os sintomas emocionais com propriedades encontradas nas flores, também a partir de uma abordagem integral. Com suas pesquisas, ele descobriu 38 plantas que poderiam tratar de sentimentos como medo, ansiedade, raiva, impaciência, pânico, entre outros[16].

As essências florais foram assim extraídas:

> O orvalho do início da manhã, que cobria as plantas expostas à luz do sol, constatou Bach, absorvia as propriedades da planta muito melhor do que o orvalho caído naquelas que cresciam à sombra. Assim usou o método solar de extração das propriedades das plantas, que envolve deixar flores colhidas flutuarem numa vasilha de vidro com água nascente.[17]

Para estabelecer as peculiaridades do tratamento floral, dentre as plantas das 38 essências Florais de Bach, podemos destacar duas: a Agrimony (agrimonia eupatoria), nativa na Europa Ocidental, e o Centaury (trythraea centaurium) que nasce espontânea no Brasil. A primeira, na antiguidade era indicada como curativa contra o veneno das cobras, e na Idade Média era indicada como cicatrizante. No tratamento floral, "tem a capacidade de fortalecer a vontade e expandir alegria. O Dr. Bach aconselhava seu uso nos transtornos mentais e depressão oculta. Acalma, propicia jovialidade, paz. Equilibra a mente no combate ao álcool, e às drogas. Minimiza receios, vícios, defeitos, fortalecendo a esperança de resultados felizes".[18] Já a Centaury "fortalece a mente e a autodeterminação. É atuante. Seu uso combate a apatia,

---

15. Idem.
16. MCINTYRE, Anne. **Guia completo de fitoterapia**: um curso estruturado para alcançar a excelência profissional. São Paulo: Pensamento, 2011.p.34.
17. Idem.
18. CRAVO, Antonieta Barreira. **Os Florais do Dr. Bach**: As flores e os remédios. Curitiba: Hemus S.A., 2011.p.50.

inércia, desinteresse. Provoca a autodeterminação, atividade, defesa de seus interesses. Esclarece a mente e conscientiza seus valores individuais."[19]

Edward Bach também levou em conta os casos de emergência e elaborou um floral de socorro com o nome de Rescue, que podemos entender como resgate ou salvação. Na composição deste floral estão cinco essências das 38 elaboradas por ele: Impatiens (*Impatiens glandulifera*): útil nas crises de dores musculares e agitação; Clematis (*Clematis vitalba*): nos desmaios e descontroles; Rock Rose (*Helianthemum nummularium*): para os momentos de pânico, medo e terror; Cherry Plum (*Prunos cerasifera*): nos descontroles mentais e físicos; Star of Bethlehem (*Ornithogalum umbellatum*): em caso de traumas mentais e físicos.

Felizmente, tivemos vários médicos no século XX que continuaram a dar importância para as propriedades das plantas medicinais, mesmo com tantas transformações no campo da saúde e das terapias médicas. Podemos verificar esta permanência no uso de óleos essenciais, empregados desde muito tempo por civilizações antigas. Os óleos aromáticos nunca deixaram de ser utilizados, seja como condimento alimentício, terapêuticos, ou perfumaria. Mesmo que a forma de preparação tenha se industrializado e as formas de uso de modificado, as essências merecem o interesse de profissionais da saúde, como os médicos e terapeutas.

A partir do século XIX, os óleos essenciais não estiveram ausentes de investigações por parte do olhar científicode, sendo muito mais testados do que as ervas, embora não tenham sido enquadrados na mesma categoria que estas.[20] Um fato curioso, mas fácil de entender, se levarmos em consideração a ascensão da ciência que passa a valorizar mais o produto advindo da sintetização do princípio ativo das plantas, do que as ervas medicinais propriamente ditas.

As pesquisas sobre os óleos essenciais continuaram no século XX, principalmente por químicos e farmacêuticos, que buscavam descobrir os poderes antissépticos dos óleos essenciais. Foi o caso do químico francês René Gattefossé (1881-1950). Através de suas pesquisas, que se limitavam aos usos cosméticos das essências, percebeu que "muitos óleos essenciais tinham propriedades antissépticas mais poderosas do que alguns dos antissépticos químicos usados na época."[21] Com a menção à palavra "aromaterapia"

19. Ibidem,p.56.
20. TISSERAND, Robert. **A Arte da Aromaterapia**. São Paulo: Roca, 1993.p.52-53.
21. Ibidem,p.53-54.

por Gattefossé em vários artigos, e pela publicação de seu primeiro livro *Aromathérapie*, em 1928, a terapia que utilizava óleos essenciais passa a ser conhecida por esse nome.

Já entre as décadas de 1940 e 1960, o médico francês Jean Valnet (1920-1995), deu continuidade às pesquisas sobre a aromaterapia, utilizando os óleos essenciais para o tratamento de problemas emocionais ou psicológicos apresentados por soldados da guerra. Neste mesmo período, a bioquímica austríaca Marguerite Maury (1895-1968) se interessou também pela aromaterapia, criando técnicas de massagem, tratamentos de beleza e cuidados da pele com uso de óleos[22].

Os óleos essenciais são utilizados para banhos aromáticos, massagens e inalações e são empregados no tratamento de diversos problemas de saúde. Dentre as principais funções das essências estão o revigoramento físico e do ânimo e a tonificação e regulação das principais funções corporais, com efeitos sedativo e calmante sobre o corpo e espírito.

Podemos concluir desta forma, que mesmo com a ascensão da produção de medicamentos em laboratórios, o uso das plantas medicinais, sob as mais variadas formas e através de diferentes agentes sociais continua resistindo ao tempo, assim como os saberes populares que fazem parte do nosso cotidiano. Mesmo que seja através de uma planta no vaso, em uma pequena horta nas casas, ou através de projetos que envolvam a comunidade para a preservação destes saberes, ainda podemos fazer uso deles e expandir tais conhecimentos.

22. MCINTYRE, Anne.Op.Cit.p.33.

BIBLIOGRAFIA

- **A ascensão da medicina científica: o século XIX**. Disponível em: http://www.planetseed.com/pt-br/ascens-o-da-medicina-cient-fica-o-s-culo-xix.Acesso em 10 out de 2012.
- CARVALHO, Cynthia S. **A medicina iluminista e o vitalismo**: uma discussão do Nouveaux Éléments de la Science de l"Homme de Paul-Joseph Barthez (1734-1806). Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- CHEVALLIER, Andrew. **The encyclopedia of medicinal plants**: A practical reference guide to more than 550 key medicinal plants &their future. United Kingdom: DK; 1996.
- CRAVO, Antonieta Barreira. **Os Florais do Dr. Bach**: As flores e os remédios. Curitiba: Hemus S.A., 2011.
- CRELLIN, John. Herbalismo, a antiga tradição. In: PORTER, Roy (org.) **Medicina**: a História da Cura. Lisboa: Centralivros,2002.p.68-93.
- MARINS, Alvaro et alii. **Dicionário de Medicina Natural**. Seleções Reader's Digest, 2000.
- MCINTYRE, Anne. **Guia completo de fitoterapia**: um curso estruturado para alcançar a excelência profissional. São Paulo: Pensamento, 2011.
- **Medicina do século XIX**. Disponível em: http://www.facime.xpg.com.br/aulas/SecXIX.pdf. Acesso em 10 out de 2012.
- PORTER, Roy. **Das tripas coração**: Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro. Record, 2004.
- TISSERAND, Robert. **A Arte da Aromaterapia**. São Paulo: Roca, 1993.

Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

A medicina que conheceu suas ascensão no século XX – e cujas características principais são o valor à objetividade dos sinais da doença em detrimento da narrativa subjetiva do doente, o uso crescente de tecnologia e o olhar sobre um corpo esquadrinhado em pedaços - teve seu berço no final do século XVIII. A atual ciência das doenças ainda é herdeira desta forma de curar que possui, no laboratório e no hospital do final do século XVIII e início do XIX, seus principais espaços de construção. O hospital, por exemplo, sofreu grande transformação após a Revolução Francesa, quando passou a ser um local de aprendizagem médica totalmente diferente das instituições medievais, assim como se modificou o status do médico na sociedade.[23]

Michel Foucault afirma que, no século XIX, a medicina adotou a "soberania do olhar" como forma de identificar a doença no corpo do paciente, substituindo a questão a ele dirigida: de "o que você tem ?" por "onde lhe dói?". Para conhecer a doença, o clínico deveria reconhecê-la no corpo do doente e, para tanto, se construiu, no século anterior, um modelo de classificação das doenças que foi tomado do modelo classificatório de animais e plantas.[24]

No caso da medicina, foi o olhar responsável por definir analogias e diferenças entre as doenças, a fim de atribuir-lhes um quadro classificatório. Foi através da construção de um modelo analógico que se estabeleceu a disposição das doenças de forma inteligivel, supondo a existência de "princípios" para sua criação. O médico Sydenham apontou esta analogia no século XVII: "(...) Quem observar atentamente a ordem, o tempo, a hora em que começa o acesso de febre quartã, os fenômenos de calafrio, de calor, em uma palavra, todos os sintomas que lhe são próprios, terá tantas razões para crer que esta doença é uma espécie, quantas tem para crer que uma planta constitui uma espécie porque cresce, floresce e perece sempre do mesmo modo".[25]

Como se construiu o modelo classificatório do qual a medicina

23. PORTER, Roy. **Das tripas coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2004.p.97.
24. FOUCAULT. Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense universitária,1994.p.2-8
25. Ibidem,p.6.

foi herdeira? A classificação de seres vai ser feita através de diferentes métodos em séculos anteriores, mas foi Carl von Linné (1707-1778) quem elaborou o sistema que seria aceito pela ciência botânica. Os princípios fundamentais de sua classificação foram lançados em 1735, quando publicou sua obra "Sistema natural" e, aparentemente, sua proposta foi adotada por possuir um "estilo telegráfico", com linguagem direta e breve das características das plantas.[26]

O trabalho do médico e zoólogo sueco foi desenvolvido a partir das pesquisas de vários cientistas do século XVII, em especial de Caspar Bauhin (1560-1624). A classificação de Linné compreende vegetais e animais e os sistematiza em categorias como reino,classe, ordem, família, gênero e espécie. O método binomial de nomenclatura, ou seja, o que define cada planta por gênero e espécie, é o mais utilizado pelos estudiosos botânicos e jardineiros.[27]

A base da classificação proposta por Linné foram as características sexuais das plantas. Ele construiu sua proposta dividindo as plantas de acordo com o número de estames (orgãos sexuais masculinos) e de pistilos (orgãos sexuais femininos) : este método produziu reflexões bastante curiosas, pois o cientista muitas vezes se referia aos vegetais como "noivos" e "noivas". Este sistema foi substituido, após sua morte, por um sistema botânico natural.[28]

Ao identificar espécies, Linné não popôs somente nomear plantas e animais, mas reconhecer semelhanças entre indivíduos pertencentes ao mesmo gênero. Além de comparar e identificar, a classificação foi desenvolvida para reter o essencial (segundo seus parâmetros), ignorando o supérfluo: a linguagem foi desenvolvida para ser de fácil memorização e o latim foi constituido como "lingua universal" para evitar confusões. A sistemática de Linné é, também, hierárquica, uma vez que quanto mais restringirmos o nível de classificação, menor é o número de propriedades que aquele ser vivo irá possuir.[29]

No século XVIII, a circulação de informações entre pesquisadores

---

26. PRESTES, Maria Elice Brzezinski. O século dos jardins. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). **História ambiental paulista**.Temas, fontes, métodos.São Paulo, Senac, 2007.p.137.
27. HARRISON,Lorraine. **Latim para jardinistas**. Mais de 3 mil plantas explicadas e detalhadas. São Paulo: Europa, 2012.p.132
28. Idem.
29. ROSSI, Paolo. Classificar. In: _______. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: EDUSC, 2001.p.337-349.

como Linné se beneficiou com a expansão das academias de eruditos, gabinetes, museus, jardins botânicos, que abrigaram coleções contendo os três reinos da natureza, enriquecidas pelas viagens naturalísticas. Nestas coleções, não era suficiente amontoar espécimes: era preciso seleciona-las e organiza-las de maneira plausível.[30]Assim como os espaços de armazenamento e debate sobre os vegetais, os livros de botânica foram instrumentos de difusão do conhecimentos sobre plantas em geral: nestes veículos de informação, os desenhos botânicos tiveram destaque, nem sempre sendo realizados por cientistas. Sobre os livros de botânica, Linné era da opinião de que somente o trabalho do erudito deveria ser levado em conta e, talvez por isso e pelo preço elevado das ilustrações, seus livros foram escassamente ilustrados.[31]Isso nos leva a pensar como a produção e circulação deste tipo de saber ocorreu em um circuito bastante restrito de pessoas nas sociedades europeias.

Mesmo sendo o olhar classificatório de Linné e outros cientistas do século XVIII disseminado e utilizado por estudiosos em períodos posteriores, outros pensadores propuseram maneiras diversas de entender e se relacionar com a natureza. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) desenvolveu uma série de estudos sobre a natureza, mais particularmente a respeito de espécies vegetais. A teoria do conhecimento, na época de Goethe, desenvolveu-se como "mera doutrina do ato de pensar, deduzir e julgar"[32]; neste contexto, o escritor alemão era um 'sensorialista', construindo uma 'teoria da percepção'. Em sua forma de se aproximar da natureza, partilhava das ideias de Rousseau, que se não se descrevia como um cientista, mas como um "colegial" que tinha no conhecimento de plantas uma forma de se divertir, mais do que de se instruir.[33]

Porém, não podemos pensar que Goethe não desenvolveu nenhum método de observação da natureza. Ao construir sua própria sistemática, ele partiu de uma concepção de natureza que não a reduzia

30. PRESTES, Maria Elice Brzezinski. Op. Cit. p.138.
31. SØRNSEN, Madeleine Pinault. **Le livre de botanique**. XVII et XVIII siècles. Paris: BNF, 2008.p.60.
32. KOLLERT, Günter. Prefácio à primeira edição brasileira. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas**. São Paulo: Antroposófica, 1997.p.4.
33. DUBREUIL, Joseph Hériard.Rousseau, la botanique et Goethe.In : ROUSSEAU, Jean Jacques. **La Botanique de Jean Jacques Rousseau**. Vieille-Église-en-Yvelines : Association « La Botanique »,2012.s.p.

em classificar e nomear, como propôs Linné, mas em compreender as "leis da natureza" através de um processo que envolvia diferentes etapas e incluia a intuição como forma de conhecimento.[34]Neste processo, ele vai valorizar o conhecimento do objeto como um todo:

Em cada ser vivo existe o que denominamos partes, porém tão inseparáveis do todo que só podem ser compreendidas nele e com ele. E nem as partes só podem ser empregadas como medida do todo, nem o todo como medidas das partes; e assim, conforme dissemos acima, um ser vivo limitado participa da infinitude, ou melhor, tem algo infinito em si – e isto se não quisermos dizer melhor: que não podemos compreender inteiramente o conceito da existência e da perfeição do ser vivo mais limitado, e portanto, do mesmo modo como a imensa totalidade em que são compreendidas todas as existências, ele deveria ser explicado como sendo infinito.[35]

Seguindo o princípio de unidade, Goethe vai supor a existência de um "modelo arquetípico" que representasse uma essência da flora e explicasse a multiplicidade de espécies. Nasceu, então, o conceito de "planta primordial" que não é uma planta real, mas uma ideia. Esta noção de "ideia primordial" não é aplicada somente às plantas e é assim explicada: "É a alma (psykhé) que vive e se manifesta no organismo; neste caso, não se pode determinar onde termina o corpo e onde começa a alma (ou vice-versa), pois trata-se de duas realidades que comungam as mesmas manifestações orgânicas[36]."

O autor de "A metamorfose das plantas" concebia, em cada vegetal, a manifestação dos quatro elementos (fogo, ar, terra e água), assim como as teorias médicas da antiguidade sobre a composição de macro e microcosmos. Para Goethe, estes elementos e suas combinações forneciam uma explicação para a aparência das plantas. A predominância do ar, por exemplo, faria com que uma espécie fosse mais "aérea", com caules ocos. As plantas teriam um ritmo que as animaria e que não seria mensurável: os diferentes estados vegetativos que se sucedem (raiz, caule, folhas, flores) seriam seu indicativo. Estes ritmos, por sua vez, estariam presentes no corpo humano e seria por correspondência que uma planta teria a capacidade de

34. MARQUES, Antonio. Apresentação. In: GOETHE, Joahann Wolfgang von. **Ensaios Científicos**. Uma metodologia para o estudo da natureza.São Paulo/ Barany; Ad Verbum,2012. p.31.
35. GOETHE, Joahann Wolfgang von. **Ensaios Científicos.** Uma metodologia para o estudo da natureza.São Paulo/ Barany; Ad Verbum,2012. p.44.
36. MARQUES, Antonio. Op. Cit. p.28.

curar determinada perturbação. A medicina antroposófica de Rudolf Steiner (1861-1925) se inspirou nas ideias de Goethe e representa uma forma bastante diferente de ver a saúde e a doença, se a compararmos à medicina que nasceu no século XVIII, influenciada pelo modelo classificatório da natureza.[37]

Mimulus guttatus

37. LAÏS, Erika. L'**ABCdaire des plantes aromatiques et médicinales**. Paris : Flammarion, 2001. p. 14.

Trabalhando com fonte histórica

BACH, Edward. **Os remédios florais do Dr. Bach**. Incluindo cura-te a ti mesmo, uma explicação sobre a causa real e a cura das doenças e os doze remédios. 9ª edição. São Paulo: Pensamento,1992.p.75.

ROCK ROSE

(*Helianthemum Nummularium*)

É o remédio da salvação. É aplicado nos casos de emergência para os quais parece não haver nenhuma esperança. Útil em acidentes ou em enfermidades que surgem repentinamente, ou nos momentos em que o enfermo está muito assustado ou aterrorizado, ou quando o estado é grave o bastante para causar inquietação, nos que estão ao seu redor. Se ele estiver inconsciente, pode-se umedecer-lhes os lábios com este remédio. Outros remédios podem ser também necessários; no caso, por exemplo, em que a inconsciência – ou seja, num estado de profunda sonolência-, Clematis; no caso de o paciente encontrar-se atormentado, Agrimony, etc.

BACH, Edward. Os remédios florais do Dr. Bach. Incluindo cura-te a ti mesmo, uma explicação sobre a causa real e a cura das doenças e os doze remédios. 9ª edição. São Paulo: Pensamento,1992.p.75.

Cordia verbenacea

11. Plantas medicinais no Brasil contemporâneo: da "botica da natureza" à "saúde em frascos"

Renata Palandri Sigolo

A historiografia brasileira[1] indica que, até o século XIX, Portugal não se preocupou de maneira efetiva em fornecer assistência à saúde da população residente no Brasil. A vinda da Corte Portuguesa, em 1808, causou profundas mudanças no país, como a organização do ensino médico em torno das Escolas Cirúrgicas criadas no Rio de Janeiro e na Bahia que, em 1832, se transformaram em Faculdades de Medicina.[2]Mesmo que seu funcionamento tenha sido precário em seus primeiros anos, ambas as instituições representaram não só a possibilidade de formação mas também de fiscalização e monopólio da prática médica.

O controle sobre as atividades de cura foi exercido, entre 1808 e 1828, pela Fisicatura. Nela, o Físico e o Cirurgião Mor eram responsáveis em expedir licenças e cartas obrigatórias para diferentes agentes do universo da cura. Vários ofícios eram regulamentados pelo orgão de fiscalização: médicos, cirurgiões, boticários, curandeiros, parteiras, sangradores, cirurgiões que queriam receitar medicamentos, dentistas e aqueles que curavam doenças específicas como embriaguez e morféia.[3]

Estas atividades obedeciam uma hierarquia, mas qualquer pessoa poderia solicitar uma licença provisória ou carta, bastando apresentar atestado ou declaração fornecidos por seu mestre ou pela comunidade junto a qual exercia suas atividades.O uso de plantas medicinais não estava restrito a um ofício de curar específico, mas uma das atividades mencionadas no século XIX nos chama a atenção: a de curandeiro, que correspondia à pessoa que cuidava das doenças mais comuns com o uso de plantas medicinais nativas.[4]

Em 1828, são extintos os cargos de Físico e Cirurgião Mor do Império e somente em 1830, aparece um pedido para que facultativos, sangradores, parteiras e boticários registrassem suas cartas na Câmara, que era auxiliada

---

1. RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** - cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras,1993.
2. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit.p.194.
3. PIMENTA Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney et alli (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.308.
4. Ibidem. p.309.

pela Sociedade de Medicina. Não são mencionados os curandeiros mas, aparentemente, a falta de uma carta ou licença não os impedia de exercer sua função,pois estes profissionais eram o recurso maior dos pobres e doentes que a medicina não conseguia curar.

No período de existência da Fisicatura, o maior motivo para a concessão de cartas aos curandeiros era a falta de pessoas mais habilitadas para exercer a cura. Uma vez estabelecidas as Faculdades de Medicina e a Sociedade Brasileira de Medicina, o monopólio médico forçou estes profissionais a uma maior marginalização, não os reconhecendo mais como agentes de cura.[5] Curandeiro tournou-se, então, sinônimo de « charlatão » ou impostor.

Várias foram as críticas tecidas nos jornais brasileiros e revistas médicas do século XIX aos agentes de cura que antes eram praticamente o único recurso para os males que afligiam a população. O *Archivo Médico Brasileiro*, em 1848, apontava a ação destes agentes para a cura da embriaguez:

> A velha do Castelo administrava certa mistura de mijo de gato e de assafetida. Outro, que morava na Prainha, mandava beber infusão de fedorenta aos negros dados ao vício da aguardente, e purgava- os depois violentamente com aloes (itálico do original). Havia ainda um negro de Angola que podia ser encontrado na rua dos Ciganos, bem no coração da capital do Império, e que havia trazido uma raiz de Minas Gerais, com a qual curava os pretos da embriaguez (AMB, abril de 1848).[6]

Além dos agentes já citados, dentro do universo de cura formal também as boticas eram veículos de propagação do conhecimento em plantas medicinais. Eram espaços que forneciam medicamentos compostos não só por plantas, também dispensando os conselhos para sua utilização. No século XVIII, as multas para os profissionais que conservassem ingredientes estragados originários da própria colônia era muito maior do que aquelas atribuidas aos ingredientes importados já corrompidos[7]. Este fato nos leva a pensar que a matéria-prima para a elaboração de medicamentos se estragava com frequencia na viagem transatlântica e que os boticários precisavam recorrer e conhecer cada vez mais a flora medicinal local. Por outro lado, a frequente descrição do estado lastimável das boticas e de seus preços exorbitantes leva a crer que inúmeras pessoas faziam do quintal sua farmácia,

---

5. Ibidem, p.322.
6. PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1). p.79., 2004.
7. RIBEIRO, Márcia Moisés. Op.Cit.,p.25-26.

recorrendo ao conhecimento popular transmitido através das gerações.[8]

Vários médicos, botânicos e farmacêuticos pesquisaram sobre as plantas medicinais brasileiras no final do século XIX e início do XX, publicando diferentes compêndios e formulários. O « Formulário e guia médico », conhecido pelo nome de seu autor – Chernoviz - era um dos mais utilizados. Influenciado pelo Iluminismo, Chernoviz via a medicina cientifica superior ao conhecimento popular: em sua outra obra, o « Dicionário de medicina popular e ciências acessórias », o médico deixou clara sua « missão » de impedir o público leitor de ser alvo de « charlatanismo » e « erros populares ».[9]

Podemos observar esta "cruzada", levada a cabo por alguns profissionais de saúde em busca de "esclarecer" o público, presente em outro personagem, o médico francês Sigaud. José Xavier Sigaud, como ficou conhecido no Brasil, chegou ao Rio de Janeiro em 1825 com o objetivo de clinicar e explorar o interior do país como naturalista. Sua imigração foi forçada pelo antibonapartismo reinante em seu país natal e foi facilitada pelas boas relações mantidas entre Brasil e França.[10]

Sigaud formou-se em medicina na Universidade de Strasburg em 1818 e iniciou sua carreira como cirurgião interno do Hospital Geral de Caridade de Lyon. Após, mudou-se para Marseille onde se tornou membro da Sociedade Real de Medicina daquela cidade e fundou o periódico médico Asclepíade, em 1825. Uma vez no Brasil, devido a sua experiência, foi chamado para participar da criação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829.[11]

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro que se tornaria, posteriormente, Academia Imperial de Medicina, dedicava-se à tradução dos principais teóricos da higiene oitocentista. Naquele período, a higiene tentava explicar a relação possivelmente existente entre as particularidades do ambiente e da sociedade brasileiras com seu nível de salubridade ou insalubridade. Sigaud se insere neste quadro de pensamento, pois defendia que a investigação das relações entre clima e doença poderiam explicar as endemias, epidemias e demais doenças existentes no território brasileiro.[12]

8. Ibidem,p.32-33.
9. EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil.Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. p.76
10. FERREIRA, Luiz Otavio. Introdução : José Francisco Xavier Sigaud e a tradução local do higienismo. In: SIGAUD, José Francisco Xavier. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste Império**. Rio de Janeiro: Fiocruz,2009. p.18-19.
11. Idem.
12. Ibidem, p. 17-21.

Enquanto representante da ciência médica, cujos mecanismos de controle vinham se consolidando no Brasil em especial após a criação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Sigaud não poderia se furtar à crítica a outros agentes de cura que não fossem "legítimos":

> A classe dos curandeiros se divide em duas ordens distintas, os curandeiros indígenas e os curandeiros exóticos; esta classificação abrange todos os gêneros, espécies e variedades desta milícia guerreira contra a pobre humanidade. À ordem dos curandeiros indígenas pertencem todos aqueles que, conhecendo bem ou mal as plantas da região, empregam o regime e alguns vegetais para curar mordidas, feridas e outras enfermidades. Na segunda ordem, estão os amadores ou especuladores da patologia humana, verdadeiros empresários das doenças, que exploram os casos graves com lucro, tiram grandes contribuições da credulidade e se servem para tratar ou curar os doentes de fórmulas secretas e de métodos truncados pela ignorância, ou então de certas aplicaçõesousadas diante das quais a prudência da gente da arte recua de pavor.[13]

A desvalorização do saber e atuação dos agentes populares de cura cresceu à medida em que ocorreu o aumento de profissionais habilitados pela academia ou controlados pelas autoridades médicas em sua atuação. A obra de Sigaud, publicada em 1844, apresenta várias plantas medicinais utilizadas em terras brasileiras e, ao mesmo tempo, critica a ação de curandeiros indígenas, africanos e mesmo europeus que dela se utilizavam, porém fora dos critérios racionais da ciência médica de sua época.

Entre os séculos XIX e XX, muitos outros pesquisadores voltaram sua atenção à pesquisa de plantas medicinais, dentro do espírito investigativo que vai marcar o olhar do ser humano sobre a natureza característico do pensamento europeu no período. Dentre eles, Theodore Peckolt (1822-1912), liderou o Laboratório Químico do Museu Nacional na década de 1870 e realizou o maior número de análises químicas da flora medicinal brasileira. Ele descreveu o princípio ativo da Ficus dolaria (gameleira), a « doliarina », usada como vermífugo, purgativo, depurativo e anti-sifilítico. A planta já era de uso pelos curandeiros contra « opilação » ou acilostomose. Peckolt estudou outros princípios ativos de plantas indígenas como a agoniadina, a anchietina, andirina, angelina e carobina.[14]

O isolamento de princípios ativos das plantas medicinais, nativas ou

---

13. SIGAUD, José Francisco Xavier. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste Império**. Rio de Janeiro: Fiocruz,2009. p.131.
14. Ibidem,p.77

não, foi importante na fabricação de medicamentos pela nascente « indústria farmacêutica » brasileira, representada por laboratórios e boticas. O Laboratório da Flora Brasileira, por exemplo, produzia o « vinho ferruginoso quinado de ananás » e as « pílulas depurativas de velamina »[15]. Muitos produtos da farmácia nacional eram anunciados nas páginas dos jornais e em almanaques e vários deles eram à base de plantas medicinais.Porém, o acesso aos produtos farmacêuticos era restrito às camadas mais ricas da sociedade brasileira. Os mais pobres contavam com remédios caseiros ou recomendados por curandeiros ou barbeiros sangradores. É interessante notar que esta medicina popular – base para a pesquisa cientifica sobre a ação das plantas nos quadros de adoecimento- nunca despareceu.

A convivência entre medicina popular e científica pode ser fartamente observada em momentos de epidemia. A Gripe Espanhola, que grassou mundialmente em 1918, é um exemplo. A epidemia, até fins de novembro daquele ano, havia atingido várias partes do globo de forma extremamente virulenta e letal.[16]Os primeiros brasileiros infectados pela doença foram os componentes da missão médico-militar enviada à Europa por ocasião da Grande Guerra. Quando atracaram em Dacar, na África, tiveram contato com a Gripe, que dizimou cerca de cem tripulantes, pressionando o rápido retorno dos sobreviventes ao Brasil.[17]

No final de setembro de 1918, a Gripe Espanhola atingiu quatro portos brasileiros e é difícil saber o número exato de mortos: estatisticamente, chegou-se ao número de 35.240 falecidos, mas estima-se que esta cifra seja bem maior.[18] O que se sabe, certamente, é que a epidemia modificou o cotidiano dos brasileiros: diante da possibilidade de contágio, era necessário se resguardar da circulação em certos espaços e do exercício de atividades do dia-a-dia que pudessem ser suscetíveis ao adoecimento. Além do mais, o medo da doença fez com que a população recorresse às farmácias e aos agentes de cura disponíveis para tentar evitar o mal[19].

Diferentes métodos de cura eram oferecidos na ocasião, que variavam desde a medicina acadêmica até a homeopatia, curas espíritas e medicina popular. Muitas recorriam ao uso de plantas medicinais: a quina (*Cinchona*

15. Ibidem, p. 78.
16. BERTOLLI FILHO, Claudio. **A Gripe Espanhola em São Paulo**, 1918. Epidemia e Sociedade.São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.71.
17. Ibidem, p. 73.
18. Ibidem, p.74.
19. Ibidem, p. 212.

L.), por exemplo, fazia parte do rol de plantas mais buscadas, desde os tempos coloniais. A planta era usada na Europa desde o século XVII para combater a malária e se tornou medicamento primordial durante a entrada do povoamento no interior do Brasil, uma vez que os desbravadores sofriam de variadas febres. Por esta ação antifebrífuga, os preparados à base de quina foram muito oferecidos e procurados durante a Gripe Espanhola, provocando o encarecimento do produto nas farmácias[20].

Outras substâncias – dentre elas ervas medicinais ou produtos delas extraídos - foram vendidas pelo Serviço Sanitário em São Paulo, por ocasião do aparecimento dos primeiros casos de Gripe Espanhola: mentol, tintura de iodo, cânfora, essência de canela, vaselina mentolada, sulfato de sódio e de magnésia, bem como sal de quinino.[21] Os ervanários da cidade de São Paulo indicavam, como preventivo e curativo da influenza, o chá da casca de marapuama (*Acanthes virilis*); além desta outra planta, o melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*) também foi utilizado na ocasião, em forma de banhos e infusões.[22]

Por outro lado, a população também se valia de medicamentos corriqueiros como canela, limão, alho, cebola, sal e pimenta. Uma depoente, entrevistada por Eclésia Bosi no livro Memória e Sociedade e citada por Claudio Bertolli Filho, revela: "Diziam que quem comesse um dente de alho misturado na comida se salvava; comíamos todo o almoço um dente de alho. Mamãe usava um patuá de alho na mão para cheirar. Uma senhora substituiu o colar de pérolas por um colar de alho".[23] O uso de plantas por parte da medicina popular era guiado por concepções de saúde, doença e cura que necessariamente não eram aprovadas ou partilhadas pela medicina acadêmica.

Os primeiros laboratórios brasileiros foram originados das boticas e, por sua vez, foram o embrião da indústria farmacêutica. Em um primeiro momento, que abarca o final do século XIX e os trinta primeiros anos do século XX, os estabelecimentos utilizavam extratos vegetais e produtos de origem mineral como matéria prima para a produção de medicamentos. Os produtos vendidos nas farmácias vinham da manipulação de receitas realizada pelo

20. BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices...e curandeirices. Práticas de cura no período da Gripe Espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et alli (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.199-200.
21. Ibidem, p. 201.
22. BERTOLLI FILHO, Claudio. Op. Cit. p.130.
23. Ibidem, p.127.

próprio estabelecimento, preparados originados dos laboratórios brasileiros, que formavam a nascente indústria farmacêutica brasileira ou da importação de medicamentos.[24]

A partir da década de 1920, a indústria farmacêutica brasileira entrou em franco crescimento, e, embora fosse menor do que a estadunidense, naquele momento detinha o mesmo nível tecnológico que esta.[25]A diferenciação maior existente neste período se refere às estratégias de comercialização dos medicamentos. Outro fator que promoveu a ascenção da indústria estadunidense e européia, a partir da década de 1930, foram os investimentos maiores em pesquisa, contrariamente ao que ocorreu no Brasil.

O desenvolvimento da indústria farmacêutica provocou várias transformações no ato terapêutico, mais precisamente na forma de acesso e nas características dos remédios utilizados para sanar doenças e males. Se, em décadas anteriores, o medicamento era feito pelo boticário em seu laboratório, após anos 1930, principalmente, esta realidade vai ceder à crescente produção da indústria farmacêutica nacional e internacional. Isto provocou uma profunda crise na profissão farmacêutica: os farmacêuticos passam, de elaboradores e manipuladores de substâncias que se transformariam em medicamentos, a meros vendedores de mercadorias.[26]

Esta modificação no papel do farmacêutico foi acompanhada pela tranformação do saber médico: cada vez menos receitas apresentavam a fórmula a ser aviada pelo farmacêutico, uma vez que o ensino médico vai abandonando as cadeiras que habilitavam o profissional para esta função. A indústria farmacêutica passa a informar o médico sobre seu produto, utilizando, entre outros elementos, seus representantes distribuidores de "amostras grátis" e as propagandas farmacêuticas destinadas a este público. Vale à pena lembrar que esta indústria foi igualmente responsável por garantir, financeiramente, a circulação de várias revistas médicas[27].

O estudo sobre a propaganda farmacêutica, especialmente aquela destinada ao público leigo, é revelador sobre o processo de ascenção dos medicamentos industrializados sobre os "caseiros" e aqueles manipulados pelos antigos boticários. A propaganda de medicamentos no Brasil vai

24. TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda farmacêutica e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 26.
25. Ibidem,p.28
26. SIGOLO, Renata Palandri. **A saúde em frascos**. Concepções de saúde, doença e cura; Curitiba, 1930-1945. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
27. Idem.

tomando formas mais sofisticadas e, se compararmos o final do século XIX e o século XX em especial após sua terceira década, podemos perceber a crescente importância deste produto no cotidiano da sociedade. A propaganda sinaliza como o medicamento se transformou cada vez mais em um bem de consumo que pode ser obtido com certa autonomia em relação ao médico e até mesmo ao farmacêutico[28]: através da divulgação nas páginas de periódicos –e do conhecimento popular- há o estímulo a seu consumo de forma direta, através da automedicação.

Além da propaganda farmacêutica, as farmácias se transformam em locais onde outros tipos de produto poderiam ser comercializados, ressaltando o papel do farmacêutico como vendedor de um bem de consumo. Este bem, por sua vez era produto da tecnologia e , enquanto bem simbólico, representava a "segurança" e "eficácia" da ciência, em contraposição aos medicamentos preparados artesanalmente.[29] É interessante notar como a familiaridade com medicamentos industrializados fez com que algumas plantas medicinais fossem renomeadas a partir dos produtos farmacêuticos destinados a sanar os mesmos males, como é o caso da novalgina (*Achillea millefolium*) e do doril (*Alternanthera brasiliana*).[30]

Na década de 1940, com as dificuldades decorrentes da Segunda Guerra Mundial, os laboratórios nacionais passaram a entrar em crise e a serem incorporados por multinacionais em um processo que culminou com a instalação de várias empresas farmacêuticas no final do século XX.[31] Também os medicamentos sofreram, no mesmo período, uma sensível modificação em sua composição: passaram a ser cada vez mais produzidos a partir de substâncias sintetizadas em laboratório. Se observarmos as propagandas farmacêuticas voltadas ao público leigo, enquanto no final do século XIX e início do XX temos a apresentação de substâncias vegetais na composição do medicamento, que facilitariam seu reconhecimento pelo público, após as décadas de 1920 e 1930 estes ingredientes passam a ser cada vez menos mencionados. Mesmo tendo em sua composição plantas medicinais – ou seus princípios sintetizados- isto praticamente não é colocado em valor pela propaganda.

28. LEFÈVRE, Fernando. **O medicamento como mercadoria simbólica**. São Paulo: Cortez, 1991. p. 82.
29. SIGOLO, Renata Palandri. Op. Cit. p. 79.
30. LORENZI, Harri; MATOS, F.J. Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil**. Nativas e exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 2008. 109 e 46.
31. EDLER, Flavio Coelho. Op. Cit.,p.108

O crescimento da indústria farmacêutica inibiu o uso de plantas medicinais como recurso terapêutico. Também o médico e o farmacêutico passaram a conhecer cada vez menos suas características e seu uso[32] em tratamentos, como foi afirmado anteriormente, sendo que vários elementos contribuiram para esta perda de saberes. No final dos anos de 1920 e 1930, houve a melhoria nas técnicas de produção sintética das subtâncias usadas no fábrico de medicamentos, geradas através da reprodução de substâncias naturais ou a partir de pesquisas químicas.[33]Este processo provocou, nas décadas de 1930 e 1940, a revisão da Farmacopeia Brasileira, que perdeu grande parte de seu conteúdo referente aos produtos utilizados na farmácia tradicional e provenientes da flora medicinal brasileira[34].

Nas décadas de 1950 e 1960, com a criação da CAPES e do CNPq, políticas mais recentes foram incorporadas sob orientação destas agências de fomento à pesquisa, como a saída de pesquisadores para a formação no exterior. Desta forma, foi possível introduzir no Brasil novas técnicas e equipamentos desenvolvidos em outros países com maior desenvolvimento tecnológico. Porém, isto não alterou o ensino de graduação e os currículos universitários na área da saúde continuaram se distanciando do ensino em plantas medicinais. O incentivo à pesquisa em plantas medicinais não se traduziu em uma política governamental estratégica para a área, permanecendo um setor de pesquisas de "segunda linha" em comparação à investigação de substâncias sintéticas.[35]

Em 1967, ocorreu o primeiro Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, resultante do movimento de pesquisadores na área. Uma das críticas feitas pelos apoiadores do evento era o paradoxo entre a incipiente pesquisa na área, quando contrastada com o fato de que 80 % dos produtos usados na terapêutica provinham ou eram sintetizados a partir de fonte natural[36]. O Simpósio foi organizado na Santa Casa de Misericórdia e proporcionou a integração entre as áreas de farmacologia, botânica e química. No mesmo período, outro movimento de cunho internacional se construía com a valorização, da OMS, do uso de saberes tradicionais em saúde, como será abordado no texto complementar a seguir.

---

32. FERNANDES, Tania Maria. **Plantas Medicinais**: memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p.39
33. Ibidem, p. 33.
34. Ibidem, p. 34.
35. Ibidem,p. 44-45.
36. Ibidem, p. 59.

Em 1971, foi criada a CEME, Central de Medicamentos a fim de organizar a produção e distribuição de medicamentos no Brasil.[37]Este órgão acabou sendo um dos principais financiadores da pesquisa da flora medicinal. Apesar de ter desenvolvido testes de comprovação farmacológica em plantas medicinais,não foi capaz de produzir medicamentos a partir deles, mesmo sendo este um de seus objetivos.[38]Porém, Marcos Queiroz aponta que a CEME, desde 1983, promove um programa de levantamento de plantas medicinais brasileiras que visa estudar as espécies mais utilizadas pela população, com o objetivo de desenvolver medicamentos de baixo custo. Cinco plantas foram apontadas como potencialmente viáveis para produção industrial: guaco (*Mikania glomerata*), quebra-pedra (*Phyllantus niruri*), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*) e embaúba (*Cecropia glazioui*).[39]

É necessário ressaltar que a difusão do uso de medicamentos industrializados foi um dos fatores estimulantes da crescente medicalização da sociedade. Por medicalização podemos entender o "processo por meio do qual problemas encontrados na vida cotidiana são reinterpretados como problemas médicos"[40], que é resultante, entre outros fatores, das pressões econômicas da indústria da saúde em busca de lucro e da ideia, veiculada pela medicina, de bem estar total. Segundo esta noção, ninguém é totalmente são e sim, potencialmente doente: o foco é a doença e não o ser humano em sua integralidade.

No processo de medicalização da sociedade, o medicamento adquire o papel protagonista de "pílula mágica" que promete resolver, de forma quase que instantânea, a todos os "problemas de saúde", muitos deles decorrentes das próprias características econômicas da sociedade em que vivemos. Traços psicológicos como timidez, ansiedade, agitação recebem atenção farmacologica, muitas vezes de forma superficial, com o objetivo de "devolver" ao indivíduo uma vida ativa , para que ele possa "servir de forma produtiva" a sociedade. Excesso de peso, disfunções sexuais, envelhecimento entre outras "doenças" tem promessa de cura imediata, promovendo grande crescimento do setor farmacêutico[41].

---

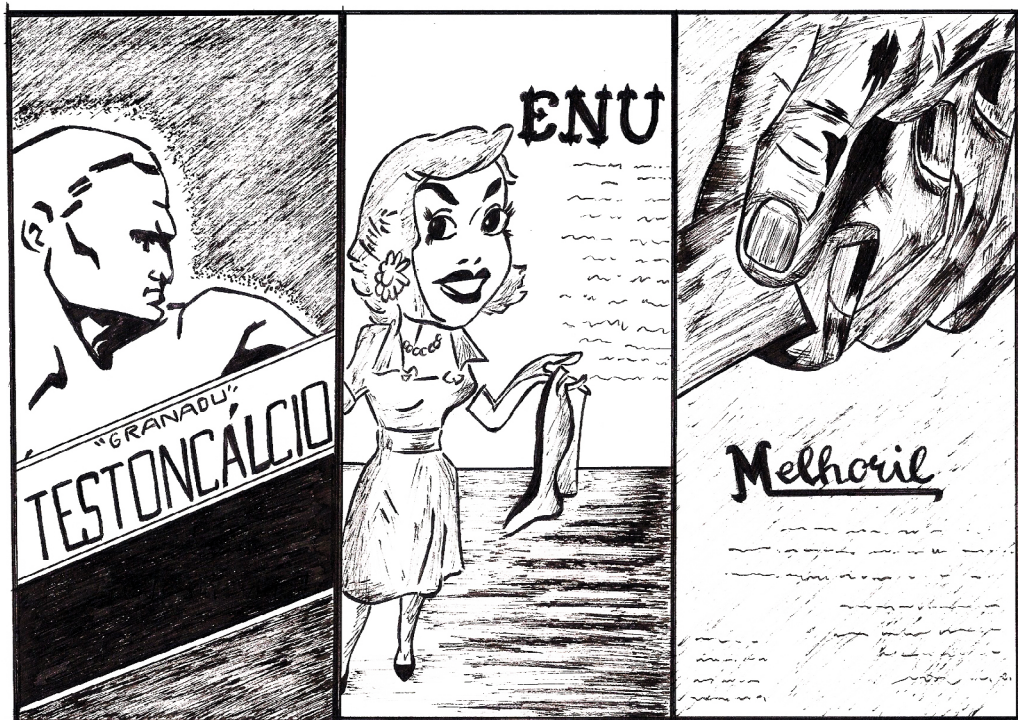
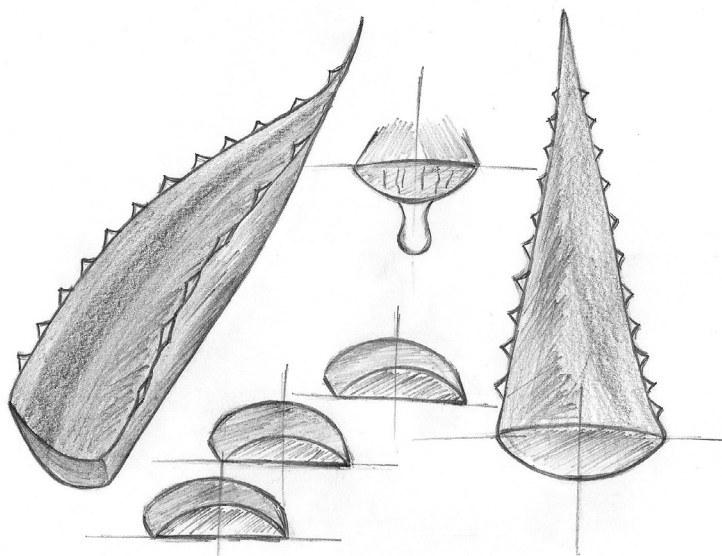
37. CORDEIRO, Hesio de Albuquerque. Estado e indústria farmacêutica:as estratégias da medicalização. In: _____. GUIMARÃES, Reinaldo. **Saúde e medicina no Brasil**: contribuição para um debate. Rio de janeiro: Graal, 1984. p. 259-293.
38. FERNANDES, Tânia Maria. Op. Cit. p. 96.
39. QUEIROZ, Marcos S. **Saúde e doença**: um enfoque antropológico. Bauru: EDUSC, 2003. p.143-144.
40. FUREDI, Frank. Apud: DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: UNESP, 2006. p. 173.
41. Ibidem, p. 144-145.

Obviamente, o quadro de medicalização da sociedade não pode ser revertido apenas através do uso de plantas medicinais. Não é a forma terapêutica em si que pode provocar a reflexão dos indivíduos sobre seu comportamento, atitudes e decisões em relação à saúde e à doença. Neste sentido, a revalorização do uso de plantas medicinais, como a contida na Política de Práticas Integrativas e Complementares, por si só não promove esta reflexão, uma vez que é possível utilizar a flora medicinal com a mesma lógica de quem usa um medicamento industrializado. Para tanto, o uso de plantas medicinais não pode estar atrelado à lógica mercadológica nem pode se limitar ao saber científico como imposição de verdade.

O conhecimento em plantas medicinais é capaz de proporcionar a reflexão sobre os processos de produção e de conhecimento sobre a saúde, a doença e o corpo, possibilitando aliar o indivíduo à própria ideia de saúde ambiental. Ao cultivar o conhecimento sobre a flora medicinal, é possível pensar e questionar sua produção, seu uso, a partilha cooperativa e gratuita de seu conhecimento, a compreensão e atenção com seu próprio corpo e daqueles entes próximos, os cuidados e a integração com o meio ambiente onde vivemos.

BIBLIOGRAFIA

- BERTOLLI FILHO, Claudio. **A Gripe Espanhola em São Paulo**, 1918. Epidemia e Sociedade.São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices. Práticas de cura no período da Gripe Espanhola em São Paulo.In: CHALHOUB, Sidney et alli (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.197-227.
- CORDEIRO, Hesio de Albuquerque. Estado e indústria farmacêutica:as estratégias da medicalização.In: _____.GUIMARÃES, Reinaldo. **Saúde e medicina no Brasil**: contribuição para um debate. Rio de janeiro: Graal, 1984. p. 259-293.
- DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: UNESP, 2006.
- EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil.Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FERNANDES, Tania Maria. **Plantas Medicinais**: memória da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- LEFÈVRE, Fernando. **O medicamento como mercadoria simbólica**. São Paulo: Cortez, 1991.
- LORENZI, Harri; MATOS, F.J. Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil**. Nativas e exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 2008.
- PIMENTA Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, Sidney et alli (org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2003.p.307-330.
- _______. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. H**istória, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1). p.67-92., 2004.
- QUEIROZ, Marcos S. **Saúde e doença: um enfoque antropológico**. Bauru: EDUSC, 2003
- RIBEIRO, Márcia Moisés . **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** - cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras,1993.
- SIGAUD, José Francisco Xavier. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste Império**. Rio de Janeiro: Fiocruz,2009.

- SIGOLO, Renata Palandri. **A saúde em frascos**. Concepções de saúde, doença e cura. Curitiba, 1930-1945. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda farmacêutica e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Aloe vera

Para saber mais…

Renata Palandri Sigolo

Muitos fatores, como o aumento de iatrogenias causadas pelo uso indevido e excessivo de medicamentos, além da forma impessoal e fragmentada de curar da biomedicina encontraram, no solo dos anos de 1970, um terreno fértil para a revalorização de medicinas tradicionais e a entrada de medicinas antigas não nativas que pudessem oferecer cuidados holísticos e personalizados ao doente. Os movimentos de contracultura da década de 1960 estabeleceram bases para o interesse em medicinas que utilizassem plantas medicinais. Caracterizada, entre outras coisas, pela crítica à sociedade de consumo e o interesse por ideias que pudessem romper com esta lógica, a contracultura valorizou o espaço da escolha individual, de práticas alternativas do cotidiano, muitas vindas do Oriente e pela busca de uma relação não dualista com a natureza[42].

Uma das decorrências da contracultura foi a "consciência verde", principalmente desenvolvida entre as classes alta e média. Dentro dos conceitos desenvolvidos por este movimento, estava a noção de que a saúde

42. MONNEYRON, Frédérique; XIBERRAS, Martine. **Le monde hippie**. De l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique. Paris : Imago, 2008.

poderia ser mantida ou recuperada mediante um estilo de vida próximo à natureza, com alimentação livre de agrotóxicos e equilibrada, recorrendo à uma "medicina natural" não agressiva, caso fosse necessário. A valorização das então chamadas medicinas alternativas e do uso de plantas medicinais encontrou apoio no uso já tradicional da flora medicinal por parte da população brasileira, principalmente no meio rural.[43]

Por parte do discurso institucional, temos a definição de medicina alternativa construida em 1962 pela OMS, como " prática tecnologicamente despojada de medicina, aliada a um conjunto de saberes médicos tradicionais".[44] Na Conferência de Alma-Ata, em 1978, a OMS recomendou o uso de medicinas tradicionais e populares nos sistemas nacionais de saúde e no Brasil, em 1986, o Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde no Brasil propôs a introdução de práticas alternativas de assistência à saúde, permitindo o direito de escolha por parte do usuário[45].

Madel Luz relata que as medicinas alternativas tiveram uma inserção maior na América Latina em meados da década de 1970, alcançando seu auge na década de 1980. O uso de ervas para fins curativos não caracteriza uma racionalidade médica[46] pertencente ao quadro das medicinas alternativas; porém, é uma terapêutica presente em praticamente todas as racionalidades e terapias consideradas alternativas e tradicionais. Hoje, cerca de 82% da população no Brasil[47] faz uso de plantas medicinais de diferentes maneiras, tendo como norteadores diversas lógicas de cura.

Em 2006, foi aprovado o Plano Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC). Dentro desta política se desenvolve a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterapicos.[48]A valorização do saber e do uso de plantas medicinais é bastante importante em um país que possui cerca de 55 mil espécies de plantas, tendo sido investigadas apenas 0,4% : certamente o saber popular , juntamente com o conhecimento cientifico, pode contribuir muito na construção de um novo saber herbário brasileiro.

43. QUEIROZ, Marcos S. **Saúde e doença**: um enfoque antropológico. Bauru: EDUSC, 2003.p.139.
44. LUZ, Madel T. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**. Estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo:HUCITEC,2003.p. 38.
45. QUEIROZ,Marcos S. Op. Cit..p.115-116
46. LUZ, Madel T. Medicina e racionalidades médicas: estudo comparativo da medicina ocidental, contemporânea, homeopática, tradicional chinesa e ayurvédica. In: CANESQUI, Ana Maria. **Ciências sociais e saúde para o ensino médico**. São Paulo: Hucitec, 2000.
47. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Práticas Integrativas e complementares**: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica.Brasília: Ministério da Saúde, 2012. p. 15.
48. Ibidem,p.9

Portaria MS/MG n.533 de 28 de março de 2012, que estabelece o elenco de medicamentos e insumos da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais(RENAME)[49]

Nome popular Nome científico	Indicação/ação	Apresentação
Alcachofra (*Cynara scolymus* L.)	Tratamento dos sintomas de dispepsia funcional (síndrome do desconforto pós-prandial) e de hipercolesterolemia leve a moderada. Apresenta ação colagoga e colerética	Cápsula, comprimido, drágea, solução oral e tintura
Aroeira (*Schinus terebenthifolius* Raddi)	Apresenta ação cicatrizante, anti-inflamatória e anti-séptica tópica, para uso ginecológico	Gel e óvulo
Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.)	Tratamento tópico de queimaduras de 1º e 2º graus e como coadjuvante nos casos de Psoríase vulgaris	Creme
Cáscara-sagrada (*Rhamnus purshiana* DC.)	Coadjuvante nos casos de obstipação intestinal eventual	Cápsula e tintura
Espinheira-santa (*Maytenus officinalis* Mabb.)	Coadjuvante no tratamento de gastrite e úlcera gastroduodenal e sintomas dispepsia	Cápsula, emulsão, solução oral e tintura
Guaco (*Mikania glomerata* Spreng.)	Apresenta ação expectorante e broncodilatadora	Cápsula, solução oral, tintura e xarope
Garra-do-diabo (*Harpagophytum procumbens*)	Tratamento da dor lombar baixa aguda e como coadjuvante nos casos de osteoartrite. Apresenta ação antiinflamatória	Cápsula, comprimido
Hortelã (*Mentha x piperita* L.)	Tratamento da síndrome do cólon irritável. Apresenta ação antiflatulenta e antiespasmódica	Cápsula
Isoflavona-de-soja (*Glycine max* (L.) Merr.)	Coadjuvante no alívio dos sintomas do climatério	Cápsula e comprimido
Plantago (*Plantago ovata* Forssk.)	Coadjuvante nos casos de obstipação intestinal habitual. Tratamento da síndrome do cólon irritável	Pó para dispersão oral

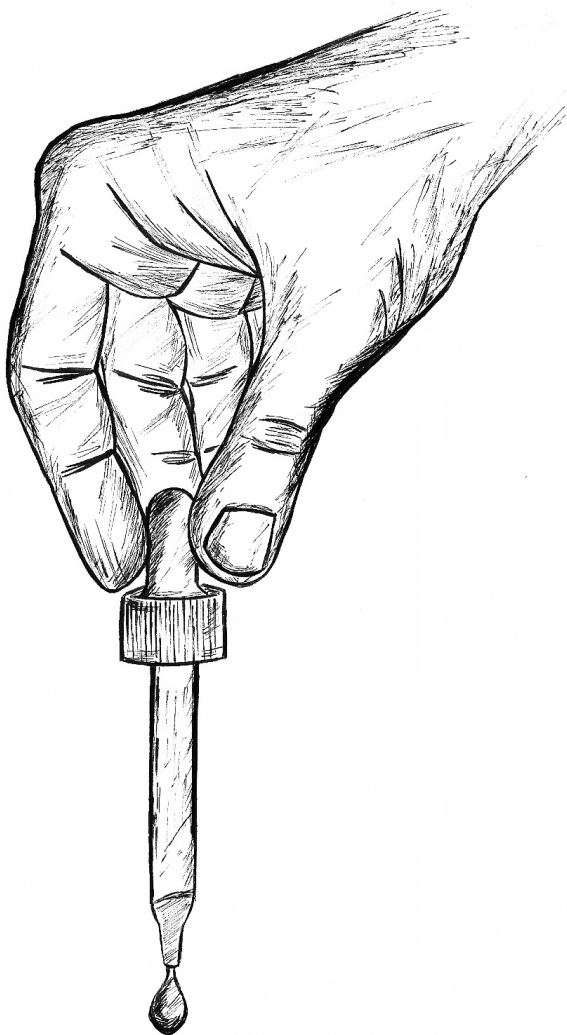
49. Ibdem, p.83.

Nome popular Nome científico	Indicação/ação	Apresentação
Salgueiro (*Salix alba* L.)	Tratamento de dor lombar baixa aguda. Apresenta ação antiinflamatória	Comprimido
Unha-de-gato (*Uncaria tomentosa* Willd. ex Roem. & Schult.)	Coadjuvante nos casos de artrites e osteoartrite. Apresenta ação antiinflamatória e imunomoduladora	Cápsula, comprimido e gel

Trabalhando com fonte histórica

SIGAUD, José Francisco Xavier. **Do Clima das doenças do Brasil ou estatística médica deste império**. (1844) Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p.131-132.

Os índios reconheceram nas províncias quase todas as substâncias vegetais; a lista dos leites, gomas, resinas, sumos e extratos vegetais da província do Pará, a mais rica de todas as províncias do Brasil em plantas alimentícias e especiarias, é um modelo do gênero: leite de curupita, para dores de peito e hérnias; folhas da xiticaá, nas retenções de urina; raízes de manacan, para dores venéreas; infusão de folhas de ipadu nos casos de dor de estômago; fava de copahu, raiz de marupá-mirim, contra a diarréia; marapuana, remédio anaplético; andorinha, nos casos de hemorróidas e em banhos; raiz de jacareruaitana, nos ferimentos; doiradinha, na qualidade de emético; raíz de jatobá ou de marupá ou ainda de sucuba, como remédio catártico(…)

A esta longa lista das plantas que os índios deram a conhecer aos habitantes do Pará, ainda é possível acrescentar uma série de outras cascas e de preparações compostas como venenos e o guaraná; mas isto seria fatigar a atenção. Em outras províncias do Império, há igualmente uma coleção de plantas preciosas das quais é possível ler o nome nos jornais publicados pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Se chegassem as gentes a constituir matéria médica a partir desses dados, conseguindo constatar seus efeitos terapêuticos de uma maneira positiva, isto representaria um serviço útil ao país, um golpe mortal, segundo admitiu o sr. Baena, contra esta legião ameaçadora de amadores e de velhas senhoras que tratam a saúde pública como inimiga.

Impresso pela Imprensa Universitária / UFSC